

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Departamento de Sociologia

ADULTOS QUE NÃO COMPLETARAM A ACTUAL
ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA: QUE DESAFIOS
PERANTE O MERCADO DE TRABALHO?

Marina Nobre Cavacas

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia das Organizações, Trabalho e Emprego

Orientador:

Professor Doutor Paulo Pereira de Almeida

Setembro, 2008

Agradecimentos

À minha avó, pela força que me deu sempre durante todo este percurso.

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado.

Ao professor Paulo Pereira de Almeida, pela forma como me orientou e acompanhou.

Ao professor Rui Brites pelo apoio prestado no tratamento e análise dos dados.

Às instituições e pessoas que me acolheram durante a realização do trabalho de campo.

Adultos que não completaram a actual escolaridade obrigatória: que desafios perante o mercado de trabalho?

Resumo

Na actual sociedade, a educação e a formação profissional são as principais formas de preparação ou adaptação dos indivíduos para o mundo do trabalho, o qual tem vindo a tornar-se ao longo do tempo cada vez mais exigente. Como tal, a escolaridade insuficiente ou desadequada é um verdadeiro factor de vulnerabilidade para os indivíduos, constituindo um problema no momento de entrada e permanência no mercado de trabalho.

Este trabalho de investigação tem como problemática central os baixos níveis de escolaridade no contexto português, e tem como principais objectivos analisar os desafios com os quais se deparam os indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória no mercado de trabalho, especialmente quando confrontados com uma situação de desemprego.

O estudo empírico foi desenvolvido através de uma metodologia qualitativa, com a finalidade de aprofundar a experiência de desemprego dos indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego do Seixal.

Como conclusão, verificou-se que a situação de desemprego surge recorrentemente na vida destes indivíduos e é particularmente penosa, uma vez que a sua reinserção profissional é dificultada não só pelos baixos níveis de escolaridade, mas também por outros factores cumulativos, destacando-se entre eles a idade.

O desemprego parece constituir apesar de tudo é uma espécie de despertar, pois é durante este período que os indivíduos tomam realmente consciência das suas vulnerabilidades, mobilizando-se alguns para as ultrapassar enquanto outros se resignam.

Palavras-chave: Escolaridade, desemprego, reinserção profissional, adultos

Adults who did not complete the current compulsory education: what challenges facing the labour market?

Abstract

In the current society, education and training are the main forms of individuals' preparation and adaptation to the labour market, which has become over time more and more demanding. As such, the insufficient or inadequate education is a real source of individual's vulnerability and constitutes a problem at the time of entry and permanence in the labour market.

The central thematic of this research work is the low levels of schooling in the Portuguese context and has as main objectives to examine the challenges which face those who did not complete the current compulsory education in the labour market, especially when confronted with unemployment.

The empirical study was developed through a qualitative methodology, in order to deeply understand the experience of unemployment for individuals who did not complete the current compulsory school enrolled at the Seixal Employment Center.

In conclusion, it appeared that unemployment is recurrently in the lives of these individuals and is particularly distressing because their reemployment is complicated not only by low levels of schooling, but also by other cumulative factors, highlighting up the age.

Unemployment appears to be, after all a kind of awakening, as it is during this period that individuals make really aware of their vulnerabilities, mobilizing itself to overcome them while some others have resigned.

Key- words: Schooling, unemployment, reemployment, adults

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice.....	iv
Índice de abreviaturas.....	vi
Índice de figuras e quadros.....	vii
Introdução.....	1

Parte I – Sociedade em mudança: que desafios?

Capítulo 1: Desafios para o trabalho e do emprego na Sociedade da Informação.....	4
1.1. Desafios da educação/formação.....	6
Capítulo 2: Algumas considerações sobre o desemprego em Portugal.....	9
2.1. Consequências pessoais, sociais e económicas do desemprego.....	11
2.2. O problema da inserção/reinserção profissional.....	12

Parte II – Adultos que não completaram a actual escolaridade obrigatória: que desafios perante o mercado de trabalho?

Capítulo 3: Algumas considerações sobre os baixos níveis de escolaridade da população portuguesa.....	15
3.1. Respostas institucionais ao problema dos baixos níveis de escolaridade da população portuguesa.....	17
Capítulo 4: As vulnerabilidades dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória: breve caracterização estatística.....	20
4.1. A situação dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória face ao emprego.....	20
4.2. A experiência do desemprego para os indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória.....	24

Índice (cont.)

Capítulo 5: O problema dos trabalhadores com fracos níveis de escolaridade no actual mercado de trabalho.....	27
---	----

Parte III– Adultos que não completaram a actual escolaridade obrigatória em situação de desemprego: o caso do Seixal

Capítulo 6: Metodologia e trabalho de campo.....	33
--	----

Capítulo 7: Adultos que não completaram a actual escolaridade obrigatória em situação de desemprego: o caso do Seixal.....	37
--	----

7.1. Percurso escolar e profissional.....	39
---	----

7.2. Desemprego e estratégias desencadeadas para resolver a situação.....	42
---	----

7.3. Perspectivas para o futuro.....	47
--------------------------------------	----

Considerações finais.....	50
---------------------------	----

Referências Bibliográficas.....	53
---------------------------------	----

Anexos.....	56
-------------	----

Anexo 1 – Quadros estatísticos.....	57
-------------------------------------	----

Anexo 2 – Modelo de Análise.....	63
----------------------------------	----

Anexo 3 – Guião de entrevista aprofundada aos desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego do Seixal.....	65
---	----

Anexo 4 – Transcrição de entrevistas.....	69
---	----

Anexo 5 – Análise de conteúdo das entrevistas (quadros síntese).....	107
--	-----

Índice de abreviaturas

DLD – Desempregados de Longa Duração

EUROSTAT – European Statistics

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

INE – Instituto Nacional de Estatística

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OIT – Organização Internacional do Trabalho

POPH – Programa Operacional do Potencial Humano

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UNIVA – Unidade de Inserção da Vida Activa

Índice de figuras e quadros

Figuras

Figura 1.1 – Possibilidades de aprendizagem no trabalho.....	8
Figura 2.1 – Evolução da taxa de desemprego nos países da União Europeia entre 2000 e 2007.....	10
Figura 2.2 – Evolução da taxa de desemprego de longa duração nos países da União Europeia entre 2000 e 2007.....	10
Figura 3.1 – Abandono escolar precoce nos países da União Europeia (Ano 2007).....	16
Figura 3.2 – Percentagem de população, dos 25 aos 64 anos, que participa em educação e formação nos países da União Europeia (Ano 2007).....	17
Figura 5.1 – Situação relativamente ao emprego e às perspectivas de empregabilidade	31
Figura 7.1 – Motivos de saída da escola.....	41
Figura 7.2 – Diligências efectuadas para encontrar emprego.....	44
Figura 7.3 – Factores que dificultam a reinserção profissional dos entrevistados....	45
Figura 7.4 – Perspectivas para o futuro.....	48

Índice de figuras e quadros (cont.)

Quadros

Quadro 4.1 – Evolução da taxa de emprego, por nível de escolaridade completo entre 1998 e 2007.....	21
Quadro 4.2 – População empregada segundo o sector principal (CAE-Ver. 2.1), por nível de escolaridade completo (Ano 2007).....	21
Quadro 4.3 – População empregada segundo situação na profissão principal, por nível de escolaridade (Ano 2007).....	22
Quadro 4.4 – População empregada segundo o regime de duração do trabalho, por nível de escolaridade completo (Ano 2007).....	23
Quadro 4.5 – População empregada segundo o tipo de contrato de trabalho, por nível de escolaridade completo (Ano 2007).....	23
Quadro 4.6 – Evolução da taxa de desemprego, por nível de escolaridade completo entre 1998 e 2007.....	25
Quadro 4.7 – População desempregada segundo a duração da procura de emprego, por nível de escolaridade completo (Ano 2007).....	25
Quadro 7.1 – Evolução do desemprego registado no Centro de Emprego do Seixal entre 1997 e 2007.....	37
Quadro 7.2 – Desemprego registado no Centro de Emprego do Seixal, por tempo de inscrição, segundo habilitações literárias (Ano 2007).....	38
Quadro 7.3 – Evolução dos desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal entre 1997 e 2007.....	38

Introdução

A transição para uma Sociedade da Informação e do Conhecimento desencadeou inúmeras transformações em todas as esferas da vida, particularmente no mercado de trabalho. Este é actualmente caracterizado pelas crescentes exigências ditadas por uma economia cada vez mais competitiva, onde os recursos humanos altamente qualificados parecem ser a chave do sucesso.

Neste contexto sobressai a polarização entre os mais e os menos escolarizados, tendendo estes últimos a apresentar uma situação cada vez mais vulnerável face às novas dinâmicas do trabalho e do emprego.

Tendo em conta que Portugal é ainda um país onde a maior parte da população possui baixos níveis de escolaridade, tomando-se aqui como indicador o facto de mais de metade da população não ter completado a actual escolaridade obrigatória de nove anos, parte-se então para a investigação cujo objectivo principal é a análise das vulnerabilidades destes indivíduos perante um mercado de trabalho cada vez mais exigente e selectivo, pretendendo-se analisar em particular como é vivida por estes a situação de desemprego.

O interesse e a preocupação foram os factores que mais motivaram a escolha da problemática, aliados ao facto desta parecer especialmente pertinente num momento em que as preocupações dos poderes públicos parecem incidir cada vez mais no problema dos baixos níveis de escolaridade dos portugueses, uma vez que estes impõem limitações à vida profissional dos indivíduos, mas têm também pesados efeitos sobre o potencial crescimento económico do país. Justificando tais preocupações tem vindo a assistir-se nos últimos anos a uma maior mobilização para o combate às baixas qualificações, promovendo-se neste âmbito várias iniciativas, das quais se destaca a Iniciativa Novas Oportunidades, não só pela sua mediatização, mas também pelos resultados positivos já demonstrados desde a sua implementação.

Para responder aos objectivos propostos, realizou-se numa primeira fase da investigação uma pesquisa de bibliografia nacional e internacional não só sobre o tema em questão, (como o objectivo de precisar conceitos e também de levantar novas questões) mas também sobre todos os que com este estão relacionados, procurando assim uma abordagem o mais completa possível. A par desta pesquisa, foram também recolhidas e analisadas estatísticas recentes e relevantes para a caracterização da

situação dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho.

Na segunda fase da investigação procedeu-se à realização do trabalho de campo. Tendo em conta a natureza dos objectivos definidos, optou-se por uma abordagem qualitativa, que teve como suporte um conjunto de entrevistas em profundidade realizadas a desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória de nove anos, inscritos no Centro de Emprego do Seixal.

Na terceira e última fase desta investigação, organizou-se a informação recolhida e procedeu-se à sua análise através de programas informáticos adequados. Por fim, redigiu-se a versão final da tese na qual se incluíram todas as conclusões retiradas ao longo deste percurso de investigação.

A exposição que se segue, produto final das operações de pesquisa referidas, encontra-se organizada em três partes. A lógica que presidiu a organização dos capítulos procurou conciliar a facilidade de leitura com uma coerência expositiva dos temas.

A primeira parte – constituída por dois capítulos – corresponde a um enquadramento geral da investigação. No Capítulo 1, são analisadas as transformações que têm ocorrido no trabalho e no emprego e os novos desafios da educação/formação daí decorrentes. No Capítulo 2, procura-se reflectir sobre a temática do desemprego e sobre a forma como este fenómeno afecta particularmente determinados grupos.

Na segunda parte do trabalho – constituída por três capítulos – analisa-se a situação dos indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho. No Capítulo 3, procura-se dar conta do atraso que Portugal ainda apresenta em termos educativos face aos outros países da União Europeia. Também aqui são apresentados alguns programas que funcionam actualmente como respostas institucionais ao problema dos baixos níveis de escolaridade da população portuguesa. No capítulo 4, faz-se uma breve caracterização estatística da situação dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho. No capítulo 5, por sua vez, procura-se fazer uma reflexão sobre o problema destes indivíduos no actual mercado de trabalho, recorrendo para tal a alguns contributos teóricos.

Na terceira e última parte – composta por dois capítulos – são apresentados os resultados empíricos. O Capítulo 6, incide na explicitação e discussão de aspectos relacionados com a metodologia e o trabalho de campo. No Capítulo 7, encontram-se reunidos os principais resultados do estudo qualitativo sobre os desempregados que não

completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego do Seixal.

Nas considerações finais, procura-se a partir da sistematização dos elementos recolhidos e das reflexões realizadas ao longo dos capítulos, fazer uma discussão geral sobre os problemas com os quais se deparam os indivíduos menos escolarizados perante o actual mercado de trabalho.

Pretende-se assim, recorrendo a enfoques teóricos e empíricos aprofundar a investigação sobre a relação entre os baixos níveis de escolaridade dos portugueses e as exigências do actual mercado de trabalho.

Este trabalho de investigação reúne um conjunto de reflexões que apesar de relevantes, não esgotam a complexidade da problemática em análise, mas podem fornecer pistas interessantes para um debate mais alargado, que incida sobre as várias problemáticas que este tema abarca como, por exemplo, a exclusão profissional de determinados segmentos da população; o envelhecimento activo; a relação entre o abandono escolar precoce e a empregabilidade ou a inserção no mercado de trabalho; a aprendizagem ao longo da vida, entre outras.

PARTE I – SOCIEDADE EM MUDANÇA: QUE DESAFIOS?

Capítulo 1: Desafios para o trabalho e o emprego na Sociedade da Informação

As profundas mudanças que têm vindo a ocorrer ao longo das últimas décadas, fizeram emergir um novo tipo de sociedade, comumente reconhecida como Sociedade da Informação¹ e do Conhecimento. Esta tem como factores estruturantes a informação e o conhecimento, e baseia-se essencialmente na rápida e constante evolução das tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

Acompanhando as transformações em curso, surgem também alterações nos modos de organização e nas dinâmicas do trabalho e do emprego, assim como nas competências requeridas para o desempenho profissional (Kovács, 2002). Estas alterações têm essencialmente na sua génese as profundas transformações que têm ocorrido na esfera económica e a crescente difusão das tecnologias da informação e comunicação.

No plano económico, é possível identificar um conjunto de mudanças que desencadearam a viragem na economia mundial, das quais se destaca, por um lado, a passagem para uma economia de funcionamento global (globalização) e, por outro, a tendência crescente para incorporação do conhecimento na esfera económica.

A economia passou assim a funcionar em tempo real no espaço mundial, ou seja, os processos de produção de produtos e serviços são organizados à escala global, dispersando-se por locais diferentes e por etapas da cadeia de valor (Kovács, 2002; Murteira, 2007).

A globalização da vida económica obrigou a um aumento de competitividade entre as empresas a nível mundial e consequentemente a necessidades acrescidas de flexibilidade. Edwards (1997) identificou duas tendências que atribuem diferentes sentidos à flexibilidade. Uma primeira tendência coloca-a como necessária à competitividade, ao crescimento económico e ao emprego, traduzindo-se na exigência de trabalhadores flexíveis e detentores de competências flexíveis. Uma segunda tendência, mais crítica, acentua as questões da insegurança no emprego como consequência das alterações associadas à flexibilidade.

¹ A Sociedade da Informação refere-se “a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação da informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição de qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais” (Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, 1997)

Por outro lado, a economia passou a ter o conhecimento como factor chave para o crescimento, colocando-se o enfoque na sua criação, disseminação e utilização, daí que nos trabalhos de vários autores se fale em “economia baseada no conhecimento” ou *knowledge-based economy*.

O emprego e a produção tendem a concentrar-se no sector dos serviços, em particular nos serviços “intensivos em conhecimento”, como serviços de educação e saúde, investigação e desenvolvimento experimental (I&DE), e diversos serviços que empresas especializadas prestam a outras, como serviços informáticos, de formação profissional, de marketing, consultoria em gestão, auditoria, serviços financeiros, etc.

O aumento em “intensidade do conhecimento” nas várias actividades, implica por sua vez maiores níveis de instrução/qualificação média da população activa (Murteira, 2007), tendendo por isso a associar-se o conceito de “economia baseada no conhecimento” ao de “economia da aprendizagem” ou *learning economy*, pois o carácter dinâmico que associa a criação e destruição de conhecimento, tende requerer dos indivíduos elevadas capacidades de aprendizagem.

A difusão das TIC tem vindo a provocar uma revolução nas sociedades actuais, e particularmente como já se disse no mundo do trabalho, tendo emergido com esta novas áreas de actividade económica e consequentemente novas profissões. A par dos progressos que as novas tecnologias têm trazido, surgem várias exigências em matéria de formação. A aplicação das TIC aos sectores económicos tradicionais tem provocado um questionamento das qualificações até aí existentes, colocando assim novos desafios aos indivíduos com formações limitadas.

Assim, tendo em conta as transformações, Kovács (1999) reforça que o mercado de trabalho actual está confrontado com uma situação cuja característica mais marcante é a turbulência, que segundo esta autora se manifesta na coexistência de tendências diversas e mesmo contraditórias, nomeadamente a emergência de novas competências², mudanças quantitativas e qualitativas na procura de qualificações, rápida obsolescência dos conhecimentos adquiridos, aumento do desemprego, difusão de formas atípicas e precárias de emprego.

² Kovács salienta as seguintes novas competências: “*responsabilidade baseada na iniciativa, capacidade de abstracção, capacidade de identificação e resolução de problemas, adaptabilidade às mudanças, capacidade de antecipação para fazer frente às novas situações, capacidade de inovação, competências sociais (capacidade de comunicação, de colaboração e de trabalhar em equipa) e capacidade de renovação dos saberes (aprendizagem contínua)*” (Kovács; 1999).

Se durante o século XX, com a expansão do trabalho por conta de outrem, assimilou-se a ideia de que trabalhar correspondia a ter um emprego estável, de duração indeterminada, a tempo inteiro, ao qual estavam associadas determinadas regalias sociais (modelo de emprego clássico), actualmente já não se verifica tal linearidade. Segundo Rebelo (2003) pode mesmo falar-se do risco de evolução para uma sociedade onde os empregos são instáveis, com horários irregulares, empregadores múltiplos e rendimentos variáveis.

Todas estas transformações criam novos desafios para vários actores sociais, nomeadamente os sindicatos, os empregadores e as escolas/universidades, tendo de haver entre estes uma partilha de responsabilidades, ou uma estratégia conjunta com vista a prevenir e/ou atenuar os desequilíbrios do actual mercado de trabalho.

Partindo das transformações que têm ocorrido, iniciou-se nas últimas décadas uma reflexão sobre o rumo do trabalho e do emprego, surgindo inúmeros futuros possíveis. A perspectiva neoliberal anuncia o fim do trabalho assalariado e a emergência de um novo modelo de trabalho, o modelo empresarial, em que as tarefas passam a ser executadas por trabalhadores independentes.

Ganham influência as teorias sobre o fim da centralidade do trabalho no conjunto das relações sociais e na formação da identidade colectiva, que anunciam portanto a perda de centralidade do trabalho na vida dos indivíduos, deixando este de ter a capacidade de estruturar e organizar a sociedade que tradicionalmente lhe era conferida, atribuindo-se a outras actividades o papel de integração social (Gorz, 1988, 1997; Méda, 1995). Por outro lado, surgem as teorias da sociedade da informação e do conhecimento, que anunciam não o fim do trabalho, mas a generalização do trabalho qualificado, apoiando-se no recurso às TIC (Reich, 1993).

Há ainda quem defenda a coexistência futura de tendências diversas e até contraditórias na evolução dos padrões de emprego e das qualificações, que colocam destaque na crescente diversificação, heterogeneidade e invisibilidade do trabalho e do emprego (Kovács).

1.1. Desafios do Ensino/Formação

Tendo em conta as transformações que têm tido lugar no mercado de trabalho, exigem-se recursos humanos cada vez mais preparados, ou seja, possuidores de níveis elevados de qualificações e detentores de novas competências, pois é cada vez mais

aceite que a posição competitiva das empresas, dos países e dos blocos económicos é condicionada pela sua qualificação (Kovács, 2002).

No contexto em que vivemos tornou-se por isso impossível encarar a aprendizagem numa perspectiva tradicional, ou seja, como algo que se realiza numa primeira fase da vida com vista à passagem para uma segunda (inserção profissional), havendo consenso acerca da necessidade de prolongar a educação/formação inicial numa perspectiva de aprendizagem contínua, ou aprendizagem ao longo da vida, com vista a uma permanente actualização e aperfeiçoamento dos conhecimentos que acompanhe o ritmo das mudanças, mas também no sentido de promover novos perfis profissionais que possibilitem maior mobilidade profissional, tanto no mercado de trabalho interno da empresa, como no mercado de trabalho externo (Moniz e Kovács, 2001). Acrescenta-se ainda, que a aprendizagem tem também um papel central como forma de prevenir a exclusão profissional e social e atenuar as desigualdades entre os grupos sociais, que actualmente se baseiam na posse do conhecimento.

A par da formação inicial tende, assim, a ganhar relevo aprendizagem ao longo da vida, que “*é uma política essencial para o desenvolvimento da cidadania, da coesão social e do emprego*”³, tendo por isso vindo a ser elevada a prioridade política nacional e internacional (Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida; 2000⁴).

Neste sentido, reconhece-se a necessidade de uma partilha de responsabilidades pela aprendizagem. Esta que até há poucos anos era atribuída quase exclusivamente ao Estado, tende a ser actualmente questionada e transferida para a esfera da sociedade civil.

Tanto o sistema de educação/formação, como a organização do trabalho são questionados pelos desafios emergentes. O primeiro – sistema de educação/formação – no que diz respeito à sua capacidade de preparar e adaptar os indivíduos para viver e trabalhar neste novo tipo de sociedade, cada vez mais exigente em termos de qualificações e competências. Como advertem Moniz e Kovács (2001), este sistema deve ser encarado também como um indutor das próprias mudanças e não apenas como um meio de preparação e de adaptação às mesmas. A segunda - organização do trabalho - é questionada na sua capacidade de promoção das aprendizagens que estão na base do desenvolvimento individual e organizacional (Pires, 2005).

³ Conclusões da Presidência do Conselho Europeu de Lisboa, 23-24 de Março de 2000; Conclusões da Presidência do Conselho Europeu de Santa Maria da Feira, 19-20 de Junho de 2000.

⁴ O Memorando sobre Aprendizagem ao longo da Vida foi elaborado pela Comissão Europeia, tendo como objectivo implementar uma “estratégia de aprendizagem ao longo da vida”.

As empresas tendem a ter um papel crescente na oferta de formação, ao mesmo tempo pretende-se responsabilizar cada vez mais os indivíduos pela sua própria formação. Contudo, há que ter em conta que “ *a retórica da aprendizagem ao longo da vida não pode ignorar o ambiente concreto que se vive nas organizações empresariais*” (Azevedo, 1996), sendo que grande parte das mesmas sob a pressão da concorrência não cria situações de trabalho favoráveis à aprendizagem.

Por outro lado, Kovács (2002) adverte para o facto de quando os indivíduos se encontram em condições de insegurança existencial, de falta de perspectivas e de confiança quanto à melhoria da sua situação profissional, não estão reunidas as condições para responsabilizá-los pela renovação das suas competências. Segundo esta autora, esta responsabilização apenas é possível quando o indivíduo se encontra numa situação de trabalho e vida em geral, numa posição no mercado de trabalho interno e externo, que lhe confere confiança, o estimula a pensar em projectos de futuro e lhe confere a possibilidade, o interesse e a capacidade de auto-aprendizagem.

Como se pode verificar através da figura seguinte, os indivíduos que se encontram nas situações 1 e 2 encontram-se em desvantagem quanto às possibilidades reais e motivação para a aprendizagem relativamente àqueles que se encontram nas situações 3 e 4.

Figura 1.1: Possibilidades de aprendizagem no trabalho

+ Níveis de formação / qualificação	Situação 3 Emprego independente, trabalho altamente qualificado: possibilidades de aprendizagem no trabalho e fora do trabalho	Situação 4 Emprego estável, trabalho qualificante: possibilidades de aprendizagem no trabalho e fora do trabalho
	Situação 1 Emprego instável, trabalho desqualificante: impossibilidade de aprendizagem no trabalho	Situação 2 Emprego relativamente estável, trabalho pouco qualificado: possibilidades de aprendizagem no trabalho e fora do trabalho
-	Grau de estabilidade do emprego +	

Fonte: Kovács, 2002.

Em relação aos primeiros têm de ser desenvolvidas acções de formação especificamente concebidas de acordo com as suas características, uma vez que para estes indivíduos e grupos a empresa não constitui um local de aprendizagem, nem eles próprios podem ser responsabilizados pela sua aprendizagem contínua. Têm de ser os poderes públicos a dinamizar a sua aprendizagem (Kovács, 2002). Devendo também ser criadas parcerias entre várias instituições (empresas, escolas, centros de formação, universidades) em torno da aprendizagem destes adultos (Carneiro, 2007; Melo, 2002).

Capítulo 2: Algumas considerações sobre o desemprego em Portugal

O desemprego parece ser o culminar de toda a instabilidade que se vive actualmente no mercado de trabalho. Este constitui um dos problemas centrais da sociedade contemporânea, que afecta alguns indivíduos e constitui concomitantemente uma ameaça para outros, e por essa razão, tem sido o centro das preocupações dos poderes públicos (Freire, 2001).

A definição mais comum apresenta o desempregado como o indivíduo com mais de 15 anos, que para um dado momento no tempo, não tem trabalho apesar de estar disponível para trabalhar e que prove estar activamente à procura de emprego. Esta é a definição de desemprego utilizada por organizações internacionais como a OCDE, a UE e a OIT, e de instituições nacionais como o Ministério do Trabalho, o INE e o Banco de Portugal. Contudo, esta definição é delicada, porque abrange três grupos de pessoas, que se repartem entre os activos ocupados, os inactivos e os desempregados: os activos ocupados, que correspondem aos que exercem um trabalho remunerado (assalariado ou não); os inactivos são aqueles que não têm actividade profissional e não a procuram, o que não significa que não trabalhem (por exemplo os estudantes, cujo trabalho não sendo remunerado, não é considerado como produtivo); e os desempregados (Rebelo, 2003).

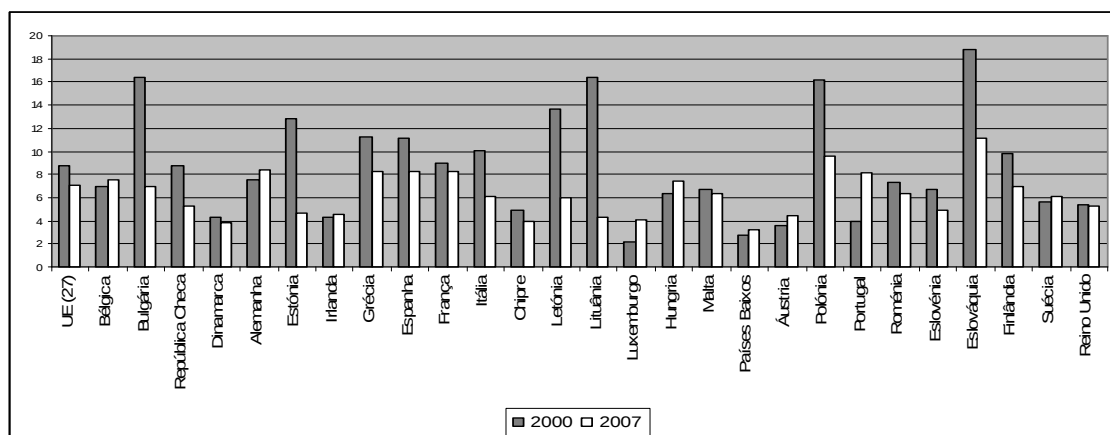
Paralelo ao conceito de desemprego, surge o de desemprego de longa duração, que apesar de não reunir uniformidade nos países da UE e da OCDE, existe um certo consenso em considerar desempregados de longa duração as pessoas que estão nessa situação há mais de doze meses.

Em Portugal, o desemprego surgiu principalmente a partir de 1974, devido às reformas que vieram transformar a estrutura do sistema económico e social e consequentemente o sistema de emprego (Rodrigues, 1996).

Ao longo dos anos, a taxa de desemprego⁵ foi sofrendo oscilações, que resultaram em grande medida da vida política e económica do país. Tomando em consideração o período de 2000 a 2007, verifica-se que Portugal foi o país da UE onde esta taxa registou o maior aumento (Figura 2.1), contrariando assim a tendência geral de decréscimo dos restantes países.

⁵ A taxa de desemprego permite definir o peso da população desempregada sobre o total da população activa.

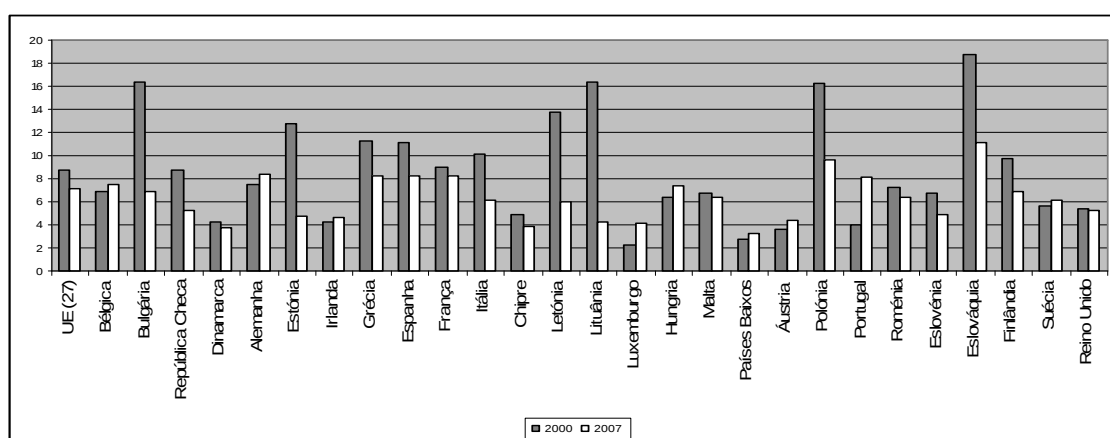
Figura 2.1: Evolução da taxa de desemprego nos países da União Europeia entre 2000 e 2007
(Porcentagem)



Fonte: Eurostat.

A taxa de desemprego de longa duração⁶, por seu turno, decresceu na maioria dos países da UE durante o período em análise, acentuando-se esta descida na Lituânia, Letónia e na Bulgária (Figura 2.2). Portugal é mais uma vez a excepção, pois é o país onde esta taxa mais cresceu. Considerando o ano 2007, verifica-se que a Eslováquia e a Polónia registam as taxas de desemprego de longa duração mais elevadas do conjunto dos países da UE, ao contrário da Dinamarca e do Chipre que se destacam por apresentarem taxas reduzidas.

Figura 2.2: Evolução da taxa de desemprego de longa duração nos países da União Europeia entre 2000 e 2007
(Porcentagem)



Fonte: Eurostat.

⁶ A taxa de desemprego de longa duração permite definir o peso da população desempregada à procura de emprego há 12 ou mais meses sobre o total da população activa.

Apesar de ser universal, o desemprego não afecta todos da mesma maneira nem com a mesma intensidade. Este parece ser cada vez mais um fenómeno selectivo, que atinge de forma mais preocupante determinados grupos sociais, nomeadamente as mulheres (apesar de terem taxas de actividade mais reduzidas do que as dos homens), os jovens e os trabalhadores menos escolarizados.

2.1. Consequências pessoais, sociais e económicas do desemprego

O trabalho e o emprego ocupam um lugar central na vida dos indivíduos⁷, que resulta em grande medida do facto destes serem uma fonte de recompensas, não só materiais, pois recebe-se uma remuneração pelos serviços prestados, mas também sociais, pelos contactos com outras pessoas que o trabalho permite; prestígio e estatuto social associado às funções desempenhadas; valorização pessoal, enquanto fonte de auto-estima, identidade e meios de realização pessoal, Acrescentando-se ainda a sua contribuição para o equilíbrio psíquico do indivíduo (Ramos, 2000; Neves, 2000). Tendem por isso a privilegiar-se os tempos de produção em detrimento dos tempos de formação e de inactividade.

Ainda não se encontrou, nas sociedades actuais, outra forma de preencher a função que o emprego desempenha na vida dos indivíduos. A protecção social apesar de ajudar a ultrapassar certos aspectos materiais durante uma situação de desemprego, não proporciona as retribuições de um emprego estável (Moura, 1997).

Parece fácil perceber quais são as consequências que uma situação de desemprego, e particularmente de desemprego de longa duração acarreta. Aos problemas económicos que derivam da ausência de emprego, como a diminuição dos rendimentos resultante da passagem de um salário para um subsídio de desemprego (quando este realmente existe), que tem impactos directos nas condições de vida do desempregado e da sua família, associam-se perturbações psicológicas que derivam da diminuição de competências sociais, da progressiva diluição de hábitos e laços sociais, e também da degradação da auto-estima e do prestígio do desempregado (Capucha, 1999).

⁷ Os resultados do inquérito ISSP – 97 (International Social Survey Programme), realizado a 26 países, onde se incluiu Portugal, permitem apurar a centralidade do trabalho em todos os países, apesar das ligeiras diferenças registadas.

Com o prolongamento do período de desemprego, os indivíduos tendem também a perder hábitos de trabalho, aptidões e qualificações técnicas, adquirindo muitas das vezes hábitos de um estilo de vida caracterizados pelo progressivo conformismo e desmotivação, o que contribui para que as dificuldades de inserção ou reinserção no meio laboral sejam ainda maiores. Em casos extremos, as situações de desemprego podem constituir uma fonte de marginalização, levando ao surgimento de problemas como a toxicodependência, o alcoolismo e a ruptura dos laços familiares e comunitários e também de exclusão social (Capucha, 1999).

Porém, as formas de lidar com o desemprego e com as dificuldades que este acarreta diferem entre indivíduos. Segundo Armando Mendes e Luís Rego (1992) a resposta ao desemprego de longa duração depende daquilo que designam de “*herança cultural e profissional*”. Assim, segundo estes autores quanto maior é o nível de formação e de qualificação do desempregado mais fácil é encontrar uma solução adequada.

A este propósito, Demazière (1995) construiu uma tipologia de comportamentos adoptados pelos desempregados de longa duração (DLD) perante a sua situação: o fatalista, quando se nota uma ausência de lógica entre a situação de desemprego de longa duração e a expectativa adequada numa sociedade salarial; o desembaraçado, que sente necessidade de vencer obstáculos, de encontrar uma saída num mundo cujos obstáculos se conhecem e contra os quais se luta; o traumatizado, quando existe o sentimento de que a obtenção de novo emprego é uma batalha perdida; e o mobilizado, quando prevalece o sentimento de que está pronto para se aceitar tudo, seja o que for que apareça, quer se trate de um emprego “menor”, quer das ajudas possíveis.

2.2. O problema da inserção/reinserção profissional

O processo de inserção profissional consiste essencialmente numa transição profissional de uma situação de desemprego (que inclui por um lado os indivíduos que procuram fazer uma primeira inserção no mercado de trabalho, e por outro os que já tiveram um vínculo no mercado de emprego e que procuram fazer uma reinserção) para uma situação de emprego estável (Neves, 2000).

Este processo está dependente de factores estruturais, mas também das características pessoais de cada desempregado (sexo, idade, qualificações,

formação/especialização), que ditam a posição favorável ou desfavorável em que este se encontra perante o mercado de trabalho.

O primeiro tipo de factores reporta para a situação do mercado de trabalho em termos gerais, mas também para aspectos mais específicos como a localização geográfica das empresas e ainda o modo de gestão das mesmas.

A conjugação destes factores influencia o processo de inserção/reinserção profissional de duas formas. Por um lado, a situação do mercado de trabalho determina o contexto do processo de inserção/reinserção, consoante se trate de períodos de muito ou de escasso emprego, por outro, as características do mercado de trabalho local pesam sobre as modalidades de inserção/reinserção. A este respeito há que referir que o espaço não é homogéneo do ponto de vista da oferta e da procura, assim a oferta de trabalho e de mão-de-obra não está disponível na mesma quantidade em todos os locais, e a qualidade de uma e de outra diferenciam-se geograficamente.

Devem ainda ter-se presentes as estratégias de gestão da mão-de-obra adoptadas pelas firmas de determinada região. Se estas tenderem a recorrer a estratégias de flexibilidade externa, apostando na forte rotação da mão-de-obra, o processo de inserção/reinserção profissional está à partida condenado à passagem por diferentes empregos precários e inclusivamente por situações de desemprego, se pelo contrário as empresas privilegiarem flexibilidade interna, a inserção tem mais hipóteses de ser bem sucedida.

Para a generalidade das pessoas, mas particularmente para os grupos desfavorecidos⁸ perante o mercado de trabalho, obter um emprego torna-se um objectivo muito difícil de alcançar. A empregabilidade, entendida em termos gerais como a capacidade que um indivíduo dispõe para encontrar e manter um emprego, é particularmente fraca para estes grupos.

As crescentes exigências na contratação, tendem a relegar para o fim da lista de espera os grupos desfavorecidos, diminuindo assim as suas hipóteses de conseguir um emprego estável. Emerge o que alguns autores designam “*desemprego de exclusão*”, situação em que os indivíduos são condenados ao desemprego⁹ ou são levados a aceitar

⁸ Capucha (1999) considera como fazendo parte dos grupos desfavorecidos face ao emprego os desempregados de longa duração, os trabalhadores pouco qualificados ou com qualificações obsoletas, as pessoas sem abrigo, os grupos étnicos e culturais minoritários, os jovens em risco, os toxicodependentes, os detidos e ex-reclusos, os membros de famílias monoparentais, as pessoas com deficiência e as pessoas vivendo no quadro dos círculos de pobreza instalada.

⁹ Caindo segundo Freyssinet (1991) na categoria de não “empregáveis”, porque as possibilidades de reinserção profissional são nulas.

empregos temporários em sectores informais, menos competitivos ou mesmo marginais da economia (Capucha, 1998). Estes são duplamente prejudicados: por um lado, devido à situação precária em que se encontram, que os leva a sujeitarem-se muitas vezes a diferentes tipos de exploração, e por outro lado, por não serem abrangidos pelas leis laborais em vigor, vêm-se excluídos do acesso aos sistemas de protecção social existentes.

A situação de exclusão profissional é verdadeiramente preocupante, e é-o ainda mais quando se verifica que o acesso negado ao mercado de trabalho tende a repercutir-se em formas de exclusão da participação na vida em sociedade e da prática dos direitos de cidadania elementares (Neves, 2000; Capucha, 2000).

PARTE II – ADULTOS QUE NÃO COMPLETARAM A ACTUAL ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA: QUE DESAFIOS PERANTE O MERCADO DE TRABALHO?

Capítulo 3: Algumas considerações sobre a predominância de baixos níveis de escolaridade em Portugal

A União Europeia debate-se com o grave problema de cerca de 80 milhões de pessoas com baixas qualificações, circunstância que configura uma das suas maiores vulnerabilidades sociais, económicas e políticas.

Contudo, a fragilidade da estrutura de qualificações é particularmente sentida em Portugal, onde a desigualdade do capital humano é gritante e fonte de persistentes injustiças, designadamente no acesso a empregos decentes e remunerações condignas (Carneiro, 2007).

No ano 2007 mais de metade da população com 15 e mais anos residente em Portugal não completou nove anos de escolaridade (actual escolaridade obrigatória), facto que se revela verdadeiramente preocupante¹⁰. São as camadas mais velhas da população que mais sustentam as baixas qualificações em Portugal, pelo que à medida que se avança na idade diminui o grau de escolaridade atingido.

Nos grupos etários mais jovens, o problema da fraca escolarização afecta sobretudo os homens, verificando-se o inverso no caso dos escalões etários avançados, onde são as mulheres as mais representadas nos baixos níveis de escolaridade.

Este grande volume de adultos pouco escolarizados em Portugal constitui um fenómeno intimamente relacionado com o modo como entre nós se desenvolveu o sistema educativo formal (Imaginário, 1998).

Por um lado, apesar de Portugal ser um dos primeiros países ocidentais a decretar a obrigatoriedade escolar (logo em 1935, com a Reforma de Passos Manuel), foi um dos últimos a cumpri-la, o que se revela um “*verdadeiro paradoxo*” (Almeida e Vieira, 2006).

O processo de escolarização foi marcado desde sempre pela lentidão, por recuos e resistências. Lentidão na expansão da rede escolar e no aumento da procura de educação; avanços e recuos na aprovação e implementação de políticas educativas

¹⁰ A tabela contendo os dados estatísticos referentes à população com 15 e mais anos segundo o nível de escolaridade completo, por grupo etário e sexo, foi remetida para anexo (página 58) devido às suas dimensões.

universais; e resistência, por parte de algumas camadas da população na aceitação da educação escolar. Contudo, esta tendência inverteu-se nas últimas décadas, notando-se uma expansão da escolaridade junto das camadas mais jovens da população, que procuram cada vez mais aceder a níveis educativos muito além dos impostos como obrigatórios.

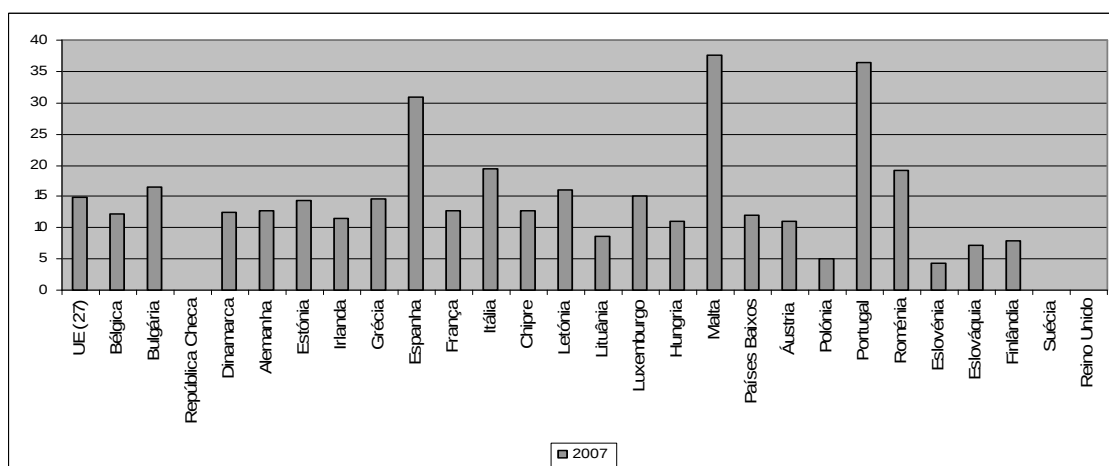
Por outro lado, o cumprimento total da escolaridade obrigatória (nove anos) ainda não é uma realidade em Portugal, o que se deve à persistência do abandono escolar precoce, que consiste em qualquer saída do sistema educativo de um aluno que o esteja a frequentar, seja ao longo do ano lectivo ou no final, sem que tenha completado ou atingido a idade legal para terminar a sua escolarização, por razões que não sejam a transferência de escola ou o falecimento (Mendes, 2006).

Tomando em consideração o ano 2007, verifica-se que este fenómeno atinge proporções bastantes elevadas em Portugal, que assumem ainda maior destaque quando comparadas com outros países da UE (Figura 3.1).

Figura 3.1: Abandono escolar precoce nos países da União Europeia

(Ano 2007)

(Percentagem)



Fonte: Eurostat.

Legenda: Não se encontra disponível a percentagem de abandono escolar precoce da República Checa, Suécia e Reino Unido.

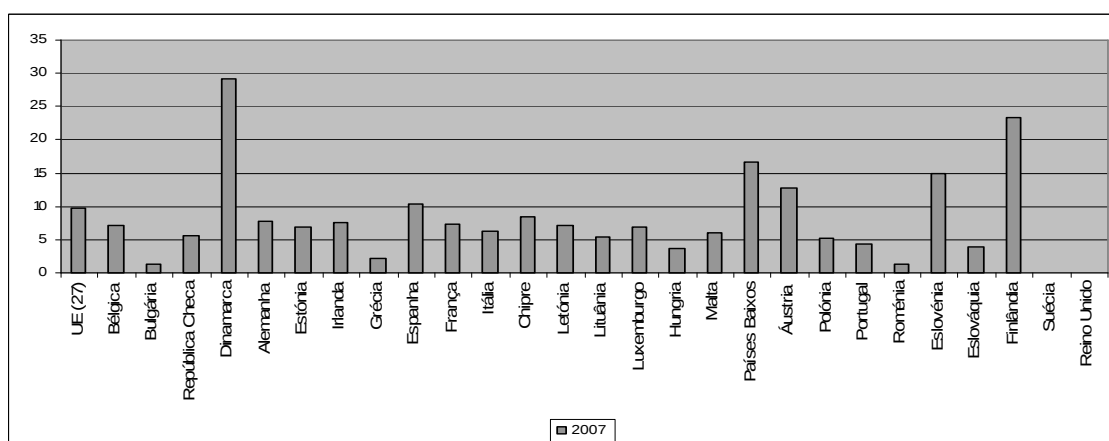
O abandono escolar precoce resulta da conjugação de diversos factores, uns de natureza individual, outros de âmbito familiar e outros ainda relacionados com o meio envolvente. No entanto, a componente pobreza, encarada na sua multidimensionalidade raramente está ausente, fazendo quase sempre parte do núcleo central de factores que

mais contribuem para o abandono precoce da escola (Ferrão, 2000). Tal como as causas, as suas consequências podem ser múltiplas, destacando-se as dificuldades no mercado de trabalho daqueles que abandonam o sistema escolar antes de terem completado a escolaridade obrigatória.

Esta situação torna-se ainda mais grave quando se verifica que a população portuguesa, que deveria apostar na aprendizagem ao longo da vida de forma a compensar os baixos níveis de escolaridade, na verdade não se encontra motivada para o fazer (Figura 3.2).

Figura 3.2: Percentagem de população, dos 25 aos 64 anos, que participa em educação e formação nos países da União Europeia (Ano 2007)

(Percentagem)



Fonte: Eurostat.

Legenda: Não se encontra disponível a percentagem de população, dos 25 aos 64 anos, que participa em educação e formação da Suécia e Reino Unido.

Como se pode verificar, no ano 2007, a percentagem de população que participa em educação e formação em Portugal é uma das mais baixas da UE, ultrapassando apenas a Grécia, a Bulgária e a Roménia.

3.1. Respostas institucionais ao problema dos baixos níveis de escolaridade da população portuguesa

As preocupações com os baixos níveis de escolaridade da população portuguesa têm vindo a crescer, principalmente desde a entrada de Portugal na União Europeia, em 1986. A partir dessa data tornou-se mais evidente a desvantagem portuguesa

relativamente aos outros países, que actualmente, passados 20 anos e apesar dos esforços desenvolvidos ainda persiste.

Esta situação ganha contornos ainda mais preocupantes, se tomarmos em conta projecções realizadas por Carneiro (2007), das quais se concluiu que *“a estrutura de qualificações que teremos em 2025 não será significativamente diferente da que temos actualmente, agravando-se mesmo a distância que já temos relativamente a todos os outros países”*. Confirma-se assim, uma vez mais, a importância e urgência das opções estratégicas que permitam inverter a estrutura de qualificações do país.

De acordo com o mesmo autor as políticas públicas dirigidas à educação e formação dos pouco qualificados, devem ter em consideração os diferentes grupos alvo a distinguir quando se trata de prevenir ou de remediar este fenómeno. A prevenção é feita junto das camadas etárias mais jovens, combatendo o abandono e o insucesso escolar e incentivando o prosseguimento dos estudos. A este nível, será também importante começar desde logo a incutir nestes jovens o “espírito de aprendizagem ao longo da vida”, com o intuito de uma constante actualização dos saberes. Por outro lado, o remediar das baixas qualificações dá-se junto de camadas etárias mais velhas e passa essencialmente pela aposta na aprendizagem contínua, com o objectivo dar resposta às exigências que actualmente se colocam em matéria de educação e formação.

A qualificação dos recursos humanos é decisiva na agenda de crescimento do actual Governo (XVII Governo Constitucional). As políticas de educação e as políticas de formação profissional e aprendizagem ao longo da vida, cujo objectivo é combater o défice de formação e qualificação da população portuguesa são fundamentais pois, *“(…) assumem hoje, e continuarão a assumir, o papel central em matéria de políticas activas de emprego”* (Plano Nacional de Emprego 2005-2008, 2005).

Enquadradas na preocupação do Governo, têm-se desenvolvido nos últimos anos um conjunto de iniciativas de visam dar resposta aos baixos níveis de escolaridade dos portugueses, destacando-se a Iniciativa Novas Oportunidades (2005-2010); o Quadro de Referência Estratégico Nacional (2007-2013) e o Programa Operacional Potencial Humano (2007-2013).

A Iniciativa Novas Oportunidades, anunciada em Dezembro de 2005, tem como principal objectivo conferir o ensino secundário como qualificação de base de jovens e adultos, traçando para tal dois pilares fundamentais de acção: para os jovens, trata-se essencialmente de prevenir as saídas do sistema de ensino antes de completada a escolaridade obrigatória; para os adultos, trata-se de promover uma segunda

oportunidade que lhes permita recuperar, completar e até mesmo progredir nos estudos¹¹.

A estratégia de intervenção desta iniciativa assenta, entre outras medidas, na estruturação de diversos cursos de educação e formação, e no alargamento do número de pessoas abrangidas pelo Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). O RVCC é um processo que permite reconhecer, validar e certificar as competências adquiridas pelos adultos ao longo da vida, nomeadamente no contexto de trabalho, com vista à obtenção de uma certificação escolar de nível básico (4.º, 6.º ou 9.º ano de escolaridade) ou de nível secundário (12.º ano de escolaridade).

O Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), estabelecido para o período de 2007 a 2013, tem como propósito qualificar os portugueses, através da valorização do conhecimento, da ciência, da tecnologia e da inovação, bem como da promoção de níveis elevados e sustentados de desenvolvimento económico e sócio-cultural e de qualificação territorial, num quadro de valorização da igualdade de oportunidades e do aumento da eficiência e qualidade das instituições públicas¹².

O Programa Operacional Potencial Humano (POPH), revela uma importância fundamental para a prossecução dos objectivos e prioridades do QREN, assumindo as seguintes prioridades: superar o défice estrutural de qualificações da população portuguesa, consagrando com referencial mínimo para todos o ensino secundário; promover o conhecimento científico, a inovação e a modernização do tecido produtivo, alinhados com a prioridade de transformação do modelo produtivo português assente no reforço das actividades de maior valor acrescentado; estimular a criação e a qualidade do emprego, destacando a promoção do empreendedorismo e os mecanismos de apoio à transição para a vida activa; e promover a igualdade de oportunidades, através do desenvolvimento de estratégias integradas e de base territorial para a inserção social de pessoas vulneráveis a trajetórias de exclusão social¹³.

Porém, não basta que hajam os instrumentos mínimos para a melhoria dos níveis de escolaridade dos portugueses, é necessário incentivar a sua procura, e por outro lado é importante que estes sejam flexíveis o suficiente para se adequarem às diferentes situações e necessidades dos adultos. Se não for assegurada esta última condição, acrescem as dificuldades perante a primeira.

¹¹ Informações retiradas de www.novasoportunidades.gov.pt.

¹² Informações retiradas de www.qren.pt.

¹³ Informações retiradas de www.poph.qren.pt.

Capítulo 4: As vulnerabilidades dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho: breve caracterização estatística

Face às crescentes exigências do mercado de trabalho, os trabalhadores menos escolarizados tendem a ter uma posição mais vulnerável no mercado de trabalho, que se traduz em entraves ao emprego destes indivíduos, mas também em decisivos desafios para a sua educação e formação permanente, o que tem vindo a preocupar cada vez mais os poderes públicos.

Neste capítulo será elaborada uma breve caracterização estatística dos indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho, de modo a perceber melhor a posição em que estes se encontram e quais os desafios com os quais estão actualmente confrontados. Para tal foram seleccionados os dados estatísticos mais recentes.

4.1. A situação dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória face ao emprego

Começando pela análise da evolução da taxa de emprego¹⁴ entre os anos 1998 e 2007 em Portugal (Quadro 4.1), verifica-se que esta registou uma ligeira subida (3,6%). Relativamente à distribuição pelos diferentes níveis de escolaridade pode-se constatar que houve um decréscimo da taxa de emprego ao longo deste período para os níveis inferiores (“nenhum”; “básico-1º ciclo”; “básico-2º ciclo”), o que demonstra as dificuldades de inserção/reinserção profissional que os indivíduos que não completaram actual escolaridade obrigatória enfrentam.

¹⁴ A taxa de emprego permite definir a relação entre a população empregada e a população em idade activa.

Quadro 4.1: Evolução da taxa de emprego, por nível de escolaridade completo entre 1998 e 2007
(Percentagem)

	1998	2001	2004	2007
Total	47,8	49,7	51,5	51,4
Nenhum	21,3	21,5	17,7	16,1
Básico-1º ciclo	56,6	55,5	51,1	48,9
Básico-2º ciclo	60,0	62,7	60,7	59,3
Básico-3º ciclo	54,6	59,9	59,7	60,7
Secundário	59,5	62,1	60,5	62,4
Superior	83,1	84,5	81,5	79,0

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Vivemos actualmente numa economia dos serviços, onde existe portanto uma importância acrescida das actividades terciárias no sistema produtivo, o que se reflecte no facto deste sector empregar a maioria da população (Almeida, 2005), como se pode constatar analisando os dados disponíveis relativos à estrutura do emprego por sector de actividade económica (Quadro 4.2).

Quadro 4.2: População empregada segundo o sector principal (CAE-Ver. 2.1), por nível de escolaridade completo (Ano 2007)
(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	5169,7	273,3	1430,2	1010,9	945,7	776,6	733
Agricultura, silvicultura e pesca	601,4	172,1	320,1	62,6	25,3	12,3	9
Indústria, construção, energia e água	1577,8	47,6	9,8	480,8	293,9	165	80,6
Serviços	2990,5	53,6	600,2	467,4	626,5	599,2	643,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

De uma forma geral, os indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória distribuem-se desigualmente pelos três sectores considerados, concentrando-se a maioria dos mesmos no sector dos serviços.

Fazendo uma análise detalhada por nível de escolaridade, verifica-se que os trabalhadores que não completaram quaisquer níveis de ensino estão em maioria no sector da agricultura, silvicultura e pesca. Os trabalhadores que completaram o 1º ciclo do ensino básico têm maior peso no sector dos serviços, mas também na agricultura, enquanto que os que completaram o 2º ciclo predominam no sector da indústria, construção, energia e água, dividindo-se também pelo sector dos serviços.

As profissões dos trabalhadores¹⁵ que não completaram a actual escolaridade obrigatória são, de uma forma geral, pouco exigentes ao nível de formação, como agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca; ou operários, artífices e trabalhadores similares.

Analisando pormenorizadamente, verifica-se que os trabalhadores do sexo masculino apresentam um peso superior em profissões como operários, artífices e trabalhadores similares e também operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem, profissões que são claramente “masculinas”. As mulheres, por seu turno, têm um maior peso no pessoal dos serviços e similares, nos trabalhadores não qualificados e nos agricultores e trabalhadores não qualificados da agricultura e da pesca.

Tal como seria de esperar, quanto mais se avança no nível de escolaridade, mais se passa de profissões mais “manuais”, onde se recorre constantemente à força física, como as profissões rurais e também as ligadas à indústria, para profissões em que o conhecimento é a variável chave.

Verifica-se que a maioria dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória, se dividem entre situações de trabalho por conta de outrem e trabalho por conta própria (Quadro 4.3). Os trabalhadores que não completaram nenhum nível de ensino são maioritariamente trabalhadores por conta própria, já os trabalhadores do 1º e do 2º ciclo do ensino básico encontram-se em maior número em trabalhos por conta de outrem. O trabalho por conta própria pode constituir assim uma alternativa para os trabalhadores que não têm as qualificações necessárias para ingressar na maioria dos empregos disponíveis no actual mercado de trabalho.

Quadro 4.3: População empregada segundo situação na profissão principal, por nível de escolaridade (Ano 2007)
(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Ensino Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	5169,7	273,3	1430,2	1010,9	945,7	776,6	733
Por conta de outrem	3902,2	94,5	872,7	811	804,4	683	636,5
Por conta própria	1186,8	166,7	532,9	185,9	126,4	86,9	88,1
Familiares e outras situações	80,7	12,2	24,6	14	14,9	6,7	8,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

¹⁵ A tabela contendo os dados estatísticos referentes à população empregada, segundo profissão principal, por nível de escolaridade completo e sexo, foi remetida para anexo (página 59) devido às suas dimensões.

Pode-se ter uma ideia mais clara sobre a qualidade dos empregos dos trabalhadores que não completaram a actual escolaridade obrigatória através da distribuição do emprego por regime de duração do trabalho (Quadro 4.4). Como se pode verificar a partir da análise do quadro seguinte, estes trabalham geralmente a tempo completo. Salienta-se apenas que os trabalhadores que não completaram quaisquer níveis de ensino estão representados de forma quase semelhante no trabalho a tempo inteiro e no trabalho a tempo parcial.

Quadro 4.4: População empregada segundo o regime de duração do trabalho, por nível de escolaridade completo (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	5169,7	273,3	1430,2	1010,9	945,7	776,6	733
Tempo completo	4543,8	141,2	1148	949,1	895,2	724,5	685,9
Tempo parcial	625,9	132,2	282,2	61,8	50,5	52,1	47,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

A qualidade dos empregos destes trabalhadores pode ainda ser avaliada pelo tipo de contrato de trabalho (Quadro 4.5). Analisando o quadro estatístico que se segue verifica-se que em geral estes são contratados sem termo, o que revela uma certa estabilidade na sua vida profissional.

Quadro 4.5: População empregada segundo o tipo de contrato de trabalho, por nível de escolaridade completo (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	3902,2	94,5	872,7	811	804,4	683	636,5
Sem termo	3029,5	67,9	720,6	646,3	597,3	513	484,4
Com termo	684,8	11,6	98,2	132,2	179,8	141,4	121,6
Outros	187,9	15	53,9	32,6	27,3	28,7	30,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Tal estabilidade é também evidenciada pelo nível de antiguidade no actual emprego¹⁶, verificando-se que a população empregada que não completou a actual escolaridade obrigatória tem experiências profissionais mais prolongadas.

Analisando os rendimentos¹⁷, verifica-se que os que não completaram a actual escolaridade obrigatória estão em geral mais representados nos escalões inferiores de rendimento (menos de 310€ e de 310€ a menos de 600€), o que é entendido tendo em conta o tipo de profissões destes trabalhadores.

4.2. A experiência do desemprego para os indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória

Actualmente assiste-se a um aumento generalizado do desemprego em Portugal. Contudo, este atinge particularmente determinados grupos, dos quais se destacam os indivíduos com fracos níveis de escolaridade. Para estes o desemprego é um fenómeno particularmente difícil de contornar, justamente porque a sua limitada formação de base tende cada vez mais a dificultar-lhes o acesso ao emprego (Capucha, 1998; Carneiro, 2007; Imaginário, 1998).

Analisando a evolução da taxa de desemprego registada entre o período de 1998 a 2007, verifica-se a existência de um aumento geral de 3,1% (Quadro 4.6), que é particularmente visível nos níveis superiores de educação, mas também no 2º e 3º ciclo, que no ano 2007 apresentavam valores alarmantes.

¹⁶ A tabela contendo os dados estatísticos referentes à população empregada, segundo a antiguidade no actual emprego principal, por nível de escolaridade completo, foi remetida para anexo (página 60) devido às suas dimensões.

¹⁷ A tabela contendo os dados estatísticos referentes aos trabalhadores por conta de outrem segundo o escalão de rendimento salarial mensal líquido, por nível de escolaridade completo, foi remetida para anexo (página 60) devido às suas dimensões.

Quadro 4.6: Evolução da taxa de desemprego, por nível de escolaridade completo entre 1998 e 2007
(Percentagem)

	1998	2001	2004	2007
Total	4,9	4,0	6,7	8,0
Nenhum	2,6	2,3	3,7	5,1
Básico - 1º ciclo	4,4	3,5	6	7,1
Básico - 2º ciclo	5,7	4,4	7,7	8,8
Básico - 3º ciclo	6,1	5,5	8,4	9,4
Secundário	6,9	4,6	6,9	8,2
Superior	3,4	3,4	5,3	7,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

A situação dos indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória é ainda mais preocupante, pelo facto destes tenderem a permanecer em situação de desemprego por períodos mais longos, o que torna a experiência de desemprego ainda mais “penosa” (Quadro 4.7).

Quadro 4.7: População desempregada segundo a duração da procura de emprego, por nível de escolaridade completo (Ano 2007)
(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	445,8	14,5	109,3	96,6	97,4	68,9	59
Menos de 1 mês	26	§	4,7	6,3	5,2	5,3	§
1-6 Meses	136,8	§	23,2	29,4	31,6	24,8	24,3
7-11 Meses	63,4	§	14,9	12,8	14,7	9	10,4
12-24 Meses	95,3	§	25,2	19,2	21	15,2	11,8
25 e mais meses	124,2	5,8	41,4	28,9	24,9	14,6	8,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Sinais convencionais: § Valor com erro de amostragem associado superior a 20%, pelo que não pode ser divulgado; - Resultado nulo.

Tomando em consideração a distribuição dos desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória por duração da procura de emprego, pode-se constatar que estes levam mais tempo a encontrá-lo, em geral 25 e mais meses, o que significa que grande parte destes desempregados vivem situações de desemprego de longa duração. Tal revela a importância que o factor escolaridade tem sobre a capacidade de encontrar um emprego.

Os dados estatísticos analisados neste capítulo forneceram assim uma ideia mais clara sobre a situação dos indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória perante o mercado de trabalho. Conclui-se que estes, de uma forma geral, parecem estar condenados a ocupar os lugares mais desqualificados na hierarquia das profissões, que não oferecem oportunidades de desenvolver novas competências, que lhes permitam suprir de alguma forma os défices que apresentam a este nível. Para além disso, estes indivíduos auferem rendimentos muito baixos, o que terá repercussões na sua qualidade de vida e da sua família.

Salienta-se ainda que apesar de apresentarem uma certa estabilidade profissional, esta é apenas aparente, uma vez que a qualquer momento podem passar para situações de desemprego ou emprego precário. Como se verificou embora não sejam o grupo mais exposto ao desemprego, são porém o que mais dificuldades tem em contornar esta situação, uma vez a sua reinserção profissional é geralmente muito problemática, o que se constata através do tempo que permanecem no desemprego, que é em geral prolongado.

Capítulo 5: O problema dos trabalhadores com fracos níveis de escolaridade no actual mercado de trabalho

Todas as alterações que têm vindo a ocorrer no mercado de trabalho ao longo das últimas décadas, criaram a necessidade de recursos humanos cada vez mais preparados, e prontos a fazer um esforço de adaptação constante.

Segundo Kovács (1999) o nível de escolaridade ou formação inicial tem hoje um papel crucial, uma vez que condiciona fortemente as perspectivas da vida profissional. Assim, uma escolaridade insuficiente ou desadequada, parece constituir um problema no momento de entrada e na permanência no mercado de trabalho, devendo ser considerada como um factor de vulnerabilidade muito importante (Centeno, 2001).

Face a este contexto, a situação dos trabalhadores com fraco nível de habilitações escolares (que constituem a maioria da população portuguesa, como se pode verificar através da análise dos dados estatísticos do capítulo 3) no mercado de trabalho tem sofrido algumas alterações nas últimas décadas, tornando-se cada vez mais vulnerável e por isso mais preocupante. Segundo Carneiro (2007) a deterioração da situação destes indivíduos parece ser agora mais estrutural do que cíclica e será pouco provável que desapareça em resultado de um maior crescimento económico.

A este propósito, alguns autores chegam mesmo a falar de uma dualização no mercado de trabalho, em que por um lado se encontram os profissionais mais preparados – do ponto de vista técnico, da gestão e do conhecimento – e por outro os trabalhadores menos qualificados, cuja situação é mais vulnerável, tendendo progressivamente a deteriorar-se.

Para além das limitações ao emprego, estes enfrentam sérios desafios à sua educação e formação ao longo da vida. Desprovidos de uma “*plataforma mínima de aprendizagem*”, adquirida via educação formal, afastados há muito da escola ou com recentes histórias de insucesso escolar, estão efectivamente pouco preparados para a complexidade crescente do trabalho ou pouco motivados para a necessidade de aprender continuamente (Carneiro, 2007).

Até recentemente foi possível em Portugal manter empregada uma significativa maioria destes adultos e absorver rapidamente o número de jovens que ainda abandonam a escola antes de completar a escolaridade obrigatória, em sectores como a indústria e a construção civil, mas também em serviços intensivos em mão-de-obra, como o comércio a retalho e a restauração. No entanto, a perda de competitividade da

indústria tradicional e a crescente incapacidade de atrair investimento estrangeiro, traduziram-se num aumento acelerado do desemprego e na difícil reinserção profissional dos indivíduos menos escolarizados. Por outro lado, a inserção de jovens pouco qualificados faz-se claramente a troco da liquidez dos vínculos contratuais, alternando entre períodos de emprego (em geral de pouca duração) e de desemprego (Carneiro, 2007).

As conclusões do projecto NEWSKILLS¹⁸ demonstraram mesmo a existência de uma quebra da procura de baixas qualificações, que foi acompanhada por uma contínua redução da oferta de qualificações neste nível. Contudo, tanto este projecto como outros que têm sido realizados em Portugal confirmam a “*exceção portuguesa*”, na medida em que foi o único país no qual não houve esta redução na procura das baixas qualificações.

Assiste-se também a uma crescente oferta de diplomas, como tal os postos de trabalho desempenhados pelos menos qualificados tendem a ser ocupados pelos mais qualificados, o que se traduz em poucas oportunidades de emprego para os primeiros que coincidem com fenómenos de sobrequalificação (Carneiro, 2007).

Futuramente prevê-se que a única saída para a absorção dos trabalhadores de baixas qualificações no mercado de trabalho português sejam os serviços de proximidade que se enquadrarão numa espécie de “outra economia”, constituída por uma parcela do tecido produtivo mais local do que nacional, cuja concorrência é sensível ao preço e na qual a criação líquida de emprego acompanha a disponibilidade de mão-de-obra e as condições da sua oferta nos mercados de proximidade (Carneiro et al, 2003).

Os trabalhadores com fracas habilitações fazem parte dos grupos de empregabilidade fragilizada, tendendo a sua mobilidade a limitar-se à esfera do trabalho pouco qualificado, tanto dentro da mesma empresa como na mudança de uma empresa para outra, comportando características que perpetuam a fragilidade no mercado de trabalho, nomeadamente a falta de possibilidades de formação e de promoção profissional (Kovács, 1999).

¹⁸ Projecto NEWSKILLS foi levado a cabo entre 1996-99 e financiado pela CE no âmbito da rede TSER, cujos objectivos foram: compreender melhor a evolução do peso dos pouco qualificados no mercado de trabalho do período 1985-1995; investigar a extensão e as razões da decrescente procura de trabalhadores de baixa qualificação; investigar os factores que afectavam a oferta de qualificações, em particular no caso dos adultos de baixa qualificação.

Essa fragilidade aumenta ainda mais quando alterna com períodos de desemprego, que de resto tendem a prolongar-se (como aliás se verificou através dos dados estatísticos no capítulo anterior), levando portanto a um agravamento da sua situação.

Para muitos destes indivíduos as perspectivas de reinserção profissional são mesmo nulas, sendo estes as principais vítimas da exclusão profissional, que tende a repercutir-se em formas de exclusão da participação na vida em sociedade e da prática dos direitos em cidadania elementares (exclusão social).

Imaginário (1998) tipifica do seguinte modo os problemas dos indivíduos pouco escolarizados: acesso a um primeiro emprego, estável, contratualizado, no caso do grupo etário 15-24 anos; conservação, estabilização e progressão no emprego, no caso do grupo etário 25-39 anos; e precarização do emprego e de ameaça de desemprego no caso do grupo etário 40-60 anos. Contudo há que salientar que a afectação de tais problemas aos grupos etários considerados tem fronteiras imprecisas. Com efeito, a obtenção de um emprego estável pode arrastar-se para além dos 24 anos, a necessidade de mudanças (reconversões) pode ocorrer antes dos 40 anos e a ameaça de desemprego pode ser constante a partir dos 15 anos.

No caso destes trabalhadores, a política de emprego exerce-se essencialmente no domínio das qualificações (nomeadamente através da formação de activos empregados e desempregados) mas também no do emprego (por exemplo, medidas para reinserção profissional de desempregados com baixos níveis de empregabilidade).

Segundo Rebelo (2006), a educação e a formação de qualidade são condições indispensáveis para permitir aos indivíduos encontrar trabalho, sendo mesmo a própria lei que associa a ideia de formação à de empregabilidade (por exemplo, o disposto nos art. 123º e 124ª do Código do trabalho).

A aposta na educação e formação, para além de compensar os seus baixos níveis educativos, promovendo assim a sua empregabilidade, é ainda um factor determinante na redução das desigualdades, nomeadamente as salariais. Acrescenta-se que para Kovács (1999) a melhoria da empregabilidade passa também pela criação de oportunidades e melhoria da qualidade do emprego.

Torna-se assim pertinente perspectivar a educação e o trabalho como duas etapas da vida sucessivas e complementares. Não obstante prosseguirem lógicas próprias, o sistema de educação e o mercado de trabalho não podem ser campos estanques, mas antes complementares (Rebelo, 2006). Esta parece ser a forma de melhor diminuir os

desajustamentos, adequando as expectativas das empresas às dinâmicas dos sistemas de educação e formação em Portugal.

Contudo, melhorar a empregabilidade dos trabalhadores menos habilitados através da formação é tarefa dificultada essencialmente por dois factores: por um lado porque os contextos profissionais destes indivíduos limitam o seu acesso à formação, e por outro lado, porque a baixa escolaridade associa-se geralmente à menor propensão para o investimento individual e contínuo em formação. Cai-se assim no paradoxo de que os indivíduos que mais necessitariam de formação, são os que menos têm acesso à mesma e menos a procuram.

Atendendo ao primeiro factor referido, Kovács (1999) defende que as possibilidades de desenvolvimento de competências e, por conseguinte, as perspectivas de empregabilidade são muito diferenciadas de acordo com as situações de emprego, concretamente de acordo com os níveis de formação/qualificação exigidos e o grau de estabilidade do emprego (Figura 5.1).

Em desvantagem relativamente àqueles que se encontram nas situações 3 e 4, cujos contextos profissionais favorecem o desenvolvimento de novas competências, estão os indivíduos que se inserem nas situações 1 e 2, cujo trabalho é pobre em conteúdo limitando por isso as possibilidades de formação. Os trabalhadores com fracos níveis de escolaridade encontram-se essencialmente nestas duas últimas situações.

Os seus contextos profissionais são não apenas desqualificados, mas também desqualificantes, o que por um lado não estimula novas aprendizagens, mas também não permite exercitar competências previamente adquiridas, podendo mesmo existir com o passar do tempo situações de regressão das competências. O contexto de trabalho muitas vezes empobrecido em matéria de conhecimentos conduz a que nem indivíduos, nem empresas invistam em formação porque na realidade não existe essa necessidade.

Quando é ministrada formação, tende a ser passageira e apropriada para preparar os trabalhadores para a realização de tarefas pouco exigentes em termos de qualificação. Este tipo de formação é insuficiente para melhorar a empregabilidade, que requer formação mais ampla dirigida para o desenvolvimento não apenas de competências específicas, mas de competências-chave.

À situação 1 estão associados empregos instáveis, com contratos a termo e a tempo parcial, trabalho temporário, que tornam impossível o desenvolvimento de novas competências. Estas são geralmente situações características do emprego dos mais jovens (mesmo os detentores de níveis de escolaridade mais elevados). Na situação 2,

encontram-se sobretudo os trabalhadores pouco ou semi-qualificados com elevada antiguidade tendo um vínculo contratual de duração indeterminada. Porém, o grau de estabilidade do seu emprego é apenas aparente, podendo estes grupos passar para a situação de emprego precário ou para o desemprego em qualquer momento.

Figura 5.1: Situação relativamente ao emprego e às perspectivas de empregabilidade

Níveis de formação/qualificação	+	Situação 3: emprego independente, trabalho altamente qualificado: investimento individual no desenvolvimento de competências - Trabalho altamente qualificado (profissional), permitindo e exigindo aprendizagem contínua; - possibilidade de aprendizagem fora do trabalho; - Falta de interesse por parte da empresa em investir na formação de trabalhadores independentes; - Posição e capacidade de negociação dos indivíduos com o empregador; - Forte mobilidade profissional no mercado de trabalho externo (entre empresas); - Perspectivas profissionais: actividade profissional intensa qualificante, ligada a uma série de empresas sem vínculos estáveis.	Situação 4: emprego estável, trabalho qualificante: Possibilidades múltiplas para desenvolver competências - Trabalho qualificante, oferecendo possibilidades de aprendizagem no trabalho; - Forte motivação para aprendizagem fora do trabalho; - Forte interesse por parte da empresa em investir na formação com vista a melhoria das qualificações e polivalência; - Posição e capacidade de negociação dos indivíduos e/ou grupos de interesse com o empregador sobre salários e condições de trabalho; - Forte possibilidade de mobilidade horizontal e/ou ascendente no mercado de trabalho interno e externo.
	-	Situação 1: emprego instável e trabalho pouco qualificado: impossibilidade de desenvolvimento de novas competências - Pobre conteúdo do trabalho, limitando fortemente a aprendizagem no trabalho; - Falta ou pouca motivação para aprendizagem fora do trabalho quando se tem níveis de escolaridade baixos; - Falta de interesse por parte da empresa em investir na formação de pessoas com uma ligação provisória à empresa; - Falta de capacidade de negociação com o empregador; - Mobilidade predominantemente horizontal, sobretudo no mercado de trabalho externo; - Perspectivas profissionais: forte probabilidade de um percurso profissional marcada pela precariedade e ameaça de desemprego.	Situação 2: emprego relativamente estável, trabalho pouco qualificado: possibilidades limitadas de desenvolvimento de competências - Pobre conteúdo do trabalho, limitando fortemente a aprendizagem no trabalho; - fortes limitações de aprendizagem fora do trabalho; - Algum interesse por parte da empresa em investir na formação de alguns indivíduos com um bom desempenho; - Posição de negociação individual frágil, eventualmente capacidade de negociação individual com o empregador; - Predominância da mobilidade horizontal no mercado de trabalho interno, a mobilidade ascendente limitada; - Perspectivas profissionais: Para um pequeno segmento, probabilidade de melhorar a qualificação; para a maioria, manutenção da desqualificação e ameaça de precariedade e de desemprego
		Grau de estabilidade de emprego +	

Fonte: Kovács, 2002.

Ilustrando melhor o segundo factor, um estudo recente (Dias et al, 2006) reconheceu vários aspectos que podem efectivamente diminuir a motivação dos indivíduos para a aprendizagem, particularmente dos portadores de fracas qualificações escolares e profissionais, nomeadamente a dominância do modelo escolar de educação formação, cujos currículos e programas são, na maior parte dos casos, descontextualizados dos referenciais culturais destes indivíduos e desarticulados em relação às suas vivências sociais e profissionais; desadequação das metodologias, dos materiais e dos espaços utilizados em diversas situações de educação e formação; lacunas na formação de professores e formadores relativamente aos princípios, processos e metodologias de formação de adultos; desvalorização dos conhecimentos e competências previamente adquiridos pelos mesmos em outras situações formais, não-formais ou informais de aprendizagem.

Os indivíduos pouco escolarizados encontram-se portanto numa situação dupla desvantagem, para além de percursos educativos limitados, as possibilidades de melhoria das suas qualificações ao longo da vida são reduzidas, o que não é um problema excepcionalmente grave nos países que gozam de uma elevada qualificação escolar pela maioria da população, porém em Portugal, onde isso não acontece, a educação e formação destes indivíduos é particularmente crítica e urgente.

Na realidade, o que se tem vindo a verificar é que os padrões de oferta e de participação na educação e formação apenas aumentam o fosso educativo existente entre trabalhadores, porque aqueles que se encontram numa situação mais vantajosa, tendem a ver facilitado o acesso à aprendizagem, aumentando ainda mais as suas vantagens perante aqueles que se encontram numa situação de desvantagem.

As dificuldades inerentes à resolução do problema dos indivíduos menos escolarizados, merecem um esforço conjunto. Como tal, não estando as empresas interessadas na formação qualificante destes indivíduos, e não havendo condições para que os mesmos realizem auto-formação, o poderes públicos têm de garantir oportunidades de formação.

PARTE III – ADULTOS QUE NÃO COMPLETARAM A ACTUAL ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA EM SITUAÇÃO DE DESEMPREGO: O CASO DO SEIXAL

Capítulo 6: Metodologia e trabalho de campo

Uma investigação é antes de mais uma vontade de compreender, ou “*por definição algo que se procura (...) um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica*” (Quivy, 2003). Elaborar uma investigação exige uma atitude científica por parte do investigador, que pressupõe um trabalho de ruptura com as explicações do senso comum e uma construção do saber teoricamente fundamentada.

Este trabalho de investigação tem como enfoque privilegiado os desafios que os indivíduos que não completaram a actual escolaridade obrigatória de nove anos enfrentam no mercado de trabalho, e em particular quando confrontados com uma situação de desemprego.

Partindo da análise dos percursos anteriores destes indivíduos, pretende-se perceber em que medida estes contribuíram para a actual situação de desemprego, e simultaneamente analisar as estratégias desenvolvidas para encontrar saída do desemprego.

Mais especificamente, estabeleceram-se os seguintes objectivos: analisar os percursos escolares destes desempregados; caracterizar os seus percursos profissionais; dar conta das principais transformações decorrentes da situação de desemprego; perceber quais os recursos de que estes dispõem para alterar a sua situação actual e quais as estratégias desenvolvidas para o efeito; e perceber perante as expectativas que demonstram ter, quais as trajectórias que estão a construir.

Os percursos escolares¹⁹ constituem portanto uma das dimensões em análise, pois estes dão início a todo um projecto de vida, determinando em grande medida as oportunidades e as dificuldades que os indivíduos enfrentam perante o mercado de trabalho.

As experiências profissionais detidas pelos desempregados até ao momento de entrada no desemprego constituem outra das dimensões a analisar, uma vez que estas

¹⁹ O modelo de análise encontra-se em anexo na página 64.

dão por um lado uma imagem nítida sobre a qualidade dos empregos anteriores destes indivíduos e por outro podem ser encaradas como um indicador que permite aferir a maior ou menor facilidade na obtenção de novo emprego.

Outra das dimensões que será analisada em pormenor é a situação de desemprego e as estratégias que os desempregados mobilizam com vista à sua reinserção profissional. Daqui surgem vários tipos de trajectórias (trajectórias de pobreza; trajectórias de exclusão social; trajectórias de exclusão do emprego e trajectórias de inserção) que se vão construindo, e que dependem não só das referidas estratégias, mas também das histórias pessoais de cada indivíduo e das oportunidades que se vislumbram no campo socio-económico.

A problemática e os objectivos descritos justificaram a escolha da metodologia qualitativa, pois esta permite explorar as experiências e as perspectivas de futuro destes desempregados. Optou-se pela utilização de entrevistas aprofundadas, do tipo semi-directivo.

A utilização das entrevistas aprofundadas possibilita o aprofundamento dos elementos de análise recolhidos e oferece flexibilidade, permitindo recolher os testemunhos e as interpretações dos entrevistados, respeitando os seus próprios quadros de referência (a sua linguagem e as suas categorias mentais) (Quivy, 2003).

A opção pelas entrevistas semi-directivas justifica-se essencialmente por dois factores, por um lado, porque este tipo de entrevista é a mais adequada para aprofundar um determinado domínio de estudo (Ghiglione e Matalon, 2001), logo torna-se a escolha mais acertada nesta investigação, e por outro lado, na medida em que não é inteiramente aberta, nem encaminhada por um número de perguntas precisas, dá ao entrevistado uma certa margem de orientação do discurso, que a entrevista não directiva não proporciona.

O guião da entrevista²⁰ orientou-se em grandes capítulos, onde se foram desenvolvendo um conjunto de perguntas, acompanhado de perguntas “lembrança” que apenas foram introduzidas quando o entrevistado não as referia espontaneamente nas suas respostas.

O guião partiu do passado para o presente e do presente para o futuro, incidindo essencialmente sobre quatro momentos, precedidos pela recolha de alguns dados de caracterização dos entrevistados (idade, sexo, nível de habilitações). Um primeiro

²⁰ O guião de entrevista encontra-se em anexo na página 66.

momento direcciona-se para o percurso escolar dos entrevistados, tentando aí descortinar toda a sua vida escolar, desde o seu desempenho, e os sentimentos associados à escola/aprendizagem até os motivos de saída do sistema escolar.

Num segundo momento são introduzidas questões sobre o seu percurso profissional, que permitem analisar os desafios ou as vulnerabilidades que estes desempregados já enfrentavam quando ainda estavam empregados.

Um terceiro momento da entrevista incide na situação de desemprego, onde são exploradas as consequências que o surgimento deste fenómeno tem na vida dos entrevistados e as estratégias desenvolvidas pelos mesmos para encontrar emprego, assim como as respostas dadas a estas solicitações. É também explorada a percepção que os próprios protagonistas das situações de desemprego encontram para o facto de lhes ser dificultada a reinserção profissional.

Nesta parte são também introduzidas algumas questões sobre as experiências de formação profissional, tentando essencialmente perceber de algum modo a motivação que os entrevistados têm para participar educação/formação e as considerações que estes tecem sobre o papel da formação como mecanismo de compensação dos baixos níveis de escolaridade. Por fim, a quarta e última parte é dedicada à exploração das perspectivas que os entrevistados têm para o futuro, tentando perceber o tipo de trajetórias que estão a ser construídas.

O processo de recolha de informação decorreu entre Abril e Maio de 2008, e foram entrevistados onze desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego do Seixal. A escolha do mesmo prendeu-se essencialmente com um interesse pessoal em realizar investigação sobre esta região, aliado à maximização de recursos disponíveis. O contacto com estes desempregados deu-se através das Unidades de Inserção na Vida Activa (UNIVA) da região do Seixal, e dos concelhos vizinhos. Estas unidades são organizações ou serviços, acreditados pelo IEFP, que prestam apoio na resolução dos problemas de inserção ou reinserção profissional dos desempregados.

Deu-se por terminado o processo de recolha de informação, quando o rendimento das entrevistas começou a decrescer, isto é, quando os dados começaram a ser demasiado repetitivos. Posteriormente passou-se à transcrição completa do *corpus* de resultados, realizando-se em seguida a sua leitura, que permitiu desde logo começar a fazer uma análise, embora superficial.

Quanto à análise das informações obtidas através das entrevistas, no âmbito desta pesquisa, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo. Esta tem vindo a ocupar um lugar cada vez maior na investigação social, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (Quivy, 2003).

Segundo Bardin (2004) a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. Não deixando de ser uma técnica complexa, a análise de conteúdo está actualmente muito facilitada pelo recurso a programas informáticos de análise qualitativa, que ajudam na tarefa de dissecar o texto.

As principais vantagens da análise de conteúdo assistida por computador são segundo Bardin (2004) o aumento da rapidez; a grande flexibilidade que proporciona; o acréscimo de rigor na organização da investigação; a possibilidade de manipular dados complexos; a criatividade e a reflexão têm um lugar destacado visto que o investigador se encontra desembaraçado de tarefas laboriosas, longas e estéreis.

Fielding e Raymond (1998) acrescentam mais três justificações para o uso do computador na organização das informações, nomeadamente o facto deste facilitar a tarefa de gestão dos dados; a sua utilização potencia a extensão das possibilidades da pesquisa qualitativa, isto é, permite análises dificilmente atingíveis através de métodos “tradicionais”, e por fim existe segundo estes autores um aumento da credibilidade e do status da pesquisa qualitativa.

Reconhecidas as vantagens do uso do computador iniciou-se posteriormente o tratamento qualitativo recorrendo ao mesmo. Para tal optou-se pela utilização do programa de MAXqda (originalmente conhecido por winMax), que foi desenvolvido em Berlim por Udo Kuchartz em associação com a Universidade Livre de Berlim (Free University of Berlin) e que fornece um conjunto útil de possibilidades de organização da análise.

Com o intuito de conseguir uma análise ainda mais aprofundada, conjugou-se ainda a análise qualitativa à análise quantitativa, uma vez que os resultados da primeira são passíveis de quantificação e os resultados da análise quantitativa podem ser objecto de interpretação qualitativa.

O tratamento dos dados deu lugar a um conjunto de conclusões que foram incluídas na tese, e será esse trabalho que passamos a apresentar em pormenor no capítulo seguinte.

Capítulo 7: Adultos que não completaram a actual escolaridade obrigatória em situação de desemprego: o caso do Seixal

Propomos agora fazer uma breve caracterização estatística dos desempregados inscritos no Centro de Emprego do Seixal, à qual se seguirá a apresentação dos dados empíricos resultantes das entrevistas realizadas.

O Centro de Emprego do Seixal, está inserido na Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo e abrange dois concelhos da Península de Setúbal, o Seixal e Sesimbra. A área total destes concelhos corresponde a 290 Km², com uma população de 187 838 habitantes, cujo crescimento demográfico tem sido dos mais elevados do país. A actividade económica dos referidos concelhos abrange um total de cerca 20 mil empresas, sendo o Sector Terciário o mais significativo, com os serviços, comércio e restauração a atingirem cerca de 60% das empresas sedeadas em Sesimbra e Seixal.

De acordo com os dados enviados pelo Gabinete de Estudos e Avaliação (IEFP), numa década o total de desempregados inscritos no Centro de Emprego do Seixal diminuiu, à excepção dos desempregados detentores de diploma superior (Quadro 7.1). Tendo em conta o ano 2007, verifica-se que a maioria de desempregados inscritos neste Centro de Emprego possui o 3º ciclo, existindo também um número considerável com o 1º ciclo.

Quadro 7.1: Evolução do desemprego registado no Centro de Emprego do Seixal, segundo habilitações literárias, entre 1997 e 2007

(Milhares de indivíduos)

	1997	2007
Total	8101	6371
<1º Ciclo	376	198
1º Ciclo	2480	1472
2º Ciclo	1733	1211
3º Ciclo	1618	1568
Secundário	1515	1396
Superior	379	526

Fonte: IEFP – Gabinete de Estudos e Avaliação.

O tempo de inscrição no Centro de Emprego indica o grau de dificuldade que existe na reinserção profissional (Quadro 7.2). Pode constatar-se que a duração das experiências de desemprego registadas no Centro de Emprego do Seixal são em geral inferiores a 12 meses, o que pode dever-se ao facto dos indivíduos aceitarem facilmente

empregos precários. Tendo em conta a distribuição por nível de habilitações académicas, verifica-se que o tempo de desemprego apenas se prolonga para além dos 12 meses para os desempregados que completaram apenas o 1º ciclo, sendo que os restantes, independentemente do nível de habilitações académicas atingido, têm períodos de desemprego iguais ou inferiores a um ano.

Quadro 7.2: Desemprego registado no Centro de Emprego do Seixal, por tempo de inscrição, segundo habilitações literárias (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	< 1º Ciclo	Básico			Secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
< 12 meses	3982	112	683	764	1013	1011	399
>= 12 meses	2389	86	789	447	555	385	127
Total	6371	198	1472	1211	1568	1396	526

Fonte: IEFP – Gabinete de Estudos e Avaliação.

Compreender melhor a situação destes indivíduos após ultrapassada a situação de desemprego implica uma análise da estrutura das colocações. Numa década o número de colocações de desempregados que não atingiram a actual escolaridade obrigatória (3º ciclo) inscritos neste Centro de Emprego diminuiu (Quadro 7.3), contrariamente o número de colocações dos restantes desempregados aumentou, o que se traduz numa evidente dificuldade, por parte dos Centros de Emprego em reinserir estes indivíduos no mercado de trabalho.

Quadro 7.3: Evolução dos desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal, segundo habilitações literárias, entre 1997 e 2007

(Milhares de indivíduos)

	1997	2007
Total	724	579
<1º Ciclo	25	1
1º Ciclo	138	59
2º Ciclo	208	122
3º Ciclo	178	192
Secundário	156	175
Superior	19	30

Fonte: IEFP – Gabinete de Estudos e Avaliação.

Analisando as colocações registadas no ano 2007, por actividade económica e segundo nível de habilitações literárias²¹, verifica-se que em termos gerais os desempregados que não completaram a escolaridade obrigatória são colocados na área do alojamento e restauração, no comércio por grosso e a retalho e na construção.

Atendendo às colocações por profissão, segundo o nível de habilitações literárias²², referentes ao mesmo ano, verifica-se que em geral estes desempregados são colocados no pessoal dos serviços e similares, nos trabalhadores da metalúrgica e similares e nos trabalhadores não qualificados dos serviços e do comércio.

7.1. Percurso escolar e profissional

Antes de começar a análise de conteúdo das entrevistas propriamente dita é indispensável fazer uma breve caracterização dos entrevistados²³. Foram entrevistados onze desempregados inscritos no Centro de Emprego do Seixal, que não completaram a actual escolaridade obrigatória, dos quais cinco eram homens e os restantes mulheres, tendo idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos. Quanto aos níveis de escolaridade atingidos, quatro entrevistados completaram o 1º ciclo (4ª classe) (dois homens e duas mulheres), cinco completaram o 6º ano (três homens e duas mulheres), sendo que dois o fizeram no ensino recorrente, e dois completaram o 8º ano (duas mulheres). A maioria destes desempregados encontra-se em situações de desemprego de longa duração (tempo de desemprego superior a doze meses).

Como já foi referido anteriormente, os principais efeitos das mudanças em curso no mundo do trabalho, prendem-se com as crescentes exigências impostas aos indivíduos para desempenho de uma actividade profissional. O diploma escolar constitui um recurso crescentemente requerido no acesso a determinados lugares e profissões, como tal tendem a existir situações de exclusão daqueles que não têm os mínimos recursos exigidos. Os escassos recursos escolares dos entrevistados significam para estes diversas dificuldades, que serão agora analisadas em profundidade.

²¹ A tabela contendo os dados estatísticos referentes aos desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal por actividade económica, segundo nível de habilitações literárias, foi remetida para anexo (página 61) devido às suas dimensões.

²² A tabela contendo os dados estatísticos referentes aos desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal por profissão, segundo nível de habilitações literárias, foi remetida para anexo (página 62) devido às suas dimensões.

²³ O quadro síntese do perfil dos desempregados encontra-se em anexo (página 108).

Os seus percursos anteriores explicam em grande medida as vulnerabilidades e as dificuldades que enfrentam actualmente perante o mercado de trabalho, e são estes percursos que passamos agora a analisar.

Atendendo ao percurso escolar dos entrevistados, antes de mais importa perceber qual ou quais os motivos que os levaram a não prosseguir os seus estudos (Figura 7.1). Estes invocam essencialmente dois tipos de causas, que não se excluem entre si, pelo contrário entrelaçam-se.

Por um lado, destacam-se os motivos exteriores (ao indivíduo, à escola), associados aos contextos de vida dos entrevistados. Independentemente do perfil dos mesmos, assumem aqui maior expressão as necessidades económicas, que os levaram a abandonar a escola muito cedo e a iniciarem precocemente os seus percursos profissionais de forma a suprir todas as faltas existentes no seio familiar: *“Saí da escola porque não haviam possibilidades dos meus pais me mandarem continuar a estudar, vivíamos na província e haviam certas dificuldades, na altura éramos cinco irmãos, era um bocado complicado estudar, o que nós precisávamos era efectivamente ajudar os pais”* (entrevista 9); *“Saí da escola porque tinha de trabalhar, tínhamos dificuldades e eu fui trabalhar”* (entrevista 10). Salienta-se que de todos os entrevistados apenas dois não referiram como motivo de saída da escola as necessidades económicas.

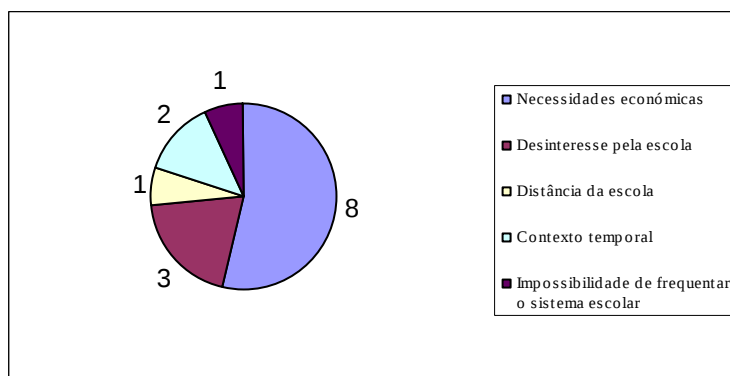
O contexto temporal constitui para dois dos entrevistados (pertencentes obviamente a escalões etários próximos) um factor justificativo da sua saída da escola: *“Naquela altura eu morava numa aldeia, ninguém estudava”* (entrevista 10); *“Era o que se gastava na altura”* (entrevista 4). Existia portanto uma certa desvalorização da aprendizagem, que levava a que poucas pessoas continuassem os seus estudos para além da escolaridade obrigatória da época (4ª Classe). Aliando-se a este factor aparecem as dificuldades económicas, que nestes dois casos são também referidas, e que apesar de tudo parecem ser mais decisivas da não continuação no sistema escolar.

Outros motivos são ainda apontados pelos entrevistados como justificativos do não prosseguimento dos estudos, como a distância da escola, que é referida por um dos entrevistados e a impossibilidade de frequentar o sistema escolar é também evocada, estando associada ao persistente insucesso escolar.

Por outro lado, encontram-se os motivos intrínsecos à relação dos entrevistados com o sistema escolar, que se traduzem apenas no desinteresse pela escola, que é referido em três entrevistas, curiosamente por mulheres. Este factor aparece sempre

associado à repetição de ano escolar, que parece assim desencadear a desmotivação, comprometendo o prosseguimento dos estudos.

Figura 7.1: Motivos de saída da escola



O desempenho escolar tem uma relação de interdependência com sentimentos que os entrevistados têm pela escola. Como tal, os entrevistados que consideraram o seu desempenho escolar fraco, associado geralmente a retenção escolar, são também os que nutrem pela escola sentimentos como a desmotivação e cansaço. Tais sentimentos tendem a contribuir também de forma significativa para a saída da escola.

O não prosseguimento dos estudos tem como consequência, em todos os casos, na entrada mais ou menos imediata no mercado de trabalho. Os percursos profissionais dos entrevistados são marcados por traços comuns: são em geral desqualificados, não impondo qualquer crivo selectivo de formação profissional ou escolar à entrada, mas também na grande parte dos casos desqualificantes.

Para as mulheres, os primeiros empregos constituem geralmente um prolongamento dos saberes-fazer domésticos, destacando-se actividades como a costura, os trabalhos domésticos e o cuidado de crianças. Para os homens, são mais frequentes os trabalhos na construção civil, no ramo da hotelaria e da restauração.

Os mais jovens, apresentam percursos profissionais instáveis e precários. Passam por vários empregos de curta duração, que não lhes oferecem quaisquer oportunidades. As experiências profissionais dos mais velhos (mais de 31 anos) são pelo contrário notoriamente mais duradouras, destacando-se mesmo o caso de um dos entrevistados que teve apenas uma experiência profissional, tendo a duração de trinta e cinco anos (entrevista 4).

Os percursos profissionais destes desempregados são na maioria dos casos (7 entrevistas) marcados por outras situações de desemprego mais ou menos prolongadas, que mais uma vez demonstram as vulnerabilidades a que este grupo está exposto.

Alguns entrevistados tecem considerações relativamente à facilidade que tinham em arranjar emprego há alguns anos atrás, em oposição às crescentes dificuldades que enfrentam actualmente neste campo: “(...) *há alguns anos atrás era com facilidade que se arranjava emprego, agora está tudo cada vez pior*” (entrevista 6); “(...) *na altura não havia dificuldade de arranjar empregos, era muito fácil arranjar emprego, nós às vezes estávamos a trabalhar numa casa já nos estavam a solicitar para outra, então mudávamos de patrão com a maior das facilidades, o que não acontece hoje*” (entrevista 9).

7.2. Desemprego e estratégias desencadeadas para resolver a situação

Actualmente o desemprego surge como algo inevitável para uma percentagem significativa de trabalhadores. Contudo, este fenómeno assume contornos especialmente preocupantes apenas para alguns, como é o caso dos indivíduos menos escolarizados, uma vez que estes se confrontam com problemas de reinserção profissional mais difíceis de resolver.

Os dados revelam que os motivos associados à situação de desemprego dos entrevistados são variados, contudo ganha maior destaque o despedimento involuntário, o que evidencia uma saída forçada do mercado de trabalho.

As experiências de desemprego só podem ser adequadamente compreendidas se houver a noção daquilo que se alterou com a perda do emprego e das adaptações a que esta obriga. O desemprego é um fenómeno que acarreta várias alterações na vida dos indivíduos, colocando-se em destaque as dificuldades económicas com as quais se deparam actualmente quase todos os entrevistados, embora beneficiem de subsídio de desemprego. Apesar de tudo, dois dos entrevistados não notam diferenças significativas a este nível, uma vez que o subsídio de desemprego compensou a diminuição de rendimentos.

Associada à quebra nos rendimentos, que se torna cada vez mais preocupante à medida que o tempo de desemprego aumenta, surge também uma quebra de consumos, sobretudo de bens supérfluos, como tal os indivíduos têm de se adaptar a novos hábitos e estilos de vida mais comedidos: “(...) *por exemplo todos os meses ia com a minha*

mulher e com as minhas duas filhas assim jantar fora, já não vou, e muitas coisas também, passear também não vou porque a gasolina está cara, passo a vida sempre em casa também” (entrevista 5); *“Quando estava a trabalhar podia sair mais vezes, ia comprar montes de roupas, coisas assim, agora não posso, tenho de cortar muita coisa”* (entrevista 10).

As consequências económicas do desemprego tendem a agravar-se mais quando existem situações de duplo desemprego, ou seja, quando os dois membros do casal se encontram desempregados ao mesmo tempo, o que acontece com um dos entrevistados. Acrescenta-se também que em dois casos, as dificuldades inerentes da situação de desemprego conjugam-se mesmo com situações de divórcio recente, que tornam ainda mais complicada a vida destes desempregados em termos económicos.

Outra das alterações decorrentes da situação de desemprego é a perda de hábitos adquiridos ao longo de uma vida de trabalho, que desaparecendo deixa um vazio, que ao longo do tempo vai sendo preenchido: *“(...) ao início quando me levantava de manhã parece que não sabia o que havia de fazer, porque estava habituada a levantar-me, tomar banho e ir para o trabalho, depois parece que a minha vida parou ali naquele bocado, mas depois com a continuação aquilo parece que normalizou (...)”* (entrevista 7).

Se por um lado o desemprego significa um sem número de perdas, este constitui simultaneamente um ganhar tempo e eventualmente mais disponibilidade para várias actividades, criando-se mesmo novas rotinas no decorrer do período de desemprego.

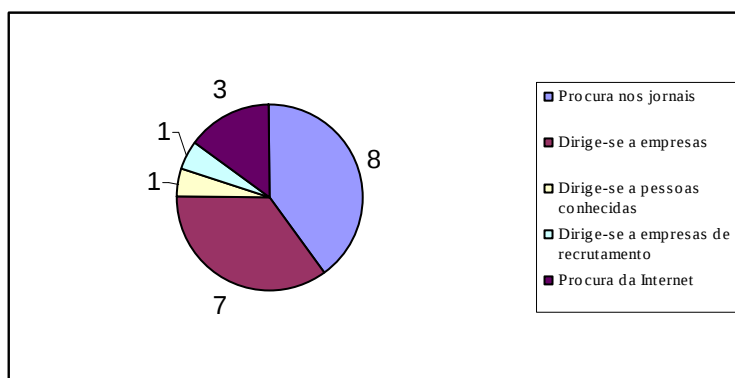
Da análise dos dados ressalta que mulheres tendem a ocupar o seu tempo com as tarefas domésticas ou o cuidado de crianças. Os homens ocupam o seu tempo com tarefas que não fazem por obrigação mas sim por distração, relacionadas como a pequena agricultura, o cuidado de animais. Os mais jovens (até 30 anos), por sua vez, ocupam mais tempo do seu dia-a-dia na procura de emprego.

A capacidade de desenvolver uma estratégia em termos de procura de emprego revela-se crucial quando se discutem as possibilidades de regressar ao mercado de trabalho.

Para além da inscrição no Centro de Emprego do Seixal, todos os entrevistados parecem mobilizar-se, uns mais do que outros, para encontrar emprego. Estes desempregados recorrem a um conjunto diversificado de estratégias de procura de emprego (Figura 7.2), das quais se destaca a procura nos meios clássicos: em anúncios de jornal (8 entrevistados), ou o contacto directo com as empresas (7 entrevistados).

Entre os mais jovens (até 30 anos) parece ser mais frequente a procura de emprego através da Internet, até porque geralmente são estes os mais familiarizados com as novas tecnologias.

Figura 7.2: Diligências efectuadas para encontrar emprego



Menos frequente entre os entrevistados é a procura através de empresas de recrutamento, ou recorrendo a pessoas conhecidas.

Apesar dos esforços feitos no sentido de arranjar emprego, os resultados não são animadores, pois de todos os entrevistados, apenas um tinha obtido resposta às tentativas que tinha realizado para encontrar emprego. Tal evidencia as dificuldades com que estes indivíduos se deparam na reinserção profissional.

Os desempregados entrevistados apresentam uma multiplicidade de representações sobre as suas dificuldades de reintegração no mercado de trabalho (Figura 7.3).

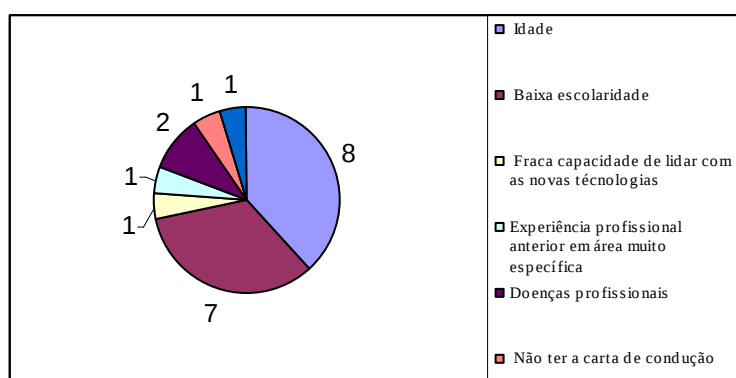
Estes justificam-nas essencialmente com base em referências à idade (8 entrevistas), associando ao facto de existirem representações sociais que relacionam o envelhecimento a uma menor capacidade de trabalho, resultantes da ideia de que os indivíduos tendem a ser menos saudáveis ou fisicamente limitados, e que com o passar dos anos tende a existir uma menor facilidade de aprendizagem e as funções cognitivas tendem a estar deterioradas, e ainda porque estes tendem a ser mais resistentes à mudança e por isso tendem a tornar-se inflexíveis ou obsoletos (Pestana, 2003). Para além da idade os entrevistados referem a falta de um certificado escolar de nível mais elevado (7 entrevistas): “Não tenho escolaridade e é evidente que uma pessoa que vá pôr uma pessoa a trabalhar, mete uma pessoa com mais escolaridade” (entrevista 2);

“A escolaridade também conta, eles querem é pessoas bem preparadas, com o 9.º ano pelo menos” (entrevista 6).

Duas das entrevistadas referem mesmo que as doenças profissionais que adquiriram ao longo da sua vida profissional poderão também dificultar a reinserção no mercado de trabalho: *“(…) quando sabem que eu tive 12 anos naquela fábrica, e como sabem que nós geralmente ficamos com doenças profissionais, tendinites, dizem logo”* (entrevista 7); *“Ninguém me quer com esta idade e ainda por cima cheia de tendinites”* (entrevista 1).

Um dos entrevistados menciona a fraca capacidade de lidar com as novas tecnologias como factor dificultador da reinserção profissional. Por fim, uma das entrevistadas encontra vários obstáculos à sua reinserção, como o facto de não ter carta de condução, de ter um filho ainda pequeno e de ter experiência numa área profissional pouco comum, o fabrico de objectos em cerâmica.

Figura 7.3: Factores que dificultam a reinserção profissional dos entrevistados



Apesar da formação profissional constituir uma mais valia em termos de compensação dos baixos níveis de escolaridade, preparação e adaptação dos indivíduos, constatou-se que esta não constitui uma alternativa válida para alguns dos entrevistados.

A grande maioria dos entrevistados frequenta ou já frequentou anteriormente formação, enquanto ainda tinham uma actividade profissional, traduzindo-se a formação nestes casos num imperativo organizacional. Estes cursos forneceram-lhes conhecimentos específicos para o desempenho de funções na área profissional onde estavam inseridos, mas não lhes garantiram contudo uma melhoria da sua empregabilidade. Em dois casos os entrevistados embora tendo iniciado cursos não chegaram a concluir, por motivos pessoais. Três dos entrevistados frequentavam na

altura da entrevista cursos de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC).

Acrescenta-se ainda que apesar de não frequentarem formação de momento, duas das entrevistadas manifestaram vontade de frequentar formação no futuro, tendo mesmo uma delas já efectuado várias tentativas nesse sentido, que até ao momento foram infrutíferas.

A frequência de formação está relacionada essencialmente com a motivação que se tem para tal e também com o facto de se acreditar que esta trará benefícios aos indivíduos. Dos desempregados entrevistados apenas cinco se sentem motivados para investir em formação. A desmotivação dos restantes, está essencialmente presente nos discursos dos entrevistados acima dos 31 anos, e é explicada pelo facto dos custos da formação (por exemplo o tempo que disponibilizam) serem para estes indivíduos maiores do que os benefícios, e como tal estes não se encontram predispostos para frequentar formação.

Uma das entrevistadas mostra-se mesmo insatisfeita com a forma como a formação está organizada, o que explica em parte a desmotivação que apresenta para frequentar formação.

A motivação para frequentar formação está, por sua vez, fortemente relacionada com a importância que os entrevistados lhe atribuem como forma de encontrar emprego. Em geral são os entrevistados mais jovens que revelam mais motivação para frequentar formação, pois parecem ser os que mais tiram partido da mesma. Por outro lado, os discursos dos mais velhos revelam a sua desmotivação e descrença quanto aos resultados que a formação lhes trará em termos de empregabilidade, daí que na sua maioria não se sintam motivados para frequentar formação: *"Tirar uma formação só por ter uma formação, ninguém me dava emprego com certeza, não tinha qualquer interesse em fazer formação, agora com 57 anos, para quê? Para que me servia? Só para ganhar conhecimentos, para isso leio lá os livros que tenho lá em casa, vou adquirindo conhecimentos de cultura geral e por aí a fora"* (entrevista 9).

Uma vez que a idade não constitui entrave, mas sim a baixa escolaridade, os mais jovens consideram a formação essencial para encontrar emprego, demonstrando mesmo dois dos entrevistados a vontade de prosseguir os estudos para além do actual ensino obrigatório.

7.3. Perspectivas para o futuro

Partindo da análise dos percursos anteriores dos entrevistados, o questionamento sobre o seu futuro reveste-se igualmente de extremo interesse (Figura 7.4).

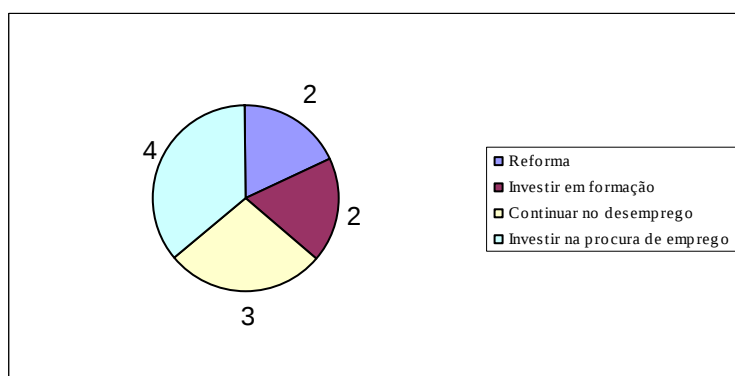
Os dados revelam que os entrevistados mais jovens (até 30 anos) tendem a olhar para o futuro de forma mais optimista e cheia de planos e metas a atingir apesar de todas as dificuldades que enfrentam na actualidade, os mais velhos pelo contrário são tendencialmente mais pessimistas e descrentes quanto à sua reinserção profissional, e por isso tendem a encontrar outras soluções para a sua vida.

A maioria dos entrevistados pensa continuar a procurar emprego (4 entrevistados), sendo evidente nalguns discursos uma crescente segurança em como o seu futuro será incerto ou mesmo precário: “(...) sinceramente acho que a única coisa que me espera é a limpeza para fora, tenho de fazer a da minha casa e tenho de arranjar uma senhora ou duas para eu trabalhar, ninguém me quer com esta idade e ainda por cima cheia de tendinites” (entrevista 1); “(...) Eu dizia assim, vou trabalhar a dias quando acabar o fundo de desemprego, mas é que nem a dias se arranja, é muito difícil” (entrevista 2).

Dois entrevistados, com idades superiores a 50 anos, consideram que a sua procura de emprego já não irá resultar, começando a tornar-se claro para estes que o mercado de trabalho constitui uma meta cada vez mais intangível, e como tal encontram na reforma antecipada a opção que lhes resta: “*Perspectivas de emprego não são nenhuma, por isso já meti os papéis para a reforma, estou a aguardar que eles me chamem*” (entrevista 4)

Uma vez que para os mais jovens (até 30 anos) não ter emprego significa geralmente permanecer na dependência dos pais ou de outros familiares mais próximos e por isso um adiar projectos de vida, parecem ser estes que mais se mobilizam para tentar mudar o seu futuro, perseguindo um sonho de “ir mais além”. Dois dos entrevistados pensam em investir em formação, pois consideram-na como saída para o desemprego. Uma das entrevistadas equaciona mesmo a hipótese de sair do país e tentar a sua sorte no estrangeiro, dizendo-se mesmo cansada de “saltar de um em um” [emprego] (entrevista 10), notando-se aqui o medo da instabilidade.

Figura 7.4: Perspectivas para o futuro



No sentido de perceber melhor as trajetórias que estes entrevistados estão a construir, recorreu-se à seguinte tipologia: trajetórias de pobreza; de exclusão social; trajetórias de exclusão do emprego e trajetórias de inserção.

As trajetórias de pobreza, estabelecem-se a partir da ideia de que os rendimentos no desemprego são baixos, o suficiente para originar quebras e consumo e dependência perante a família, associada a um comportamento fatalista.

É feita uma maior aproximação a este tipo de trajetórias, por dois dos entrevistados. Um dos casos é o de uma entrevistada do sexo feminino que é desempregada de longa duração e que vê acrescidas as suas dificuldades económicas, uma vez que já terminou o seu período de desemprego, estando a receber o subsídio social, para além de estar em processo de divórcio, o que dificulta ainda mais a sua situação económica.

Outra das situações, para a qual já se chamou à atenção anteriormente, é a situação de duplo desemprego, que atingiu um dos entrevistados, reforçando assim ainda mais as dificuldades que certamente já existiriam se apenas houvesse uma situação de desemprego, obrigando assim a fazer grandes adaptações: “(...) *tinha casa deixei de ter casa, deixei de pagar renda porque a minha verba agora é baixa, agora vivo numa casa alugada, a minha mulher também está no desemprego, também trabalhava em artes gráficas, pronto deixei de ter tudo*” (entrevista 3).

Não foi detectada nenhuma situação de trajetórias de exclusão social, ou seja a situação de desemprego não se traduziu para nenhum dos entrevistados na restrição das redes sociais, resultando assim no isolamento social para os desempregados.

No que se refere às trajetórias de exclusão do emprego, atendendo não só aos fracos níveis de escolaridade mas também à idade de alguns entrevistados, pode

mesmo considerar-se que estão em processo de exclusão do emprego, apesar de manterem uma procura de emprego, é cada vez mais evidente à medida que o tempo de desemprego se arrasta, menos hipóteses estes têm de regressar ao mercado de trabalho.

Fala-se de trajectória de inserção quando existe possibilidade de reinserção profissional, ou quando existe uma verdadeira mobilização para o efeito, através da frequência de formação profissional e da procura activa de emprego. Encontram-se enquadrados neste tipo de trajectória essencialmente os entrevistados mais jovens.

Considerações finais

A presente investigação procurou contribuir para o debate sobre os desafios com os quais os indivíduos que não completaram a escolaridade obrigatória se vêem actualmente confrontados, num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente.

Os indivíduos com percursos escolares limitados, tendem a ser cada vez mais penalizados no mercado de trabalho. De uma forma geral as suas vulnerabilidades situam-se essencialmente no momento do recrutamento e no acesso à formação (mas não se esgotam de todo nestes dois aspectos). Sendo o mundo do trabalho cada vez mais exigente, os processos de recrutamento são-no também, e por isso tendem a relegar para o fim da fila ou mesmo a excluir os indivíduos menos preparados.

A formação profissional que poderia compensar os baixos níveis de escolaridade torna-se efectivamente inacessível para muitos destes indivíduos, uma vez que as empresas tendem a investir menos na formação de trabalhadores com fracos recursos escolares, e mesmo quando é ministrada esta apenas lhes proporciona conhecimentos muito específicos do seu ramo profissional e em função de necessidades imediatas, que dificilmente lhes serão úteis ou facilitarão em possíveis processos de reinserção profissional. Por outro lado, estes indivíduos tendem a ter uma reduzida propensão para o investimento individual em formação, o que dificulta ainda mais a superação das suas vulnerabilidades.

Como se constatou através do trabalho empírico, os percursos profissionais dos entrevistados para além de desqualificados, são também desqualificantes, isto é, não requerem aprendizagem contínua, podendo mesmo levar ao esquecimento dos conhecimentos adquiridos no sistema de ensino/formação. As experiências profissionais dos mais velhos são geralmente marcadas por “estabilidade ilusória”, ou seja, uma estabilidade que a qualquer momento pode deixar de existir, e quando isso acontece é geralmente substituída por longos períodos de desemprego. Por outro lado, as experiências profissionais dos mais jovens são marcadas pela instabilidade e precariedade, o que tem como consequência um infundável adiar de projectos.

O desemprego surge quase sempre em algum momento da vida dos entrevistados, e a sua reinserção profissional parece não ser uma meta fácil de alcançar, ainda mais quando ao problema dos baixos níveis de escolaridade, se juntam outros como a idade avançada.

Através desta investigação constatou-se que quando os indivíduos são atingidos pelo desemprego, parecem realmente tomar consciência das suas vulnerabilidades, e é neste período que alguns se mobilizam para tentar contorná-las. Os mais jovens, tendem a aproveitar o período de desemprego para investir na sua formação, por outro lado, os mais velhos com atitudes resignadas olham para a sua situação de forma pessimista, e tendem por isso a encontrar outras alternativas para a sua situação (reforma).

Parece portanto haver uma “espiral negativa” que empurra estes indivíduos de situações vulneráveis, para situações ainda mais problemáticas e que por vezes tendem mesmo a ter contornos graves.

Tomando em consideração que em Portugal a maioria da população possui escassos recursos escolares, comparativamente a outros países da União Europeia, é importante reflectir sobre o futuro destes indivíduos, tentando encontrar soluções urgentes para as suas debilidades.

Trata-se essencialmente de ir à origem do seu problema, devendo ser desencadeado um verdadeiro combate aos baixos níveis de escolaridade, massificando e dispersando oportunidades de aprendizagem, que possam chegar a todos os que delas necessitem. E por outro lado, devem-se garantir soluções à medida, individualizadas e de elevada qualidade.

Para os mais jovens, a estratégia reside na excelência do sistema educativo, combatendo as saídas precoces do ensino e atraindo-os para o prosseguimento dos estudos. Por outro lado, para os mais velhos trata-se de organizar um verdadeiro movimento visando a escolarização maciça, exigindo coordenação e descentralização (territorial e institucional).

No entanto, é fundamental apostar numa melhor articulação entre a formação e o mercado de trabalho, que passa não só pela adaptação do ensino/formação às necessidades das empresas, mas também pela transformação da organização do trabalho e das carreiras, no sentido de aumentar o espaço de trabalho qualificante. Sem esta última condição preenchida não faz sentido haver um investimento em formação, pois este acabará por se perder.

Espera-se que os conteúdos da presente investigação contribuam para o debate esclarecido sobre as baixas qualificações no contexto nacional e que sirva, ainda de estímulo à realização de novos trabalhos de investigação que aprofundem ou desenvolvam a problemática em questão. Sugere-se que em investigações futuras seja feita uma avaliação cuidadosa dos resultados das medidas actualmente implementadas

pelo governo em matéria de educação/formação (por exemplo da Iniciativa Novas Oportunidades), em que sejam ponderados os pontos fortes e fracos das mesmas, e seja aprofundado por exemplo, o contributo de tais medidas para a melhoria da empregabilidade dos seus destinatários.

Referências bibliográficas

- ALBARELLO, Luc et al (1997), *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- ALMEIDA, Ana Nunes de e Maria Manuel Vieira (2006), *A escola em Portugal*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- ALMEIDA, João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto (1995), *A investigação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- ALMEIDA, Paulo Pereira de (2002), *Do trabalho nos serviços: processos de transformação no sector bancário*, Porto, Edições Afrontamento.
- ALMEIDA, Paulo Pereira de (2005), *Trabalho, serviço e serviços: contributos para a sociologia do trabalho*, Tese de doutoramento em sociologia do trabalho – ISCTE.
- ALMEIDA, Paulo Pereira de e Glória Rebelo (2004), *A era da competência: um novo paradigma para a gestão de recursos humanos e o direito do trabalho*, Lisboa, Editora RH.
- ARAÚJO, Pedro Manuel Coelho (2006), *E agora? Experiências do desemprego, factores de vulnerabilidade e mediadores de compensação*, Tese de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra – FEUC.
- AZEVEDO, M. Joaquim (1996), “A aprendizagem ao longo da vida: da mudança de palavras à mudança de políticas?” Comunicação apresentada no fórum *Euroformação-Eurotraining*, FIL, 17/18 de Abril.
- BARDIN, Laurence (2004), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- BOUDON, Raymond (1990), *Os métodos em sociologia*, Lisboa, Edições Rolim.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes (1998), “Exclusão social e acesso ao emprego: paralelas que podem convergir”, *Sociedade e Trabalho* n.º3.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes (1998), *Grupos desfavorecidos face ao emprego: tipologias e quadro básico de medidas recomendáveis*, Lisboa, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes (2000), “Exclusão profissional, exclusão social e cidadania” in Viegas, José Manuel Leite et al, *Cidadania, Integração, Globalização*, Oeiras, Celta Editora.
- CARAÇA, João (1993), *Do saber ao fazer: porquê organizar a ciência*, Lisboa, Gradiva.
- CARNEIRO, Roberto (2007), *Baixas qualificações em Portugal*, Colecção Cogitum, Lisboa, MTSS-GEP.
- CARNEIRO, Roberto (2007), *Estudo comparado de qualificações (Skills Audit)*, Colecção Cogitum, Lisboa, MTSS-DGEEP.
- CARNEIRO, Roberto (coord.) (2003), *Avaliação do Impacto da Estratégia Europeia para o Emprego em Portugal – Estudo Económico com Aferição Qualitativa*, Colecção Cogitum n.º 5, Lisboa, MTSS-DEEP.
- CARVALHO, R. de (1986), *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CENTENO, Luís Gomes (2001), Exclusão social e desenvolvimento: como o novo mercado de trabalho pode ser um gerador de exclusão, *Sociedade e Trabalho* n.º 14/15.
- CENTENO, Luís Gomes (2007), *Estudo sobre o retorno da formação profissional*, Colecção Cogitum, Lisboa, MTSS-GEP.
- COMISSÃO EUROPEIA (2000), *Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida*, Bruxelas.

- DIAS, M. (coord.) (2006), *Concepção Estratégica das Intervenções Operacionais no domínio da educação – relatório final em Estudos temáticos para preparação do próximo ciclo de intervenções estruturais QREN 2007-2013*, Observatório do QCA III, Março.
- EDWARDS, Richard (1997), *Chaging places? Flexibility, lifelong learning and learning society*, Routledge, London.
- FIELDING, Nigel G. e Raymond M. Lee (1991), *Using computers in qualitative research*, London, Sage.
- FIELDING, Nigel G. e Raymond M. Lee (1998), *Computer analysis and qualitative research*, London, Sage Publications.
- FODDY, William (2002), *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta Editora.
- FREIRE, João (2001), *Sociologia do Trabalho: uma introdução*, Porto, Edições Afrontamento.
- FREYSSINET, Jacques (1991), *Le Chômage*, Paris, Éditions La Découverte.
- GHIGLIONE, Rodolphe e Benjamim Matalon (2001), *O Inquérito: teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.
- GORZ, André (1988), *Metamorphoses du travail quête du sens*, Paris, Edition Galiée.
- GORZ, André (1997), *Misères du présent richesse du possible*, Paris, Édition Galiée.
- GUERRA, Isabel Carvalho Guerra (2006), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*, Estoril, Principia.
- IMAGINÁRIO, Luís (1998), “Problemas de inserção profissional dos adultos pouco escolarizados”, *Sociedade e Trabalho* n.º 2.
- IMAGINÁRIO, Luís (1998), *Adaptação/reinserção profissional dos adultos pouco escolarizados*, Lisboa, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- KOVÁCS, Ilona (1999), “Qualificação, Formação e Empregabilidade”, *Sociedade e Trabalho* n.º 4.
- KOVÁCS, Ilona (2002), *As metamorfoses do emprego: ilusões e problemas da sociedade da informação*, Oeiras, Celta Editora.
- LOPES, Helena (1998), *Aplicação de metodologias de formação para adultos pouco escolarizados*, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- LYON, David (2001), *Surveillance society. Monitory everyday life*, Buckingham, Open University press.
- MÉDA, Dominique (1995), *Le travail, une valeur en voie de disparition*, Paris, Alto Aubier.
- MELO, Alberto e tal (2002), *Novas políticas de educação e formação de adultos: o contexto internacional e a situação portuguesa*, Lisboa, Agência Nacional de educação e formação de adultos.
- MENDES, Armando e Luís Castro Rego (1992), *Perfil do desemprego de longa duração em Portugal – 1991*, Lisboa, Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SEGURANÇA SOCIAL (2005), *Plano Nacional de Emprego 2005-2008*, Lisboa.
- MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (1997), *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*, Lisboa.
- MONIZ, António Brandão e Ilona Kovács (2001), *Sociedade da informação e emprego*, Lisboa, Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional.
- MORIN, P. (1994), *La grande mutation du travail et de l'emploi*, Les Éditions d'Organisation, Paris.
- MOURA, João (1997), “Problemas da Política de Emprego”, *Sociedade e Trabalho* n.º 2.
- MURTEIRA, Mário (2003), *Globalização*, Lisboa, Quimera edições.
- MURTEIRA, Mário (2007), *A nova economia do trabalho*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

- NEVES, A. Oliveira das e Susana Graça (2000), *Inserção no mercado de trabalho de populações com especiais dificuldades*, Lisboa, Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional.
- NEVES, António Oliveira das (coord.) (2005), *Competitividade, inovação e emprego*, Cadernos Sociedade e Trabalho n.º 5, Lisboa, MTSS-DGEEP.
- NÓVOA, A. (1987), *Le temps des professeurs*, vol.1, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- NUNES, Maria Anabela Nascimento (2004), *Medidas e políticas de emprego: a inserção profissional de indivíduos pouco qualificados*, Tese de mestrado em Sociologia do Emprego, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE.
- PESTANA, Nuno Nóbrega (2003), *Trabalhadores mais velhos: políticas públicas e práticas empresariais*, Lisboa, MTSS-DGERT.
- PIRES, Ana Luísa de Oliveira (2005), *Educação e formação ao longo da vida: análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e competências*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PIRES, Eurico Lemos (1989), *O ensino básico em Portugal*, Porto, Edições Asa.
- QUIVY, Raymond e LucVan Campenhoudt (2003), *Manual de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Ramos, Alice (2000), “Centralidade do trabalho”, in Cabral, Manuel Villaverde e tal. (org.) *Trabalho e cidadania*, Lisboa, ICS.
- REBELO, Glória (2003), *Emprego e contratação laboral em Portugal: uma análise sócio-económica e jurídica*, Lisboa, Editora RH.
- REBELO, Glória (2006), “Educação, formação e emprego: por uma cultura de inovação”, *Sociedade e Trabalho* n.º 29.
- REICH, Robert (1993), *O Trabalho das Nações*, Lisboa, Quetzal.
- RODRIGUES, M.^a João (1996), *O sistema de emprego em Portugal: crise e mutações*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- SILVERMAN, David (2005), *Doing qualitative research: a practical handbook*, London, Sage.
- VALA, Jorge (2003), “A análise de conteúdo” em *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento.
- VALLES, Miguel S. (2002), *Entrevistas cualitativas*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.

Anexos

Anexo 1

Quadros estatísticos

Quadro 1: População com 15 e mais anos segundo o nível de escolaridade completo, por grupo etário e sexo (Ano 2007)
(Milhares de indivíduos)

Grupo etário	Sexo	Total	Nenhum	1º Ciclo	Ensino básico		Secundário e pós-secundário	Superior
					2º Ciclo	3º Ciclo		
População com 15 e mais anos	HM	8969,6	1104	2684,7	1453,5	1554,4	1245,5	927,6
	H	4293,6	350,4	1341,9	798,1	829,8	603,2	370,3
	M	4675,9	753,6	1342,8	655,4	724,6	642,2	557,3
Dos 15 anos 24 anos	HM	1237,9	7,2	30,5	248,3	520,8	379,5	51,8
	H	630,9	4,5	18,6	144,4	274,8	172,7	16
	M	607,1	2,7	11,9	103,9	246	206,7	35,8
Dos 25 aos 34 anos	HM	1646	33	128,3	392,4	360,9	379	352,5
	H	828,1	18,5	69,7	220,3	209,5	184,8	125,4
	M	817,9	14,5	58,6	172,1	151,4	194,2	227,1
Dos 35 aos 44 anos	HM	1576,1	47,7	380,7	450,3	267,8	215,9	213,8
	H	781,7	29,8	193,3	240,7	128,8	106,4	82,6
	M	794,4	17,9	187,5	209,5	139	109,4	131,2
Com 45 e mais anos	HM	4509,5	1016,1	2145,2	362,6	405	271,1	309,5
	H	2052,9	297,6	1060,3	192,7	216,8	139,3	146,2
	M	2456,5	718,5	1084,8	169,8	188,3	131,8	163,3

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Quadro 2: População empregada segundo a profissão principal (CNP-94), por nível de escolaridade completo e sexo (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Sexo	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
				1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo		
Total	HM	5169,7	273,3	1430,2	1010,9	945,7	776,6	733
	H	2789,3	120,3	818,6	602,2	552,7	393,2	302,2
	M	2380,4	153,1	611,5	408,7	393	383,4	430,8
Dirigentes e quadros superiores	HM	344,5	§	96,2	58,4	63,6	54,2	67,7
	H	235,9	§	67,8	40,5	43,6	40	41,3
	M	108,6	§	28,3	17,9	20	14,2	26,4
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	HM	442,6	§	§	§	6,4	28,2	404,5
	H	193	§	§	§	§	14,9	171,4
	M	249,6	§	§	§	§	13,3	233,1
Técnicos e profissionais de nível intermédio	HM	453	§	14,3	25,9	89,2	170,3	152,3
	H	248,3	§	10,8	20,4	62,7	105,5	48,3
	M	204,7	§	§	5,5	26,5	64,9	104,1
Pessoal administrativo e similares	HM	479,7	§	24,5	52,6	141,5	204,7	55,3
	H	179,5	§	13	27,3	56,2	67,2	15,5
	M	300,2	§	11,5	25,4	85,2	137,5	39,8
Pessoal dos serviços e vendedores	HM	767,1	10,5	181,4	168,4	235,1	146,2	25,6
	H	243,2	§	53,2	51,5	84,8	44,6	7,3
	M	523,9	8,8	128,2	116,9	150,3	101,6	18,2
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca	HM	562,2	166,1	310,3	53,1	20,1	9,5	§
	H	287,8	68,2	164,6	29,6	16,5	6,6	§
	M	274,4	97,9	145,8	23,5	§	§	§
Operários, artífices e trabalhadores similares	HM	1020,8	32,3	386,1	350,5	184,3	59,5	8
	H	805,3	25,6	308,8	259,9	153,6	50	7,4
	M	215,5	6,7	77,3	90,6	30,7	9,5	§
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	HM	402,8	10,3	141,4	130,7	83,8	34,3	§
	H	334,8	8,4	119,7	104,3	72	28,3	§
	M	68	§	21,7	26,4	11,8	6,1	§
Trabalhadores não qualificados	HM	662,1	47,2	274,8	167,7	111,4	53,8	7,2
	H	231,7	12,5	80	65,8	50,1	22	§
	M	430,4	34,7	194,8	101,9	61,3	31,8	5,9
Forças armadas	HM	35	–	§	§	10,3	15,8	7
	H	29,9	–	§	§	8,7	14,1	5,3
	M	5,1	–	§	–	§	§	§

Fonte: INE, Estatística do Emprego.

Sinais convencionais: § Valor com erro de amostragem associado superior a 20%, pelo que não pode ser divulgado; - Resultado nulo.

Quadro 3: População empregada segundo a antiguidade no actual emprego principal, por nível de escolaridade completo (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	5169,7	273,3	1430,2	1010,9	945,7	776,6	733
Menos de 3 meses	177,2	§	31,4	38,4	44	33,2	26,8
Entre 3 e 6 meses	227,6	4,9	38,4	49,1	55,3	41,8	38,1
Entre 7 e 11 meses	235,7	§	38,7	53,5	53	44,8	41,5
Entre 1 e 2 anos	407,2	10,2	73,4	88	95,6	74,7	65,3
Entre 2 e 5 anos	736,8	16,5	151,4	155,8	160	138,6	114,4
Entre 5 e 10 anos	1060,6	35,4	248,3	236,5	215	171,1	154,4
Mais de 10 anos	2324,5	198,9	848,5	389,4	322,7	272,4	292,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Sinais convencionais: § Valor com erro de amostragem associado superior a 20%, pelo que não pode ser divulgado; - Resultado nulo.

Quadro 4: Trabalhadores por conta de outrem segundo o escalão de rendimento salarial mensal líquido, por nível de escolaridade completo (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	Nenhum	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Total	2816,2	68,3	656	604,9	584,6	481,7	420,7
< 310	115,6	10,7	50,8	17	17,6	15,8	§
de 310 a < de 600	1298,4	44	393,1	371,1	295,2	165,4	29,6
de 600 a < de 900	773,6	11,7	173,7	168,5	175,8	170,8	73
de 900 a < de 1200	277,4	§	27,9	33	57,3	71,3	86,7
de 1200 a < de 1800	237,7	§	9,3	13,1	32,6	45,4	136,9
de 1800 a < de 2500	74,8	§	§	§	5,1	9,2	57,8
de 2500 a < de 3000	17,3	-	-	§	§	§	14,4
3000 euros e >	21,2	-	§	§	§	§	18,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Sinais convencionais: § Valor com erro de amostragem associado superior a 20%, pelo que não pode ser divulgado; - Resultado nulo.

Quadro 5: Desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal, por actividade económica, segundo nível de habilitações literárias (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	< 1º Ciclo	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Agricultura	2	.	.	.	1	1	.
Indústrias extractivas	1	.	.	1	.	.	.
Indústrias alimentares	11	.	1	2	6	2	.
Fabricação de têxteis	4	.	2	.	1	1	.
Indústria do vestuário	9	.	3	3	2	1	.
Indústria da madeira e da cortiça	5	.	1	1	2	1	.
Indústrias do papel	8	.	.	2	.	6	.
Fabricação de produtos petrolíferos e outros	1	.	.	.	1	.	.
Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	3	.	.	2	1	.	.
Indústria metalúrgica e fabricação de produtos metálicos	20	.	4	4	10	1	1
Fabricação de equipamento informático	18	.	3	6	5	4	.
Fabricação de veículos automóveis, componentes e outro equipamento	2	.	1	.	1	.	.
Fabricação de mobiliário	2	.	.	.	1	1	.
Electricidade, gás e água	9	.	3	.	3	3	.
Construção	60	.	8	15	20	15	2
Comércio, manutenção e reparação de veículos automóveis e motociclos	13	1	.	2	7	3	.
Comércio por grosso e a retalho	119	.	6	18	48	36	11
Transportes e armazenagem	8	.	2	1	3	2	.
Alojamento, restauração e similares	67	.	10	27	22	7	1
Actividades de informação e de comunicação	6	.	.	1	.	3	2
Actividades financeiras e de seguros	1	.	.	.	.	1	.
Actividades imobiliárias	93	.	6	11	32	44	.
Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	20	.	.	.	4	14	2
Administração pública, educação, actividades de saúde e apoio social	53	.	5	12	13	16	7
Outras actividades de serviços	38	.	3	10	8	13	4
Sem classificação	6	.	1	4	1	.	.
Total	579	1	59	122	192	175	30

Fonte: IEFP – Gabinete de Estudos e Avaliação.

Quadro 6: Desempregados colocados no Centro de Emprego do Seixal, por profissão, segundo nível de habilitações literárias (Ano 2007)

(Milhares de indivíduos)

	Total	< 1º Ciclo	Básico			Secundário e pós-secundário	Superior
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
Directores de empresa	1	.	.	.	.	.	1
Especialistas das ciências físicas	4	.	.	.	.	.	4
Especialistas das ciências da vida	1	.	.	.	.	.	1
Docentes do ensino secundário, superior	1	.	.	.	.	.	1
Outros especialistas das profissões intelectuais	1	.	.	.	.	.	1
Técnicos e profissionais de nível intermédio	9	.	.	3	2	4	.
Profissionais de nível intermédio das ciências	1	.	.	.	.	1	.
Profissionais de nível intermédio do ensino	3	.	.	.	.	.	3
Outros técnicos e profissionais de nível intermédio	18	.	.	.	5	9	4
Empregados de escritório	64	.	1	3	17	39	4
Empregados de recepção	17	.	.	1	8	5	3
Pessoal dos serviços	128	.	14	45	40	25	4
Manequins, vendedores, e demonstradores	47	.	.	5	26	15	1
Agricultores e trabalhadores qualificados a agricultura e da pesca	4	.	.	2	1	1	.
Operários artífices e trabalhadores similares	29	.	6	9	9	5	.
Trabalhadores da metalúrgica e similares	52	1	8	12	23	7	1
Mecânicos de prec., oleiros, vidreiros, artes gráficas	1	.	.	.	.	1	.
Outros operários, artífices e trabalhadores similares	26	.	8	6	9	3	.
Operadores de instalações fixas e similares	4	.	.	4	.	.	.
Operadores de máquinas e trabalhadores da montagem	51	.	1	4	18	28	.
Condutores de veículos e operadores de equipamentos pesados móveis	15	.	2	5	4	4	.
Trabalhadores não qualificados dos serviços e do comércio	77	.	15	17	20	23	2
Trabalhadores não qualificados das minas, da construção civil	25	.	4	6	10	5	.
Total	579	1	59	122	192	175	30

Fonte: IEFP – Gabinete de Estudos e Avaliação.

Anexo 2

Modelo de análise

Quadro 7: Modelo de análise

Conceito	Dimensões	Indicadores	Perguntas do Guião
Percorso escolar	Escolarização	Nível de escolaridade atingido; desempenho escolar; motivo de saída do sistema de ensino; sentimentos face à escola	▪ Perguntas relativas ao percurso escolar (Pergunta 4)
Percorso profissional	Situação profissional anterior	Profissão; duração; tipo de contrato; remuneração; motivo de cessação	▪ Perguntas relativas ao percurso profissional (Pergunta 5)
	Situação profissional actual		
Formação profissional	Em contexto de emprego	Acções de formação	▪ Perguntas relativas às experiências de formação profissional (Pergunta 10)
	Em contexto de desemprego		
Estratégias de reinserção no mercado de trabalho	Activas	Diligências feitas para encontrar emprego	▪ Perguntas relativas às estratégias de reinserção no mercado de trabalho (Perguntas 8 e 9)
	Passivas		
Trajectórias de saída da situação de desemprego	Trajectórias de pobreza	Rendimentos; sociabilidades; tempo de desemprego; frequência de formação	▪ Perguntas relativas à situação de desemprego (Perguntas 6 e 7) ▪ Perguntas relativas às experiências de formação profissional (Pergunta 10) ▪ Perguntas relativas às estratégias de reinserção no mercado de trabalho (Perguntas 8 e 9) ▪ Perguntas relativas às perspectivas para o futuro (Pergunta 11)
	Trajectórias de exclusão social		
	Trajectórias de exclusão do emprego		
	Trajectórias de inserção		

Anexo 3

**Guião de entrevista aprofundada aos
desempregados que não completaram a actual
escolaridade obrigatória inscritos no Centro de
Emprego do Seixal**



Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Mestrado em Sociologia das Organizações, Trabalho e Emprego

Guiões de entrevista aprofundada aos desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego do Seixal

N.º de entrevista: _____
Nome: _____

Data da entrevista: ____/____/2008
Contacto: _____

O meu nome é Marina Nobre Cavacas e estou a realizar entrevistas aprofundadas aos desempregados que não completaram a actual escolaridade obrigatória inscritos no Centro de Emprego de Seixal.

Com estas entrevistas pretende-se melhorar o conhecimento sobre as vulnerabilidades dos desempregados que não atingiram a actual escolaridade mínima obrigatória, sendo de salientar que nas respostas a todas as perguntas colocadas o seu anonimato está totalmente garantido.

Desde já agradeço a sua colaboração para a concretização dos objectivos deste trabalho.

I. Caracterização social elementar

1. A sua idade: _____ anos

2. Sexo: (masculino/feminino)

3. Nível de habilitações académicas que possui:
 - Menos de 4 anos de escolaridade;
 - De 4 a 6 anos de escolaridade;
 - De 6 a 8 anos de escolaridade;

II. Percurso escolar

4. Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

- Que idade tinha quando saiu da escola;
- Motivo (s) de saída do sistema de ensino;
- Abordar o entrevistado sobre o seu desempenho escolar;
- Explorar os sentimentos face à escola (gosto pela aprendizagem, importância da escola).

III. Percurso profissional

5. Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

- Explorar as dificuldades que os entrevistados encontraram para encontrar os empregos anteriores;
- Explorar a existência de outras situações de desemprego anteriores.

IV. Situação de desemprego

6. Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado (a)?

7. O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

- O que fazia e deixou de fazer / o que comprava e deixou de comprar;
- Explorar formas de ocupação do tempo.

V. Estratégias de Reinserção

8. Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito no Centro de Emprego)?

- Estratégias activas/estratégias passivas;

9. Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

- Explorar as propostas de emprego recebidas;
- Explorar os factores que dificultam a reinserção no mercado de trabalho.

VI. Experiências de formação profissional

10. Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

- Durante o período de emprego/durante o período de desemprego;
- Explorar áreas de formação;
- Explorar a motivação para a frequência de formação profissional;
- Explorar as considerações do entrevistado sobre a importância da formação para arranjar emprego.

VII. Perspectivas para o futuro

11. Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

A entrevista terminou. Mais uma vez, obrigado pela sua colaboração.

Anexo 4

Transcrição de entrevistas

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 1

Data da entrevista: 21 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 49 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 4.ª classe

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Entrei na escola com sete anos e sai aos onze, fiz unicamente a 4.ª classe, depois ainda frequentei o 5.º ano mas desisti, porque os rendimentos dos meus pais eram poucos e não podiam ter todas as filhas em casa e eu tive que sair para ir ajudar a família.

Gosta de andar à escola? Gostava, mas não tive possibilidades de continuar.

Tinha boas notas? Até à quarta classe tive boas notas, depois como desisti nem deu bem para ver o que é que realmente conseguia seguir.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Comecei por ir aprender a costura, era o que havia na altura, aos catorze sai da costura e fui trabalhar para uma fábrica cablagens. Estive lá durante trinta e três anos e meio.

Quais foram os motivos de cassação do contrato? Foi a transferência da empresa, a transferência não, deslocação.

Teve outras experiências de desemprego antes desta? É a primeira vez que estou desempregada.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado (a)?

Estou desempregada mais ou menos há ano e meio.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

A situação é totalmente diferente, as dificuldades são muitas, não tem nada a ver, perdi todos os hábitos que tinha, por exemplo levantar-me cedo todos os dias, ir ao café, ir às compras, não vou com a frequência que ia quando estava a trabalhar, nem pensar, está fora de questão, a gente vai às compras e tem que se orientar mais ou menos com as coisas para todo o mês e depois lá se compra uma coisa por outra que faça falta.

Então e como ocupa actualmente o seu tempo? Há grandes diferenças, mas o tempo ocupado agora até o tenho devido a ir para a escola, a ir para o curso de formação profissional, RVCC, depois temos de fazer os trabalhos que eles nos mandam fazer.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Estou inscrita no centro, de mês a mês vou ao Centro de Emprego ver as ofertas e de quinze em quinze dias vou lá para a apresentação quinzenal, que também tem ofertas de emprego e todos os meses tenho de fazer a procura activa de emprego, que é passar pelas firmas, inscrever-me e trago um comprovativo em como passei, é mais ou menos isso agora...também já tenho respondido a anúncios dos jornais, mando cartas registadas, com a candidatura a emprego.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Nada, nunca tive uma resposta, também devido à idade. É devido à idade e à escolaridade, mas mais à idade.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Estou a frequentar um curso de formação profissional, o RVCC.

Frequentou formação enquanto estava a trabalhar? Só na área de cablagens, tive um cursozito de bombeiros, mas foi obrigatório.

Sente-se motivada para frequentar formação? Eu acho que aquilo ali não me vai garantir grande coisa. Eu gostava realmente de tirar pelo menos o 9.º ano mas gostava de uma coisa diferente, não é aquilo, com o método que eles utilizam, porque é assim as primeiras aulas que nós damos eles não nos ensinam nada, eles só vêm as nossas capacidades. Eu nunca trabalhei com um computador, e eles nunca me ensinaram, agora é que me vão ensinar, futuramente, quando eu começar a ter aulas de apoio é que vão-me ensinar a trabalhar, antes disso ninguém me ensinou nada, só mesmo para eles terem noção da nossa experiência à base de fichas.

Acha que a formação vai ser importante para arranjar emprego? Nem pensar, está fora de questão.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Vou continuar à procura de emprego, mas sinceramente acho que a única coisa que me espera é a limpeza para fora, tenho de fazer a da minha casa e tenho de arranjar uma senhora ou duas para eu trabalhar, ninguém me quer com esta idade e ainda por cima cheia de tendinites.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 2

Data da entrevista: 22 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 49 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 4.ª classe

II Percurso escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Tinha doze anos quando saí da escola, fiz a 4ª classe e fui logo trabalhar, infelizmente. O meu pai morreu eu tinha dois anos, a minha mãe tinha seis filhos, eu era a mais nova e tive de sair de casa, tive de vir para Lisboa trabalhar.

Gostava de andar na escola? Gostava, mas infelizmente tive de deixar.

Era boa aluna? Sim, o meu problema era a matemática, as contas de dividir, naquela altura eram as contas de dividir, mas era boa a português. As minhas irmãs mais velhas ainda falaram em eu avançar mais nos estudos e assim só que eu depois também não quis porque elas tinham ido trabalhar com oito anos, e eu digo assim, não, então elas foram trabalhar tão cedo, lá por eu ser a mais nova tenho que ir trabalhar também, pronto e depois fui. Naquela altura eu morava numa aldeia, ninguém estudava, só as pessoas que tinham melhores recursos, pessoas que viviam bem é que iam estudar. Naquela altura três miúdas da minha idade foram estudar, mas a minha mãe não tinha recursos para eu ir estudar, de maneira nenhuma.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Primeiro fui tomar conta de duas crianças em Lisboa, depois entretanto passei para outro casal que tinha um filho pequeno, pronto fui empregada doméstica alguns anos, depois entretanto sai e fui para um infantário, depois do infantário fui fazer limpeza para uma firma de segurança, e tive aí a trabalhar dezasseis anos, aí tirei um curso de dactilografia, depois da limpeza passei para telefonista. Entretanto casei-me, fiquei grávida passado quatro anos, depois a firma ficou com dificuldades e mandou-me embora mas não fechou.

Então não é a primeira experiência de desemprego que tem? Não, já é a terceira infelizmente. Depois aí fui para o desemprego, tive não sei se nove meses, não sei quanto tempo é que era nessa altura, portanto isto já foi há vinte e tal anos...depois entretanto tive uns anos sem trabalhar, a minha filha nasceu infelizmente tinha problemas e eu depois fiquei em casa para cuidar dela, depois entretanto tive outra dificuldade, a minha irmã ficava com a minha filha e eu ia fazer uns diazinhos e entretanto depois fui trabalhar para uma firma de embalagem de ovos, de calibragem. Nessa empresa tive mais ou menos um ano, eles também tiveram dificuldades depois mandaram-me embora, depois eu falei com eles e eu sei que acabei por ficar mais algum tempo para ter direito ao fundo de desemprego, não sei quanto tempo foi e depois fui novamente para o fundo de desemprego, tive muito tempo desempregada. Passado um tempo consegui arranjar trabalho em casa de uma senhora a fazer limpeza, depois no fim de estar aí fui trabalhar para uma lavandaria, onde trabalhei cinco anos, entretanto a filha da patroa foi para lá trabalhar, mandou-me a mim embora, e entretanto já mudou de instalações e pronto agora estou no desemprego.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado (a)?

Já estou há mais de três anos. Então já acabou o fundo de desemprego, agora estou a receber o subsídio social, recebi o primeiro mês. Do fundo de desemprego deram-me trinta e três meses e entretanto terminou e eu pedi na segurança social.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Então as coisas cada vez ficam piores, altera-se tudo. Agora estou com muito mais dificuldades económicas, uma vez que também estou divorciada. É todos os dias a dar dinheiro, todos os dias a dar dinheiro e pronto, estou numa situação difícil como pode imaginar.

As minhas irmãs vêm cá aos fins-de-semana é que me dão alguma ajuda, trazem comida para o frigorífico, trazem o almoço feito, se não fossem as minhas irmãs como é que eu vivia?! Nem a dias que consigo arranjar, no outro dia houve um concurso para uma Junta de Freguesia, fui lá entregar o currículo mas também era para limpeza, também ninguém me chamou.

Como ocupa agora o seu tempo? Tenho uma casa muito grande para limpar, tenho sempre que fazer, vou ao café só para ver o jornal, para ver os anúncios, para ver se arranjo assim alguma coisa. Vou ao café todos os dias, a seguir ao almoço, bebo o meu cafezito, é onde eu gasto o meu dinheiro mal gasto, não vou para lado nenhum. Às vezes vou ao pinhal com os cachorros e vou à casa das minhas irmãs também.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Tenho procurado anúncios nos jornais. Dou os meus telefones nas lojas dos trezentos em vários sítios até no Centro Comercial e tudo, dou os meus telefones a várias pessoas minhas conhecidas que têm lojas, se souberem de alguém que precise ou assim para me contactar e depois também sabe tenho a 4.^a classe e também já tenho cinquenta anos, eu penso assim, eu se tivesse uma empresa se calhar metia pessoal mais novo. Uma vez no fundo de desemprego chamaram-me para eu ir lá, mas estava para fazer uma cirurgia, era para ir para jardineira, mas era para ser operada, não fui. Eu agora também fiz currículo, mas sinceramente não tenho enviado o currículo assim para muitos lados, fui só levá-lo à junta de freguesia. Olhe ainda ontem vi um anúncio a pedir auxiliares para o hospital, vem lá a morada e tudo, mas eu acho que nem vale a pena mandar, depois diz assim experiência e eu penso assim, eu não tenho experiência, trabalhei num infantário, agora experiência para lares e coisas assim de hospital não tenho e depois penso: mas o que me vale a mim ir lá levar o currículo se eu tenho a 4.^a classe?! Devem haver lá

muitos currículos de miúdas que têm o 12.º ano e eu só tenho a 4.ª classe, o que é que me vale a mim ir para Lisboa que eu vou gastar 10€, e não vai valer a pena? E nunca lá fui entregar o currículo por causa disso, eu tenho a certeza que há-de haver lá pessoal mais qualificado do que eu, só que tenha o 9.º ano. De certeza que vão meter uma pessoa com o 9.º ano e vão deixar uma de 4.ª classe para trás. Olhe a primeira vez que eu havia de ter vindo aqui tirar um curso profissional, mas não sei se não havia, foi a primeira vez que eu tive no desemprego, que foi quando eu sai dessa firma de segurança, era mais nova e tinha estado a trabalhar num infantário e nessa altura podia.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Não me têm respondido a nada. Até hei-de telefonar para a junta de freguesia a perguntar se já meteram a pessoa, porque eu fui lá logo passado pouco tempo. É por causa da idade e não tenho escolaridade e é evidente que uma pessoa que vá pôr uma pessoa a trabalhar, mete uma pessoa com mais escolaridade. Agora uma pessoa com a 4.ª classe com cinquenta anos, não metem.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Só fiz o curso de dactilografia, tirei porque precisava, era telefonista na firma, mas também escrevia à máquina.

Sente-se motivada para frequentar formação futuramente? Sinceramente não. Quando uma vez fui ao centro profissional, a Sr.ª falou de um curso que iam fazer e não sei quê, já não me recordo muito bem, mas eu estava a tratar das coisas do divórcio e estava num estado lastimável, e disse, eu não tenho cabeça para ir fazer nada e então depois não fui. Acha que a formação ia ser importante para arranjar emprego? Mesmo que fizesse formação não conseguia arranjar emprego na mesma.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Estou a ver a minha vida com muitas dificuldades. Se eu no fundo de desemprego nunca consegui arranjar nada, agora não é que não devo arranjar mesmo. Eu dizia assim, vou trabalhar a dias quando acabar o fundo de desemprego, mas é que nem a dias se arranja, é muito difícil.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 3

Data da entrevista: 22 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 53 anos

Sexo: Masculino

Nível de habilitações: 4.^a classe

II. Percorso escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Saí da escola com 11 anos, tenho a 4.^a classe completa. Ainda frequentei o 5.^o ano mas depois tive de ir trabalhar. Até gostava de andar à escola mas as dificuldades eram muitas, também tinha muitos irmãos e houve necessidade de ir trabalhar.

Tinha boas notas? Era bom aluno, nunca chumbei. A escola era totalmente diferente do que é agora, mas nunca chumbei e nunca houve problemas nenhuns.

III. Percorso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Iniciei a minha profissão em artes gráficas e depois nunca mais sai, até há quatro anos. Eu estive lá mais ou menos trinta e cinco anos.

Portanto, nunca teve outra situação de desemprego? Nunca estive, só agora.

E quais eram as suas funções? Eu fiz de tudo, eu iniciei naquela altura era aprendiz, andava aos recados, aliás eu quando comecei a trabalhar nem sequer tinha idade para trabalhar, então puseram-me no escritório da mesma profissão e andava a entregar papéis e a receber papéis e essas coisas todas, porque eu não tinha idade para trabalhar numa oficina pronto, e então os patrões colocaram-me no escritório, porque assim não

havia possibilidades de irem lá os fiscais e essas coisas todas. E depois quando atingi a idade para ir trabalhar fui para a oficina.

E quais foram os motivos para não ter continuado lá? Eu não estive sempre na mesma empresa, corria muitas empresas, naquela altura a gente estava a trabalhar e se por qualquer razão, ganhar menos ou assim, a gente batia à porta ao lado e arranjava logo emprego. Na empresa onde eu estive ultimamente, saí porque foi um acordo que eu fiz, obrigatoriamente tinha que sair. Porque a tecnologia actual é muito diferente e a minha área resistiu muito nesse aspecto, computadores e pronto e o meu estilo de trabalho era todo manual e agora faz-se tudo por computadores e o que é que acontece, o meu patrão, a mim e a outros colegas meus não quis adaptar a gente, então preferiu comunicar que a nossa profissão tinha acabado e que exercia agora outra profissão que fazia as mesmas coisas mas que nós não tínhamos habilitações para fazer, pronto e fomos obrigados a sair.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado (a)?

Isto é assim, eu estou desempregado já há cinco anos mais ou menos, mas houve uma paragem, porque houve um amigo meu que me arranjou emprego para distribuir bebidas e eu fui e trabalhei seis meses, ao fim de seis meses acabou o contrato e vim-me embora e depois voltei outra vez ao fundo de desemprego, mas já com...não sei se lhe interessa, eu auferia uma certa quantia do fundo de desemprego e depois como fui trabalhar, quando regresssei ao fundo de desemprego já não foi com a mesma quantidade porque faltava pouco tempo da primeira vez que eu tive no desemprego, então eles optaram por outra solução, um subsidio não sei quê, então é o ordenado mínimo.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Olhe alterou-se 95%, alterou-se tudo, por exemplo tinha casa deixei de ter casa, deixei de pagar renda porque a minha verba agora é baixa, agora vivo numa casa alugada, a minha mulher também está no desemprego, também trabalhava em artes gráficas, pronto deixei de ter tudo. Agora recebo subsídio, não tenho mais ajudas, não tenho mais nada.

Como é que ocupa o seu tempo? Olhe andar aí a passear, não tenho mais nada...a gente morava noutra zona, e depois viemos para aqui, estamos aqui há sensivelmente dois

anos e aqui não há nada para fazer. Estou aqui só porque arranjei uma casa alugada mais barata, mais nada, porque senão saia daqui.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Aqui nesta área há poucas gráficas e as poucas que há eu fui e não consegui absolutamente nada.

Só está interessado nessa área? Muito concretamente eu vou-lhe dizer, eu não me interessa ir com esta idade fazer uma coisa que eu não sei, mesmo que depois comece a aprender não me interessa muito porque aquilo que vou ganhar não compensa, não sei se está a perceber, porque por exemplo, agora a jardinagem, sim Sr. vou para jardineiro levanto-me às oito da manhã, saí não sei a que horas mas depois chego ao fim do mês recebo a mesma coisa que estando no fundo de desemprego, pronto então eu com 53 anos vou-me sujeitar a isso. Mas quer dizer para ganhar aquilo que ganho fico em casa, não faço nada, porque é assim, se me dessem emprego, mesmo eu indo aprendendo, mas dissessem assim você fica cá até ao fim da sua vida, aí está bem, agora estou a trabalhar dão-me três meses ou seis meses de trabalho e depois vou-me embora e tenho de andar à procura de outra coisa e eu com 53 anos não sou sujeito a fazer isso.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Nada, porque é a tecnologia, porque não se interessam em que a pessoa saiba a profissão, com 35 anos de profissão a pessoa sabe. Mas a eles não interessa, o que interessa é meter jovens, mesmo que não saibam mas pronto estão lá, ganham muito menos, ao fim de 3, 4, 5, 6 meses já sabem a nova tecnologia não sei quê, e pronto e para eles rende mais.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Não, nunca me disseram para fazer nada.

Sente-se motivado para frequentar formação futuramente? Já não. Fazer formação por fazer não, se tivesse a certeza que a formação me ia ajudar a arranjar emprego eu ainda ia tentar fazer, mas com a minha idade já não penso nisso.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Não são nenhuma, é agora quando atingir os 55 anos vou para a pré-reforma. Não penso em trabalhar por conta própria porque nas artes gráficas investe-se muito dinheiro, é muita secção e pronto é muito caro.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 4

Data da entrevista: 23 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 60 anos

Sexo: Masculino

Nível de habilitações: 6.º ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Sai da escola com dez anos, só fiz a quarta classe, depois na empresa última onde trabalhei é que fiz, já nos anos 80 ou 90, é que fiz depois o 6.º ano.

Mas quando saiu da escola com a 4.ª classe saiu porque motivo? Era o que se gastava na altura. Vivia no meio rural, aliás não fui para a escola porque já trabalhava em casa, com 4 anos já andava a guardar vacas.

Era bom aluno? Era, nunca falhei, por acaso era, até gostava de andar na escola, mas onde vivia nem havia escola próxima, mesmo que quisesse seguir tinha de fazer mais um ano que era o exame da admissão, porque havia aquele exame da admissão e depois tinha que ir para o concelho, para a sede de concelho.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Pronto a minha primeira experiência foi num numa taberna familiar, depois trabalhei nas obras a dar serventia, talvez aí uns três anos ou quatro, depois tive uma oportunidade vim para Lisboa, vim trabalhar para a indústria hoteleira, estive aí uns 15 anos talvez.

Porque é que saiu da indústria hoteleira? Despediram-me, há uns anos saia de uma porta tinha três abertas, tinha facilidade nesse campo. Na última casa onde trabalhei saí zangado, porque a gente não tinha ordenado, naquela altura havia as percentagens, o cliente pagava 10% sob o serviço, sob o que consumia e era o ordenado do pessoal, então os novos patrões daqueles 10% queriam pagar ao gerente e dar dinheiro para aquilo tudo e eu mais outro colega não aceitámos isso, porque o gerente tinha sido também nosso colega, recebia com a gente, e depois saiu do serviço e passou a gerente, depois despediram-me, e depois até fomos para tribunal.

Não é portanto a primeira experiência de desemprego que tem? Infelizmente já tive outras experiências de desemprego.

E depois? Depois tive uns meses à espera, era para ir para a Lisnave e depois não fui para a Lisnave, fui para a Carris através de conhecimentos, na Carris tive 31 anos.

E porque é que saiu da Carris? Pronto depois vim embora porque começaram a renovar, a meter computadores e tal, depois propuseram-se ao abrigo da lei de 99, como eu já tinha muitos anos de desconto, 40 e tal anos de desconto, foi um acordo.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Desde Agosto de 2005.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Deixei de fazer madrugadas e serões, mas não sinto dificuldades, tenho a vida mais ou menos organizada, também estou a receber o subsídio de desemprego.

Como é que costuma ocupar o seu tempo agora que está desempregado? Nos primeiros meses foi complicado, escrevi um livro, arranjei uma hortazita, tenho um terreno, e tenho uma horta lá ao pé, pego na bicicleta e vou para lá.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Pronto estou inscrito no centro de emprego. Tenho procurado no jornal, mas nos anúncios não há nada na minha área, na indústria hoteleira já não tenho pernas para isso

e na área em que eu trabalhava que era central de tráfego também não metem lá ninguém. Já não tenho esperança, não tenho perspectivas, até já meti os papéis para a reforma, estou só a espera que eles me despachem.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Não me responderam a nada, com a minha idade não interessa, não vale a pena.

Acha que é por causa da idade? Sim, é mais por causa da idade.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Tive dentro da empresa, da Carris.

Fez formação em que áreas? A Carris dá formação própria, fiz cursos em áreas específicas de formação como atendimento, aprender a trabalhar com o público. Também fiz curso de mecânica, até gostava daquilo, era sobre como funcionavam os eléctricos, dos sistemas de portas e daquilo tudo, eram daqueles eléctricos antigos que depois começaram a ser modernizados e eu acompanhei aquilo tudo, depois quando a gente pensa que sabe alguma coisa não sabe nada, isso é que me revolta. Houve aí uma altura que quem sabia alguma coisa, ou quem questionava alguma coisa não tinha valor nenhum, o saber fazer deixou de ter valor, a minha ideia é essa, o saber fazer deixou de ter valor, agora valorizam-se as habilitações, eu se fosse mais novo, eu tinha melhorado a minha situação escolar e assim, acho que tinha melhorado, ainda tirei o 6.º ano e depois acabou-se.

Sentir-se-ia motivado para frequentar formação agora? Agora já não, até porque já não ia adiantar nada.

Acha que frequentar formação ia facilitar o regresso ao mercado de trabalho? Não ia, tenho a certeza disso, não valia a pena andar a chatear-me com isso.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Perspectivas de emprego não são nenhuma, por isso já meti os papéis para a reforma, estou a aguardar que eles me chamem.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 5

Data da entrevista: 23 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 29 anos

Sexo: Masculino

Nível de habilitações: 6.º ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Só fiz o 6.º ano, tinha 17 anos quando sai da escola, tinha 16, foi quando ia fazer 17, faço 17 anos a 14 de Setembro, as aulas começavam a 12, muito antes disso eu fui falar com uma Sr.ª da secretaria da escola, e disse-lhe: dia 14 de Setembro faço 17 anos posso ir para o 7.º ano? Ela disse não, você já não tem idade para ir para a escola, passado uma semana fui à secretaria da escola outra vez, e perguntei à Sr.ª porque não me aceitavam na escola com 17 anos, ela começou a rir-se de mim, nunca mais lá fui à escola, fui logo trabalhar.

Era bom aluno? Normal, era mais o Português e o Inglês é que eu não gostava muito, o resto tinha sempre notas suficientes, matemática tinha sempre notas altas.

Gostava de andar na escola? Gostava.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

A seguir à escola fui para as obras, depois fui arranjar electrodomésticos durante sete meses, arranjei através de anúncio, mas o patrão pagava mal e uma vez também tive muito doente, tive de ir à casa de banho, pronto estava mal disposto, e ele telefonou e

como eu estava na casa de banho não pude atender, depois quando eu fui atender já não deu, segundo feira disse que eu tinha faltado e tal, chateei-me e pronto depois fui-me embora. Depois disso voltei a ir para as obras mais um ano, e depois fui para distribuidor de bebidas, através de conhecimentos, estive aí dois anos.

Porque é não continuou com o trabalho de distribuidor? Muita coisa, negócios obscuros que eles tinham lá, os gajos da carrinha, e então eu é que pagava por eles, então vim-me embora. Depois fui para hotelaria durante 7 anos, através de entrevistas, depois tive um problema ia quase batendo no patrão, ele estava sempre a rebaixar a gente, vale mais a gente se vir embora.

E depois de hotelaria? Estive numa empresa de cockpits, dos tabliers de carros.

Como arranjou esse emprego? Fui através de uma agência de recrutamento, inscrevi-me e depois mandaram-me lá.

Teve quanto tempo esteve nessa empresa? Estive 8 meses temporário e depois fui para contratos e de certeza que eles me mandaram embora porque eu fui sindicalizar-me.

Não é portanto a sua primeira experiência de desemprego? Não, mas desta vez está a prolongar-se mais do que é costume.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Estou seis meses.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Muitas dificuldades económicas, e por exemplo todos os meses ia com a minha mulher e com as minhas duas filhas assim jantar fora, já não vou, e muitas coisas também, passear também não vou porque a gasolina está cara, passo a vida sempre em casa também. Mas a minha mãe também nos ajuda de vez em quando, isso também tem facilitado.

Como é que costuma ocupar o seu tempo? Normalmente fico em casa, e procuro empregos na Internet.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Procuro na Internet, de vez em quando vou às empresas de recrutamento, mesmo que eu vá lá eles não me chamam a mim, fico a espera que eles me chamam, agora tenho um Sr. a ver se me arranja trabalho na sucata.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Não, eles não respondem. A maioria das vezes é pela escolaridade, muitas vezes é a idade também, eu tenho 29 anos, ainda estou novo, mas alguns pedem pessoas mais novas. Eu consigo arranjar trabalho no ramo de hotelaria, só que hotelaria anda muito mau, no sector hotelaria eu tenho muita experiência.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Tive uma formação em ergonomia, só tive essa, tenho o certificado em casa. Agora durante o desemprego tive a frequentar o inglês que é para ir para um hotel, mas não acabei, também já tive nisso de fazer o 7.º, 8.º e 9.º, mas não acabei, entretanto as minhas filhas nasceram.

Sente-se motivado para frequentar formação? Eu queria ver se acabava o curso de inglês, acho que é muito importante para o tipo de trabalho que quero.

Acha que a formação é importante para encontrar emprego? Acho, o inglês é essencial para trabalhar em hotelaria.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Quero tirar um curso de inglês para ir para um hotel, trabalho tenho de certeza, vão-me arranjar, agora só preciso de acabar de tirar o curso.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 6

Data da entrevista: 24 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 46 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 6.º ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz a quarta classe, sai logo da escola, tinha quase doze anos e fui trabalhar porque a minha mãe tinha necessidades e pôs-me a trabalhar, o tempo era mau. Então fui para uma firma de costura, que ainda hoje existe e naquele tempo, antes do 25 de Abril, algumas firmas davam a 4.ª classe e a possibilidade de seguir a escola, e eu tirei a 4.ª classe cá fora e fiz o 6.º ano lá dentro da firma, era a firma que dava mas era como se andasse na escola normal, então eu nos intervalos ia estudar, ia para as aulas e depois vinha para a costura, foi assim que eu consegui tirar e pronto e segui a minha profissão de costureira, gostava muito de estudar, mas foi o que eu pude tirar.

Era boa aluna? Mais ou menos.

Gostava de andar na escola? Até gostava, mas pronto não tive possibilidades.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Depois aos 22 anos saí da firma de costura, onde trabalhei muitos anos, e comecei a trabalhar num colégio, estive lá mais ou menos 4 anos, era motorista e depois no espaço de ir buscar as crianças também ajudava nas actividades, a dar os almoços, aquelas coisinhas todas, depois também sai desse colégio porque não estava satisfeita e fui para

outro colégio, também era motorista e ajudava nos tempos livres as minhas colegas. E depois estive ainda num café, durante dois anos, a partir daí é que já não fiz mesmo nada.

Já não é a primeira experiência de desemprego que tem? Não, mas há alguns anos atrás era com facilidade que se arranjava emprego, agora está tudo cada vez pior.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Há mais ou menos três anos, tenho estado sempre em casa a criar os netos e os filhos.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Algumas dificuldades, porque o meu marido trabalha nas obras e umas vezes tem e outras não tem, e depois com esta concorrência foi muito abaixo e vou ocupando o meu tempo, tenho uma máquina industrial e vou fazendo costura, limpo a minha casa, ando com a minha neta para um lado e para o outro, é assim que eu ocupo a minha vida, e a acompanhar o meu filho que é atleta.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Tenho ido sempre ao fundo de desemprego, para além disso procuro no jornal muita vez, mas pedem o 9.º ano.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Tive uma aqui há poucos meses, chamaram-me para ir ali a um infantário, era como motorista, só que fui lá fiz os testes psicotécnicos, calhou tudo bem mas até hoje, davam-me uma resposta mas não me chamaram.

Porque acha que tem mais dificuldades em encontrar emprego? Muito sinceramente, acho que é por causa da idade, não dão oportunidade aquelas pessoas que têm já cabeça e sabem aquilo que querem que é o meu caso, mas a escolaridade também conta, eles querem é pessoas bem preparadas, com o 9.º ano pelo menos.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Ainda andei a tentar tirar o curso de computadores, mas depois desisti.

Sente-se motivada para frequentar formação futuramente? Hoje já não sei se valia a pena.

Acha que a formação ia facilitar o regresso ao mercado de trabalho? Muito sinceramente, acho que não.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Em termos de emprego não, não vejo nenhuma. Gostava de me sentir útil em alguma coisa, não estar parada, já sou uma pessoa com esta idade mas sou muito activa, e agarro-me a qualquer coisa nem que seja para esfregar escadas mas é chato a situação em que nós nos encontramos em Portugal, não dão as oportunidades, há pessoas com bastante experiência e não lhes dão oportunidades e dão aos novos e os novos não têm responsabilidade.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 7

Data da entrevista: 24 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 44 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 8.º ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz até ao 8.º ano, e depois sai da escola tinha à volta de 15 anos. Eu já estava um bocadinho farta e chumbei, não era das melhores alunas, era um bocado preguiçosa e por isso saí da escola, entretanto fiquei em casa durante dois anos a tomar conta dos meus irmãos, e a minha mãe foi trabalhar.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Primeiro fui trabalhar para um laboratório de análises clínicas. Entrei lá como auxiliar de laboratório, fazia de tudo um pouco, lavava material, esterilizava material e pronto fazia o que era preciso. De manhã nas colheitas de sangue ajudava em qualquer coisa que fosse preciso, entretanto foi-me proposto só a recepção, fiquei na recepção durante cinco anos e depois o laboratório entretanto fechou, porque na altura houve uma lei em que as médicas tinham que optar ou por particular ou por hospital público, e para elas dava mais rendimento trabalhar num hospital público e decidiram fechar o laboratório. Entretanto depois arranjei para uma fábrica de cablagens, onde estive doze anos e depois também fechou, é assim para onde vou fecha tudo e agora estou no fundo de desemprego.

Não é portanto a primeira vez que está desempregada? Não, antes de ir para esta última fábrica ainda estive um tempo desempregada.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Há um ano e dois meses, talvez três.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Existem dificuldades, em termos económicos, neste momento ainda não sinto dificuldades porque o fundo de desemprego está a compensar, a gente ficamos mais ou menos com um ordenado, não fomos dos piores, por enquanto não estou a sentir grandes dificuldades...eu noto, agora nem tanto, mas ao início quando me levantava de manhã parece que não sabia o que havia de fazer, porque estava habituada a levantar-me, tomar banho e ir para o trabalho, depois parece que a minha vida parou ali naquele bocado, mas depois com a continuação aquilo parece que normalizou, depois comecei a sair, a andar e não sei quê, depois à procura de emprego agora nisto do fundo de desemprego, os carimbos e não sei quê, foi-se normalizando mas ao início, os primeiros meses foi assim um bocado difícil a adaptação, estar em casa sem fazer nada, porque eu fico em casa sozinha praticamente, o meu marido e o meu filho saem de manhã e vêm à noite. Agora neste momento estou no RVCC, e depois trazemos é muitos trabalhos para casa e agora neste momento isso tem-me ocupado muito tempo nestes últimos meses, desde Janeiro até aqui. É assim não estou a trabalhar mas estou ocupada por isso tenho notado outra diferença, parece que tenho um trabalho.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Tenho respondido a anúncios do jornal, tenho procurado na Internet, também já fui a algumas fábricas.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Nada, não tenho tido respostas nenhuma. Tenho mandado mail's, nem sequer me respondem, pela Internet nem sequer me respondem. Nas fábricas, quando sabem que eu tive 12 anos naquela fábrica, e como sabem que nós geralmente ficamos com doenças profissionais, tendinites, dizem logo e depois olham para a idade, porque para arranjar emprego somos já velhas, ficam lá com a ficha mas é uma coisa como que desprezo. Já fui também inscrever-me a vários hipermercados, eles vêm mas só olham para a idade e ficam assim. Nota-se logo a maneira da pessoa, como quem diz esta ficha fica de lado.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Na fábrica onde trabalhei eles deram-me formação, mas era tudo à base de formação específica.

Agora estou a fazer o RVCC, estou a aprender muitas coisas. Por exemplo, não sabia praticamente trabalhar com computadores, neste momento eles lá exigem os trabalhos feitos em computador, e isso foi uma boa maneira de eu aprender, fiquei a saber mais, talvez isso me ajude, ficando com o 9.º ano talvez me ajude um bocadinho, mas eu acho que o meu entrave será mais a idade.

Sente-se motivada para frequentar a formação? Sinto, pode ser que ajude, vamos lá ver.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Estou a espera de acabar o RVCC, para começar a procurar emprego a sério, porque até aqui tenho só mandado currículos porque me exigem.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 8

Data da entrevista: 30 de Abril de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 38 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 6.º Ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz até ao 7.º ano, mas não acabei, por isso é que eu digo sempre que tenho o 6.º e depois fui trabalhar.

Porque é que saiu da escola? Pronto, não tinha aquela vontade, era andar na brincadeira em vez de estudar depois os meus pais também disseram “para andares assim vais trabalhar” e então preferi antes ir trabalhar, também tinha chumbado, tive negas, não tinha ligado assim muito à escola, tinha passado sempre só que naquela época não, mas depois pronto comecei a trabalhar.

Então quer dizer que não era muito boa aluna? Não, não era boa aluna, era boa aluna em educação física e outras coisas que eu gostava. A línguas é que eu não era assim lá grande coisa.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Primeiro estive a trabalhar num parque de campismo, tive na parte da cozinha, depois também estava na loiça, tipo copeira, na nossa hora de almoço, porque eu estava mesmo era na parte da mercearia, só que na hora de almoço ia comer qualquer coisa e depois ia

lá ajudá-los e depois comecei a trabalhar numa fábrica de loiça onde estive 18 anos, fazia a loiça, e gente fazia lá de tudo um pouco, depois a patroa começou a não pagar e depois mandou-nos todas embora, a fábrica ainda está aberta mas é só com os patrões. Já teve outras experiências de desemprego? Não, sai do parque de campismo, fui logo trabalhar para a fábrica de loiças, por acaso tive sorte.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Então, fez um ano.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Tudo, eu tenho um filho na escola com 8 anos, por isso temos muitas despesas, e agora tem sido praticamente o meu marido com tudo. Não tenho a carta, em muitos empregos a primeira coisa que pedem é logo a carta de condução, tive para ir aqui para uma creche, perguntaram-me se eu tinha a carta, eu disse que não tinha e agora também não tinha possibilidades de tirar e depois uma das coisas que também perguntam em muitos trabalhos é filhos, se a gente diz que tem um filho pequeno começam logo a meter muitas dificuldades pronto, também tenho ido aos hipermercados eles perguntam qual é a experiência que eu tenho e eu digo que foram esses 18 anos a trabalhar num fábrica de loiça, mesmo para as limpezas e tudo está assim. Tenho dado o nome e tudo, só que até agora ainda nada, tem sido muito difícil, é o que eles dizem “se você trabalhassem noutra área...”, mas assim é só nas Caldas da Rainha.

Como é que tem ocupado o seu tempo? Tenho andado a ver aí, tenho andado a dar o nome, tenho andado à procura, também tenho de procurar assim nesta zona, porque também não tenho meio de transporte, e depois pago muito de transporte.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Tenho ido assim de hipermercados tenho ido lá dar o nome, para qualquer coisa, até mesmo para limpezas, mas até agora ainda nada, as raparigas que estão lá com quem eu

tenho falado, elas dizem que eles estão a aproveitar as raparigas que estão na caixa estão a fazer um bocadinho de tudo para não porem mais pessoas.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Respostas ainda não tive nenhuma.

O que acha que tem dificultado a reinserção no mercado de trabalho? No meu caso também é a escolaridade, e a idade, pronto tenho 38 anos e também porque só tive aquele trabalho, e é um trabalho que não tem nada a ver, só se for para as limpezas mas mesmo assim nas limpezas isto hoje em dia ta difícil, tenho ido aos cafés e tudo, mas também tenho de ver porque também tenho um filho com 8 anos, também não posso estar a ir assim, mas pronto tenho de me orientar.

Acha que por ter um filho ainda pequeno é mais difícil? Sim, em muitos trabalhos é isso, mas também é porque não tenho a carta, se tivesse a carta era mais fácil, porque há certos trabalhos das limpezas, que se a pessoa tiver a carta eles dizem vá a tal sitio a pessoa vai com o seu próprio carro, ou então com o próprio carro da empresa, mas pronto agora não me posso pôr a tirar a carta, devia ter tirado na altura certa, mas pronto estava bem lá onde eu estava a trabalhar, a pessoa às vezes não pensa.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Nunca tive formação, mas tenho andado a falar com o meu marido para ver se voltava a estudar até ao 9º, porque agora para qualquer trabalho pedem o 9º ano.

Sente-se motivada a frequentar formação agora? Sinto, acho que podia ajudar.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Não sei, eu acho que vou continuar no desemprego porque isto está a ficar muito difícil, está mais difícil do que antigamente porque eu quando estive a trabalhar, lembro-me muito bem de quando tive o meu filho, até na altura era eu e outra rapariga que estávamos grávidas, os meus patrões recorreram ao fundo de desemprego para porem lá alguém, e via-se que passava por lá muita gente a trabalhar, e hoje em dia já não, acho que complicou muito.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 9

Data da entrevista: 02 de Maio de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 57 anos

Sexo: Masculino

Nível de habilitações: 4.^a Classe

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz até à 4.^a classe e depois iniciei a minha vida de trabalho com cerca de 11 e meio, 12 anos. Saí da escola porque não haviam possibilidades dos meus pais me mandarem continuar a estudar, vivíamos na província e haviam certas dificuldades, na altura éramos cinco irmãos, era um bocado complicado estudar, o que nós precisamos era efectivamente ajudar os pais, na profissão que o meu pai tinha que era carpinteiro que eu aprendi quando era miúdo e depois não continuei com ela ao fim destes anos todos, fui para um área completamente diferente, fui para restauração.

Era bom aluno? Era bom aluno, era óptimo aluno até por sinal, tanto que na 3.^a e 4.^a classe foi proposto eu fazer os dois exames no mesmo ano, só que houve ali uma situação, que penso que penso que foi de carácter político, que como era de um estrato social baixo não foi permitido ser aproveitado, foi a resposta do Distrito Escolar de Beja quando a minha professora propôs essa hipótese. Na altura a classificação era de 0 a 20 nos nossos trabalhos, e eu tirava sempre bons, muito bons e 20 por aí a fora, fiquei pelo caminho.

Gostava de andar na escola? Gostava muito, tanto que com 16 anos ainda tentei mas só que o horário que eu tinha não me permitia estudar, ainda me inscrevi na Escola Industrial e Comercial do Cacém, na altura eu trabalhava na Damaia, numa leitaria.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Comecei por aprender o ofício de carpinteiro com o meu pai, como todos nós, éramos três rapazes, aprendemos todo o ofício de carpinteiro. Depois aos 11 anos e meio a caminho dos 12 vim-me embora, vim para Lisboa trabalhar, nunca tive desempregado durante estes anos todos, só agora.

E o que começou por fazer já em Lisboa? Comecei por trabalhar numa mercearia e leitaria, foi um tio meu que me arranhou esse emprego na altura, pronto na altura não havia dificuldade de arranjar empregos, era muito fácil arranjar emprego, nós às vezes estávamos a trabalhar numa casa já nos estavam a solicitar para outra, então mudávamos de patrão com a maior das facilidades, o que não acontece hoje. Aos 16 anos comecei a trabalhar em pastelaria mesmo, era empregado de balcão e mesas e depois pronto foi à tropa aos 20 anos, entretanto casei e mais tarde depois da tropa, em 88, estabeleci-me por conta própria em restauração, e devido a um divórcio que surgiu no meu caminho eu tive de vender o restaurante e pronto parei por aí, voltei então agora nestes últimos 10 anos, em 96 até agora, a trabalhar no ramo de carpintaria novamente, numa empresa que fabricava estofos e essas coisas todas, mais ligada ao ramo do mobiliário, fabricavam colchões, e eu trabalhava na confecção dos esqueletos das poltronas, dos cadeirões, e de cabeceiras de cama e dessas coisas para forrar depois com napa.

Esta é a sua primeira experiência de desemprego? É a minha primeira experiência de desemprego, por força da extinção do posto de trabalho, porque senão continuaria.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Há sete meses.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Sinto muitas diferenças em termos económicos, eu tinha um ordenado de quase 1000€ e actualmente recebo 564€, é a complicação é essa, e para além disso eu também neste momento estou a atravessar uma fase difícil da minha vida que é um divórcio, um segundo divórcio, e tenho a minha casa à venda, enquanto eu não vender a minha casa,

estamos nesta situação de viver em conjunto e debaixo do mesmo tecto, mas quando eu vender a minha casa, vou viver sozinho aí se calhar talvez não vá sentir tanta diferença, porque neste momento eu tenho uma renda quase superior ao valor que recebo.

Como costuma ocupar agora o seu tempo? Não me sinto frustrado porque tenho sempre qualquer coisa que me entretenha em casa para fazer, os pássaros e essas coisas todas.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Ando desde o primeiro dia à procura de trabalho, vou procurando mais especificamente dentro da minha área em oficinas, se há alguma vaga e vejo o jornal para ver se vem alguma coisa.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Nada, todas as portas a que tenho batido, e já foram algumas, todos me dizem a mesma coisa, que a minha idade já não é a ideal para começar a trabalhar numa empresa, pronto, eu penso que o factor principal é a idade que prejudica a inserção no mercado de trabalho, tenho a certeza absoluta disso, porque as pessoas olham para uma pessoa a partir dos 40 anos já não serve, quando a experiência profissional por vezes é que deveria contar em termos de idoneidade, eu penso que é assim, mas pronto a mentalidade das pessoas é essa, por isso é que há tanto trabalho precário que as pessoas vão aceitando todas essas situações de subjugarem-se a certas e determinadas determinações dessas empresas. As pessoas olham para um jovem pode não ter experiência mas como é novo são capazes de dar uma oportunidade e a uma pessoa de mais idade dizem logo você já não tem idade para trabalhar, é o que me tem respondido a maior parte das pessoas, fui a contactos com empresas a semana passada, aliás desde o principio do mês, 5 empresas que eu fui bater à porta, nem que fosse para o armazém ou qualquer coisa, a resposta que me dão é essa, o Sr. já tem uma certa idade.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Nada, fui adquirindo experiência. Não me deram nenhuma informação sobre isso, aliás eu penso que estes três anos que eles me deram de fundo de desemprego é para passar para a reforma directamente aos 60 anos, não vejo outra hipótese, eles nem me propuseram nada, nada de formação. Agora também não vale a pena tirar um curso. Tirar uma formação só por ter uma formação, ninguém me dava emprego com certeza, não tinha qualquer interesse em fazer formação, agora com 57 anos, para quê? Para que me servia? Só para ganhar conhecimentos, para isso leio lá os livros que tenho lá em casa, vou adquirindo conhecimentos de cultura geral e por aí a fora.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Vou continuar a procurar, pode ser que me surja alguma oportunidade, não estou desmotivado, porque tenho a certeza que há-de aparecer alguma coisa para eu me entreter nem que seja em part-time, isso já era muito bom, para juntar ao que recebo mais qualquer coisa. Eu neste momento podia reformar-se, mas com uma penalização de 34%, não convinha nada.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 10

Data da entrevista: 05 de Maio de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 18 anos

Sexo: Feminino

Nível de habilitações: 8.º Ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz até ao 8.º ano, tinha mais ou menos 16 anos quando sai da escola. Tinha de ir trabalhar, haviam algumas dificuldades e também foi a vontade de sair mesmo, e já tinha repetido o 7.º e o 8.º e tudo, e pronto sai.

Era boa aluna? Era razoável, mas naqueles dois anos não tinha ligado muito à escola.

Gostava de andar na escola? Já estava um bocadinho farta da escola.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

É assim já trabalhei, nunca descontei, mas já trabalhei. Primeiro fui trabalhar em flores, porque a minha família praticamente trabalha lá, pode-se dizer que era florista, era esse ramo, mas fazia várias coisas, trabalhava em arranjos de flores, trabalhava em atendimento ao público, também trabalhava em armazém, que era a exportação e a importação de flores, era pronto carregar camiões, fazia um pouco de tudo, estive lá durante um ano, depois fui trabalhar numa casa em Lisboa, fui fazer limpezas, cuidar de duas crianças, fazia comer, pronto era uma empregada doméstica, mas não gostei muito porque era muito longe e não gostava muito das pessoas e então estive lá só as férias de Verão, e como aquilo era também para ir para o Algarve trabalhar para a casa deles, não

dava. Depois estive numa loja de roupa a fazer um mês e tal de férias de uma amiga minha, isto já foi de tudo um bocadinho e agora no último ano de trabalho foi num café, foi onde gostei mais, depois o café entretanto fechou e agora estou assim.

Já teve portanto outras experiências de desemprego? Sim, mas pronto agora inscrevi-me mesmo no Centro de Emprego e das outras vezes não, porque arranjava logo qualquer coisa.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Há seis meses, mais ou menos.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Dificuldades não tenho porque vivo com os meus pais, mas pronto para fazer a minha vida, para ter as coisas que eu gosto, não posso, tenho que me sujeitar ao que a minha mãe e o meu pai querem, tenho que viver na casa deles, é um bocado mau mas pronto. Quando estava a trabalhar podia sair mais vezes, ia comprar montes de roupas, coisas assim, agora não posso, tenho de cortar muita coisa.

Como ocupa o tempo actualmente? Olhe estou sempre aqui a ver algum trabalho, vou procurando...estou inscrita no centro de emprego também para cursos, mas o curso começou, não haviam pessoas.

O curso era em que área? Era de informática, para manutenção de computadores, estou inscrita para ver se me chamam, para ver faço mais qualquer coisa, não gosto de estar assim parada.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Vejo no jornal, mesmo que não seja o meu ramo, tento a minha sorte, e também tenho procurado na Internet. Também já me inscrevi em fábricas, em último recurso.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Não, já mandei montes de currículos, nunca me chamam, não tenho nem uma resposta, se calhar por não ter o 9.º ano ou qualquer coisa.

Porque acha que tem sido mais difícil arranjar emprego? Porque não tenho o 9.º ano. Muitas vezes inscrevo-me, e perguntam se tenho o 9.º ano e eu digo que não, tenho o 8.º, e eles respondem, se for preciso a gente chama-te, mas não chamam porque eu não tenho o 9.º ano, nem que seja para trabalhar num café, nem que seja para varrer ruas é preciso o 9.º ano, acho isso um bocado mau, não dão oportunidades.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Não frequentei, mas já me inscrevi duas vezes, a primeira vez inscrevi-me para contabilidade e para informática, fiz os testes e tudo, não me chamaram, agora na segunda vez tentei outra coisa, como adoro informática, então inscrevi-me para manutenção de computadores, disseram-me que tinha muita saída e que o curso ia começar, fiz outra vez os testes, chamaram-me para preencher uns papéis, mas até hoje nada.

Sente-se motivada para frequentar formação? Sinto, quero tentar melhorar a minha situação.

Acha que essa formação poderá facilitar o regresso ao mercado de trabalho? Vai, primeiro vou ter logo o 9.º ano e eu gostava de seguir até ao 12.º. Em cursos é diferente do que a escola normal então eu gostava mesmo de seguir e acho que tendo o 12.º ano é mais fácil arranjar emprego.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Tentar arranjar trabalho, mas caso não consiga a única opção que eu agora estou a ver é sair do país, arranjar noutro sítio. Aqui está difícil e eu namoro, já namoro há algum tempo, estou mais à espera que o meu namorado tenha a nacionalidade para sairmos mesmo, estamos mesmo numa de ir para fora, temos amigos que chegaram lá e num mês compraram casa, tenho um amigo meu que está a trabalhar na Irlanda, num mês e tal comprou casa, é bom, conseguiu comprar casa, também a ganhar setenta e tal contos

por semana, isso é o que a gente ganha num mês praticamente. Não estou a ver outra saída, isto está muito mau aqui, mesmo que a gente arranje trabalho, estamos lá um mês e tal, ou porque abre falência, ou porque não nos querem passar a efectivos mandam-nos embora e tudo e mais alguma coisa, eu não vou estar sempre a saltar de um em um, quero comprar casa não posso, porque tenho de ter trabalho mesmo certo, e aqui não dá para ter trabalho certo, eu já vi, acho que já tenho uma boa experiência disso, em dois anos já tive não sei quantos trabalhos, é muito mau, enfim.

Transcrição de Entrevista

Entrevista n.º 11

Data da entrevista: 05 de Maio de 2008

I. Caracterização social elementar

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Nível de habilitações: 6.º Ano

II. Percurso Escolar

Pedia-lhe que me falasse sobre o seu percurso escolar?

Fiz até ao 5.º ano, depois fiz o 6.º ano à noite. Sai da escola porque tinha de trabalhar, tínhamos dificuldades e eu fui trabalhar.

Era bom aluno? Era bom, em tudo o que me empenhava era bom, acho que tenho boa capacidade de aprendizagem, e por isso acabo por me desinteressar dos temas em questão.

Gostava de andar na escola? Mais ou menos. Tive um percurso escolar um bocadinho atribulado por faltas, por desinteresse das aulas.

III. Percurso profissional

Continuando a entrevista, pedia-lhe que me falasse sobre os empregos que teve até agora?

Comecei por montar elevadores, tinha 15 anos, andei a ajudar a montar elevadores durante dois anos, consegui através de um vizinho meu que trabalhava nessa área e então precisava de ajudante e falou comigo e eu aceitei, depois já andava lá há dois anos, entrei para lá a ganhar 40 contos por mês, na altura e eu via os meus amigos e os meus companheiros a ganharem mais do que eu, e eu ao fim ao cabo já sabia fazer qualquer e não passava dos 40 contos, acabei por falar com o patrão e deixei, depois mais tarde andei a trabalhar como ajudante de electricista, também através de um

conhecimento de um vizinho, depois estive a trabalhar como servente na construção civil, e depois também fui para pintor, também trabalhei como ajudante de camionista também durante três anos, eram coisas de curta duração.

Não é a sua primeira experiência de desemprego? Não, andei tempos sem trabalho, andei alturas que cheguei a estar cerca de ano e meio sem trabalho.

IV. Situação de desemprego

Continuando a entrevista, há quanto tempo está desempregado(a)?

Há sete meses.

O que se alterou na sua vida com a situação de desemprego?

Agora tenho muitas dificuldades, quero ter dinheiro para as minhas coisas e não tenho, eu fumo, eu como, eu bebo, eu preciso de dinheiro como toda a gente, só tenho a minha mãe que me ajuda em termos alimentares, mas mais do que isso não, se não for o subsidio para comprar a minha roupa e para tabaco, eu não tenho nada.

Como ocupa actualmente o seu tempo? Por vezes de volta do computador, outras vezes ando de bicicleta, gosto bastante de andar de bicicleta.

V. Estratégias de Reinserção

Continuando a entrevista, o que tem feito para encontrar emprego (para além de estar inscrito(a) no Centro de Emprego)?

Tenho procurado no jornal, também procuro aqui na zona por não ter dinheiro para poder sair daqui. Só que agora como ando a tirar um curso para ficar com o 9.º ano e por isso queria ver se conseguia arranjar um trabalho em part-time, uma vez que o curso me ocupa a parte da manhã, e para estar a trabalhar a tempo inteiro e depois ir para o curso é um bocadinho puxado e eu acho que não tenho cabeça para isso, sinceramente acho que não.

Que respostas tem obtido às tentativas de encontrar emprego?

Não tenho tido respostas.

Porque acha que tem sido difícil arranjar emprego? Por causa de só ter o 6º ano.

VI. Experiências de formação profissional

Continuando a entrevista, já frequentou algum curso de formação profissional?

Estou agora a tirar o 9.º ano com o curso de informática e também tinha tirado um curso de competências básicas que conclui.

Sente-se motivado para frequentar formação? Sinto muito motivado mesmo, vai-me ajudar a nível de emprego.

Acha que o curso que está a tirar actualmente vai facilitar o regresso ao mercado de trabalho? Sim. Eu também não quero ficar só com o 9.º ano, quero ver se consigo tirar o 12.º, quando tirar o 12.º eu tenho quem me coloque num trabalho bom.

VII. Perspectivas para o futuro

Continuando a entrevista, quais são as suas perspectivas para o futuro?

Tirar o 12.º, dê por onde der eu vou até ao fim.

Anexo 5

Análise de conteúdo das entrevistas (quadros síntese)

Quadro 8: Perfil dos entrevistados

	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de desemprego
Entrevista 1	Feminino	49	4ª classe	> 12 meses
Entrevista 2	Feminino	49	4ª classe	> 12 meses
Entrevista 3	Masculino	53	4ª classe	> 12 meses
Entrevista 4	Masculino	60	6º ano	> 12 meses
Entrevista 5	Masculino	29	6º ano	< 12 meses
Entrevista 6	Feminino	46	6º ano	> 12 meses
Entrevista 7	Feminino	44	8º ano	> 12 meses
Entrevista 8	Feminino	38	6º ano	> 12 meses
Entrevista 9	Masculino	57	4ª classe	< 12 meses
Entrevista 10	Feminino	18	8º ano	< 12 meses
Entrevista 11	Masculino	28	6º ano	< 12 meses

Quadro 9: Motivos de saída da escola

Motivos de saída da escola		
Entrevista 1	Necessidades económicas	Porque os rendimentos dos meus pais eram poucos e não podiam ter todas as filhas em casa e eu tive que sair para ir ajudar a família.
Entrevista 2	Necessidades económicas	O meu pai morreu eu tinha dois anos, a minha mãe tinha seis filhos, eu era a mais nova e tive de sair de casa, tive de vir para Lisboa trabalhar.
		As minhas irmãs mais velhas ainda falaram em eu avançar mais nos estudos e assim só que eu depois também não quis porque elas tinham ido trabalhar com oito anos, e eu digo assim, não, então elas foram trabalhar tão cedo, lá por eu ser a mais nova tenho que ir trabalhar também, pronto e depois fui.
		Naquela altura três miúdas da minha idade foram estudar, mas a minha mãe não tinha recursos para eu ir estudar, de maneira nenhuma.
	Contexto temporal	Naquela altura eu morava numa aldeia, ninguém estudava, só as pessoas que tinham melhores recursos, pessoas que viviam bem é que iam estudar.
Entrevista 3	Necessidades económicas	Até gostava de andar à escola mas as dificuldades eram muitas, também tinha muitos irmãos e houve necessidade de ir trabalhar.
Entrevista 4	Necessidades económicas	Vivia no meio rural, aliás não fui para a escola porque já trabalhava em casa, com 4 anos já andava a guardar vacas.
	Distância da escola	Onde vivia nem havia escola próxima, mesmo que quisesse seguir tinha de fazer mais um ano que era o exame da admissão, porque havia aquele exame da admissão e depois tinha que ir para o concelho, para a sede de concelho.
	Contexto temporal	Era o que se gastava na altura.
Entrevista 5	Impossibilidade de frequentar o sistema escolar	Fui falar com uma Sr. ^a da secretaria da escola, e disse-lhe: dia 14 de Setembro faço 17 anos posso ir para o 7.º ano? Ela disse não, você já não tem idade para ir para a escola, passado uma semana fui à secretaria da escola outra vez, e perguntei à Sr. ^a porque não me aceitavam na escola com 17 anos, ela começou a rir-se de mim, nunca mais lá fui à escola, fui logo trabalhar.
Entrevista 6	Necessidades económicas	Fui trabalhar porque a minha mãe tinha necessidades e pôs-me a trabalhar, o tempo era mau.
Entrevista 7	Desinteresse pela escola	Eu já estava um bocadinho farta e chumbei, não era das melhores alunas, era um bocado preguiçosa e por isso saí da escola, entretanto fiquei em casa durante dois anos a tomar conta dos meus irmãos, e a minha mãe foi trabalhar.
Entrevista 8	Desinteresse pela escola	Pronto, não tinha aquela vontade, era andar na brincadeira em vez de estudar depois os meus pais também disseram “para andares assim vais trabalhar” e então preferi antes ir trabalhar, também tinha chumbado, tive negas, não tinha ligado assim muito à escola, tinha passado sempre só que naquela época não, mas depois pronto comecei a trabalhar.
Entrevista 9	Necessidades económicas	Saí da escola porque não haviam possibilidades dos meus pais me mandarem continuar a estudar, vivíamos na província e haviam certas dificuldades, na altura éramos cinco irmãos, era um bocado complicado estudar, o que nós precisamos era efectivamente ajudar os pais.
Entrevista 10	Necessidades económicas	Tinha de ir trabalhar, haviam algumas dificuldades.
	Desinteresse pela escola	Também foi a vontade de sair mesmo, e já tinha repetido o 7.º e o 8.º e tudo, e pronto saí.
Entrevista 11	Necessidades económicas	Sai da escola porque tinha de trabalhar, tínhamos dificuldades e eu fui trabalhar.

Quadro 10: Frequências dos motivos de saída da escola

		Necessidades económicas	Desinteresse pela escola	Distância da escola	Contexto temporal	Impossibilidade de frequentar o sistema escolar
Sexo	Masculino	4	0	1	1	1
	Feminino	4	3	0	1	0
	Total	8	3	1	2	1
Idade	Até 30 anos	2	1	0	0	1
	31 a 50 anos	3	2	0	1	0
	> 50 anos	3	0	1	1	0
	Total	8	3	1	2	1
Escolaridade	4ª Classe	4	0	0	1	0
	6º Ano	3	1	1	1	1
	8º Ano	1	2	0	0	0
	Total	8	3	1	2	1
Tempo de desemprego	> 12 meses	5	2	1	2	0
	< 12 meses	3	1	0	0	1
	Total	8	3	1	2	1

Quadro 11: Desempenho escolar

Desempenho escolar	
Entrevista 1	Até à quarta classe tive boas notas, depois como desisti nem deu bem para ver o que é que realmente conseguia seguir.
Entrevista 2	Sim, o meu problema era a matemática, as contas de dividir, naquela altura eram as contas de dividir, mas era boa a português.
Entrevista 3	Era bom aluno, nunca chumbei. A escola era totalmente diferente do que é agora, mas nunca chumbei e nunca houve problemas nenhuns.
Entrevista 4	Era, nunca falhei.
Entrevista 5	Normal, era mais o Português e o Inglês é que eu não gostava muito, o resto tinha sempre notas suficientes, matemática tinha sempre notas altas.
Entrevista 6	Mais ou menos.
Entrevista 7	não era das melhores alunas.
Entrevista 8	Não, não era boa aluna, era boa aluna em educação física e outras coisas que eu gostava. A línguas é que eu não era assim lá grande coisa.
Entrevista 9	Era bom aluno, era ótimo aluno até por sinal, tanto que na 3.ª e 4.ª classe foi proposto eu fazer os dois exames no mesmo ano, só que houve ali uma situação, que penso que penso que foi de carácter político, que como era de um estrato social baixo não foi permitido ser aproveitado, foi a resposta do Distrito Escolar de Beja quando a minha professora propôs essa hipótese. Na altura a classificação era de 0 a 20 nos nossos trabalhos, e eu tirava sempre bons, muito bons e 20 por aí a fora, fiquei pelo caminho.
Entrevista 10	Era razoável, mas naqueles dois anos não tinha ligado muito à escola.
Entrevista 11	Era bom, em tudo o que me empenhava era bom, acho que tenho boa capacidade de aprendizagem, e por isso acabo por me desinteressar dos temas em questão.

Quadro 12: Sentimentos pela escola

Sentimentos pela escola	
Entrevista 1	Gostava, mas não tive possibilidades de continuar.
Entrevista 2	Gostava, mas infelizmente tive de deixar.
Entrevista 3	Até gostava de andar à escola mas as dificuldades eram muitas.
Entrevista 4	Até gostava de andar na escola.
Entrevista 5	Gostava.
Entrevista 6	Gostava muito de estudar, mas foi o que eu pude tirar.
	Até gostava, mas pronto não tive possibilidades.
Entrevista 7	Eu já estava um bocadinho farta.
Entrevista 8	Não tinha aquela vontade.
Entrevista 9	Gostava muito, tanto que com 16 anos ainda tentei mas só que o horário que eu tinha não me permitia estudar, ainda me inscrevi na Escola Industrial e Comercial do Cacém, na altura eu trabalhava na Damaia, numa leitaria.
Entrevista 10	Já estava um bocadinho farta da escola.
Entrevista 11	Mais ou menos. Tive um percurso escolar um bocadinho atribulado por faltas, por desinteresse das aulas.

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Primeiro emprego	“Comecei por ir aprender a costura, era o que havia na altura”	“Primeiro fui tomar conta de duas crianças em Lisboa”	“Iniciei a minha profissão em artes gráficas e depois nunca mais sai, até há quatro anos”	“Pronto a minha primeira experiência foi num numa taberna familiar”	“A seguir à escola fui para as obras”	“Fui para uma firma de costura”	“Primeiro fui trabalhar para um laboratório de análises clínicas. Entrei lá como auxiliar de laboratório, fazia de tudo um pouco, lavava material, esterilizava a material e pronto fazia o que era preciso. De manhã nas colheitas de sangue ajudava em qualquer coisa que fosse preciso, entretanto foi-me proposto só a recepção, fiquei na recepção”	“Primeiro estive a trabalhar num parque de campismo, tive na parte da cozinha, depois também estava na loja, tipo copeira, na nossa hora de almoço, porque eu estava mesmo era na parte da mercearia, só que na hora de almoço ia comer qualquer coisa e depois ia lá ajudá-los”	“Comecei por aprender o ofício de carpinteiro com o meu pai”	“Primeiro fui trabalhar em flores, porque a minha família praticamente trabalhava lá, pode-se dizer que era florista, era esse ramo, mas fazia várias coisas, trabalhava em arranjos de flores, trabalhava em atendimento ao público, também trabalhava em armazém, que era a exportação e a importação de flores, era pronto carregar camiões, fazia um pouco de tudo”	“Comecei por montar elevadores”
Duração			“Eu estive lá mais ou menos trinta e cinco anos”							“Estive lá durante um ano”	“Durante dois anos”
Motivo de cessação			“Na empresa onde eu estive ultimamente, sei porque foi um acordo que eu fiz, obrigatória mente tinha que sair. Porque a tecnologia actual é muito diferente e a minha área resistiu muito nesse aspecto, computador es e pronto e o meu estilo de trabalho era todo manual e agora faz-se tudo por computador es e o que é que acontece, o meu patrão, a mim e a outros colegas meus não quis adaptar a gente, então preferiu comunicar que a nossa profissão tinha acabado”				“Depois o laboratório o entretanto fechou, porque na altura houve uma lei em que as médicas tinham que optar ou por particular ou por hospital público, e para elas dava mais rendimento o trabalhar num hospital público e decidiram fechar o laboratório”				“Depois já andava lá há dois anos, entrei para lá a ganhar 40 contos por mês, na altura e eu via os meus amigos e os meus companheiros a ganharem mais do que eu, e eu ao fim ao cabo já sabia fazer qualquer e não passava dos 40 contos, acabei por falar com o patrão e deixei”

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados (cont.)

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Segundo emprego	“Sai da costura e fui trabalhar para uma fábrica cablagens”	“Depois entretanto passei para outro casal que tinha um filho pequeno, pronto fui empregada doméstica alguns anos”		“Depois trabalhei nas obras a dar serventia”	“Depois fui arranjar electrodomésticos”	“Comecei a trabalhar num colégio (...) era motorista e depois no espaço de ir buscar as crianças também ajudava nas actividades, a dar os almoços, aquelas coisinhas todas”	“Entretant o depois arranjei para uma fábrica de cablagens”	“Depois comecei a trabalhar numa fábrica de loiça (...) fazia a loiça, e gente fazia lá de tudo um pouco”	“Comecei por trabalhar numa mercearia e leitaria”	“Depois fui trabalhar numa casa em Lisboa, fui fazer limpezas, cuidar de duas crianças, fazia comer, pronto era uma empregada doméstica”	“Depois mais tarde andei a trabalhar como ajudante de electricista”
Duração	“Durante trinta e três anos e meio”			“Talvez aí uns três anos ou quatro”	“Durante sete meses”	“Estive lá mais ou menos 4 anos”	“Onde estive doze anos”	“Onde estive 18 anos”		“Estive lá só as férias de Verão”	
Motivo de cessação	“Foi a transferência da empresa, a transferência não, deslocação”				“Mas o patrão pagava mal e uma vez também tive muito doente, tive de ir à casa de banho, pronto estava mal disposto, e ele telefonou e como eu estava na casa de banho não pude atender, depois quando eu fui atender já não deu, segundo feira disse que eu tinha faltado e tal, chateei-me e pronto depois fui-me embora”	“Depois também sai desse colégio porque não estava satisfeita”	“Depois também fechou”	“Depois a patroa começou a não pagar e depois mandou-nos todas embora, a fábrica ainda está aberta mas é só com os patrões”		“Não gostei muito porque era muito longe e não gostava muito das pessoas (...) como aquilo era também para ir para o Algarve trabalhar para a casa deles, não dava”	

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados (cont.)

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Terceiro emprego		"Depois entretanto saí e fui para um infantário"		"Depois tive uma oportunidade vim para Lisboa, vim trabalhar para a indústria hoteleira"	"Depois disso voltei a ir para as obras"	"Fui para outro colégio, também era motorista e ajudava nos tempos livres as minhas colegas"			"Aos 16 anos comecei a trabalhar em pastelaria mesmo, era empregado de balcão e mesas"	"Depois estive numa loja de roupa"	"Estive a trabalhar como servente na construção civil"
Duração				"Estive aí uns 15 anos talvez"	"Um ano"					"A fazer um mês e tal de férias de uma amiga minha"	
Motivo de cessação				"Na última casa onde trabalhei saí zangado, porque a gente não tinha ordenado, naquela altura havia as percentagens, o cliente pagava 10% sob o serviço, sob o que consumia e era o ordenado do pessoal, então os novos patrões daqueles 10% queriam pagar ao gerente e dar dinheiro para aquilo tudo e eu mais outro colega não aceitámos isso, porque o gerente tinha sido também nosso colega, recebia com a gente, e depois saiu do serviço e passou a gerente, depois despediram-me, e depois até fomos para tribunal"							

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados (cont.)

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Quarto emprego		<i>“Depois do infantário fui fazer limpeza para uma firma de segurança”</i>		<i>“Fui para a Carris”</i>	<i>“Fui para distribuido r de bebidas”</i>	<i>“E depois estive ainda num café”</i>			<i>“Em 88, estabeleci- me por conta própria em restauração ”</i>	<i>“Foi num café”</i>	<i>“Depois também fui para pintor”</i>
Duração		<i>“Tive aí a trabalhar dezasseis anos”</i>		<i>“Na Carris tive 31 anos”</i>	<i>“Estive aí dois anos”</i>	<i>“Durante dois anos”</i>				<i>“No último ano de trabalho”</i>	
Motivo de cessação		<i>“Depois a firma ficou com dificuldade s e mandou-me embora mas não fechou”</i>		<i>“Pronto depois vim embora porque começaram a renovar, a meter computadore s e tal, depois propuseram- se ao abrigo da lei de 99, como eu já tinha muitos anos de desconto, 40 e tal anos de desconto, foi um acordo”</i>	<i>“Muita coisa, negócios obscuros que eles tinham lá, os gajos da carrinha, e então eu é que pagava por eles, então vim- me embora”</i>				<i>“Devido a um divórcio que surgiu no meu caminho eu tive de vender o restaurante e pronto parei por aí”</i>	<i>“Depois o café entretanto fechou e agora estou assim”</i>	

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados (cont.)

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Quinto emprego		“Depois fui trabalhar para uma firma de embalagem de ovos, de calibragem”			“Depois fui para hotelaria”				“Voltei a trabalhar no ramo de carpintaria novamente, numa empresa que fabricava estofos e essas coisas todas, mais ligada ao ramo do mobiliário, fabricavam colchões, e eu trabalhava na confecção dos esqueletos das poltronas, dos cadeirões, e de cabeceiras de cama e dessas coisas para forrar depois com napa”		“Também trabalhei como ajudante de camionista”
Duração		“Nessa empresa tive mais ou menos um ano”			“Durante 7 anos”				“10 anos”		“Durante três anos”
Motivo de cessação		“Eles também tiveram dificuldades depois mandaram-me embora, depois eu falei com eles e eu sei que acabei por ficar mais algum tempo para ter direito ao fundo de desemprego”			“Depois tive um problema ia quase batendo no patrão, ele estava sempre a rebaixar a gente, vale mais a gente se vir embora”				“Por força da extinção do posto de trabalho”		

Quadro 13: Percurso profissional dos entrevistados (cont.)

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
Sexto emprego		“Passado um tempo consegui arranjar trabalho em casa de uma senhora a fazer limpeza”			“Estive numa empresa de cockpits, dos tabliers de carros”						
Duração					“Estive 8 meses temporário e depois fui para contratos”						
Motivo de cessação					“De certeza que eles me mandaram embora porque eu fui sindicalizar-me”						
Sétimo emprego		“Depois no fim de estar aí fui trabalhar para uma lavandaria”									
Duração		“Onde trabalhei cinco anos”									
Motivo de cessação		“Entretanto a filha da patroa foi para lá trabalhar, mandou-me a mim embora”									

Quadro 14: Outras experiências de desemprego dos entrevistados

Outras experiências de desemprego	
Entrevista 1	É a primeira vez que estou desempregada.
Entrevista 2	Não, já é a terceira infelizmente.
Entrevista 3	Nunca estive, só agora.
Entrevista 4	Infelizmente já tive outras experiências de desemprego.
Entrevista 5	Não, mas desta vez está a prolongar-se mais do que é costume.
Entrevista 6	Não, mas há alguns anos atrás era com facilidade que se arranjava emprego, agora está tudo cada vez pior.
Entrevista 7	Não, antes de ir para esta última fábrica ainda estive um tempo desempregada.
Entrevista 8	Não, sai dos parque de campismo, fui logo trabalhar para a fábrica de loiças, por acaso tive sorte.
Entrevista 9	É a minha primeira experiência de desemprego, por força da extinção do posto de trabalho, porque senão continuaria.
Entrevista 10	Sim, mas pronto agora inscrevi-me mesmo no Centro de Emprego e das outras vezes não, porque arranjava logo qualquer coisa.
Entrevista 11	Não, andei tempos sem trabalho, andei alturas que cheguei a estar cerca de ano e meio sem trabalho.

Quadro 15: Frequências de outras experiências de desemprego dos entrevistados

		Já esteve desempregado	Nunca esteve desempregado
Sexo	Masculino	3	2
	Feminino	4	2
	Total	7	4
Idade	Até 30 anos	3	0
	31 a 50 anos	3	2
	> 50 anos	1	2
	Total	7	4
Escolaridade	4ª Classe	1	3
	6º Ano	4	1
	8º Ano	2	0
	Total	7	4
Tempo de desemprego	> 12 meses	4	3
	< 12 meses	3	1
	Total	7	4

Quadro 16: Alterações decorrentes da situação de desemprego

Alterações decorrentes da situação de desemprego		
Entrevista 1	Alterações económicas	A gente vai às compras e tem que se orientar mais ou menos com as coisas para todo o mês e depois lá se compra uma coisa por outra que faça falta.
	Perda de hábitos	perdi todos os hábitos que tinha, por exemplo levantar-me cedo todos os dias, ir ao café, ir às compras
Entrevista 2	Alterações económicas	Então as coisas cada vez ficam piores, altera-se tudo. Agora estou com muito mais dificuldades económicas, uma vez que também estou divorciada. É todos os dias a dar dinheiro, todos os dias a dar dinheiro e pronto, estou numa situação difícil como pode imaginar.
Entrevista 3	Alterações económicas	Olhe alterou-se 95%, alterou-se tudo, por exemplo tinha casa deixei de ter casa, deixei de pagar renda porque a minha verba agora é baixa, agora vivo numa casa alugada, a minha mulher também está no desemprego, também trabalhava em artes gráficas, pronto deixei de ter tudo.
Entrevista 4	Alterações económicas	Deixei de fazer madrugadas e serões, mas não sinto dificuldades, tenho a vida mais ou menos organizada, também estou a receber o subsídio de desemprego.
Entrevista 5	Alterações económicas	Muitas dificuldades económicas, e por exemplo todos os meses ia com a minha mulher e com as minhas duas filhas assim jantar fora, já não vou, e muitas coisas também, passear também não vou porque a gasolina está cara, passo a vida sempre em casa também.
Entrevista 6	Alterações económicas	Algumas dificuldades, porque o meu marido trabalha nas obras e umas vezes tem e outras não tem, e depois com esta concorrência foi muito abaixo.
Entrevista 7	Alterações económicas	Em termos económicos, neste momento ainda não sinto dificuldades porque o fundo de desemprego está a compensar, a gente ficamos mais ou menos com um ordenado, não fomos dos piores, por enquanto não estou a sentir grandes dificuldades.
	Perda de hábitos	Eu noto, agora nem tanto, mas ao início quando me levantava de manhã parece que não sabia o que havia de fazer, porque estava habituada a levantar-me, tomar banho e ir para o trabalho, depois parece que a minha vida parou ali naquele bocado, mas depois com a continuação aquilo parece que normalizou, depois comecei a sair, a andar e não sei quê, depois à procura de emprego agora nisto do fundo de desemprego, os carimbos e não sei quê, foi-se normalizando mas ao início, os primeiros meses foi assim um bocado difícil a adaptação, estar em casa sem fazer nada.
Entrevista 8	Alterações económicas	Tudo, eu tenho um filho na escola com 8 anos, por isso temos muitas despesas, e agora tem sido praticamente o meu marido com tudo.
Entrevista 9	Alterações económicas	Sinto muitas diferenças em termos económicos, eu tinha um ordenado de quase 1000€ e actualmente recebo 564€, é a complicação é essa.
Entrevista 10	Alterações económicas	Quando estava a trabalhar podia sair mais vezes, ia comprar montes de roupas, coisas assim, agora não posso, tenho de cortar muita coisa.
Entrevista 11	Alterações económicas	Agora tenho muitas dificuldades, quero ter dinheiro para as minhas coisas e não tenho, eu fumo, eu como, eu bebo, eu Preciso de dinheiro como toda a gente.

Quadro 17: Formas de ocupação do tempo

Formas de ocupação do tempo	
Entrevista 1	Há grandes diferenças, mas o tempo ocupado agora até o tenho devido a ir para a escola, a ir para o curso de formação profissional, RVCC, depois temos de fazer os trabalhos que eles nos mandam fazer.
Entrevista 2	Tenho uma casa muito grande para limpar, tenho sempre que fazer, vou ao café só para ver o jornal, para ver os anúncios, para ver se arranjo assim alguma coisita. Vou ao café todos os dias, a seguir ao almoço, bebo o meu cafezito, é onde eu gasto o meu dinheiro mal gasto, não vou para lado nenhum. Às vezes vou ao pinhal com os cachorros e vou à cada das minhas irmãs também.
Entrevista 3	Olhe andar aí a passear, (...) morava noutra zona, e depois viemos para aqui, estamos aqui há sensivelmente dois anos e aqui não há nada para fazer. Estou aqui só porque arranjei uma casa alugada mais barata, mais nada, porque senão saía daqui.
Entrevista 4	Nos primeiros meses foi complicado, escrevi um livro, arranjei uma hortazita, tenho um terreno, e tenho uma horta lá ao pé, pego na bicicleta e vou para lá.
Entrevista 5	Normalmente fico em casa, e procuro empregos na Internet.
Entrevista 6	Vou ocupando o meu tempo, tenho uma máquina industrial e vou fazendo costura, limpo a minha casa, ando com a minha neta para um lado e para o outro, é assim que eu ocupo a minha vida, e a acompanhar o meu filho que é atleta.
Entrevista 7	Agora neste momento estou no RVCC, e depois trazemos é muitos trabalhos para casa e agora neste momento isso tem-me ocupado muito tempo nestes últimos meses, desde Janeiro até aqui. É assim não estou a trabalhar mas estou ocupada por isso tenho notado outra diferença, parece que tenho um trabalho.
Entrevista 9	Não me sinto frustrado porque tenho sempre qualquer coisa que me entretenha em casa para fazer, os pássaros e essas coisas todas.
Entrevista 10	Estou sempre aqui a ver algum trabalho, vou procurando. Estou inscrita no Centro de Emprego também para cursos, mas o curso começou, não haviam pessoas.
Entrevista 11	Por vezes de volta do computador, outras vezes ando de bicicleta, gosto bastante de andar de bicicleta.

Quadro 18: Frequências das diligências efectuadas para encontrar emprego

		Procura nos jornais	Dirige-se a pessoas conhecidas	Dirige-se a empresas de recrutamento	Procura na Internet
Sexo	Masculino	3	0	1	1
	Feminino	5	1	0	2
	Total	8	1	1	3
Idade	Até 30 anos	2	0	1	2
	31 a 50 anos	4	1	0	1
	> 50 anos	2	0	0	0
	Total	8	1	1	3
Escolaridade	4ª Classe	3	1	0	0
	6º Ano	3	0	1	1
	8º Ano	2	0	0	2
	Total	8	1	1	3
Tempo de desemprego	> 12 meses	5	1	0	1
	< 12 meses	3	0	1	2
	Total	8	1	1	3

Quadro 19: Respostas às tentativas de encontrar emprego

Respostas às tentativas de encontrar emprego	
Entrevista 1	Nada, nunca tive uma resposta.
Entrevista 2	Não me têm respondido a nada
Entrevista 3	Nada.
Entrevista 4	Não me responderam a nada.
Entrevista 5	Não, eles não respondem.
Entrevista 6	Tive uma aqui há poucos meses, chamaram-me para ir ali a um infantário, era como motorista, só que fui lá fiz os testes psicotécnicos, calhou tudo bem mas até hoje, davam-me uma resposta mas não me chamaram.
Entrevista 7	Nada, não tenho tido respostas nenhuma. Tenho mandado mail's, nem sequer me respondem, pela Internet nem sequer me respondem.
Entrevista 8	Respostas ainda não tive nenhuma.
Entrevista 9	Nada, todas as portas a que tenho batido, e já foram algumas.
Entrevista 10	Não, já mandei montes de currículos, nunca me chamam, não tenho nem uma resposta.
Entrevista 11	Não tenho tido respostas.

Quadro 20: Factores que dificultam a reinserção profissional segundo os entrevistados

Factores que dificultam a reinserção profissional		
Entrevista 1	Idade	É devido à idade.
	Baixa escolaridade	E à escolaridade.
	Doenças profissionais	Ninguém me quer com esta idade e ainda por cima cheia de tendinites.
Entrevista 2	Idade	É por causa da idade.
	Baixa escolaridade	O que me vale a mim ir lá levar o currículo se eu tenho a 4.ª classe?! Devem haver lá muitos currículos de miúdas que têm o 12.º ano e eu só tenho a 4.ª classe, o que é que me vale a mim ir para Lisboa que eu vou gastar 10€, e não vai valer a pena? E nunca lá fui entregar o currículo por causa disso, eu tenho a certeza que há-de haver lá pessoal mais qualificado do que eu, só que tenha o 9.º ano. De certeza que vão meter uma pessoa com o 9.º ano e vão deixar uma de 4.ª classe para trás.
	Baixa escolaridade	Não tenho escolaridade e é evidente que uma pessoa que vá pôr uma pessoa a trabalhar, mete uma pessoa com mais escolaridade.
Entrevista 3	Fraca capacidade de lidar com as novas tecnologias	Porque é a tecnologia, porque não se interessam em que a pessoa saiba a profissão, com 35 anos de profissão a pessoa sabe. Mas a eles não interessa, o que interessa é meter jovens, mesmo que não saibam mas pronto estão lá, ganham muito menos, ao fim de 3, 4, 5, 6 meses já sabem a nova tecnologia não sei quê, e pronto e para eles rende mais.
Entrevista 4	Idade	Com a minha idade não interessa, não vale a pena.
Entrevista 5	Idade	Muitas vezes é a idade também, eu tenho 29 anos, ainda estou novo, mas alguns pedem pessoas mais novas.
	Baixa escolaridade	A maioria das vezes é pela escolaridade.
Entrevista 6	Idade	Acho que é por causa da idade, não dão oportunidade aquelas pessoas que têm já cabeça e sabem aquilo que querem que é o meu caso.
	Baixa escolaridade	A escolaridade também conta, eles querem é pessoas bem preparadas, com o 9.º ano pelo menos.
Entrevista 7	Idade	Depois olham para a idade, porque para arranjar emprego somos já velhas, ficam lá com a ficha mas é uma coisa como que desprezo. Já fui também inscrever-me a vários hipermercados, eles vêem mas só olham para a idade e ficam assim. Nota-se logo a maneira da pessoa, como quem diz esta ficha fica de lado.
	Doenças profissionais, tendinites, dizem logo.	Nas fábricas, quando sabem que eu tive 12 anos naquela fábrica, e como sabem que nós geralmente ficamos com doenças
Entrevista 8	Idade	A idade, pronto tenho 38.
	Baixa escolaridade	No meu caso também é a escolaridade.
	Experiência profissional anterior em área muito especif	Também tenho ido aos hipermercados eles perguntam qual é a experiência que eu tenho e eu digo que foram esses 18 anos a trabalhar num fábrica de loiça, mesmo para as limpezas e tudo está assim. Tenho dado o nome e tudo, só que até agora ainda nada, tem sido muito difícil, é o que eles dizem “se você trabalhasse noutra área...”, mas assim é só nas Caldas da Rainha.
	Não ter a carta de condução	Não tenho a carta, em muitos empregos a primeira coisa que pedem é logo a carta de condução. Se tivesse a carta era mais fácil, porque há certos trabalhos das limpezas, que se a pessoa tiver a carta eles dizem vá a tal sítio a pessoa vai com o seu próprio carro, ou então com o próprio carro da empresa.
	Ter filhos pequenos	Também perguntam em muitos trabalhos é filhos, se a gente diz que tem um filho pequeno começam logo a meter muitas dificuldades.
Entrevista 9	Idade	Todos me dizem a mesma coisa, que a minha idade já não é a ideal para começar a trabalhar numa empresa, pronto, eu penso que o factor principal é a idade que prejudica a inserção no mercado de trabalho, tenho a certeza absoluta disso, porque as pessoas olham para uma pessoa a partir dos 40 anos já não serve, quando a experiência profissional por vezes é que deveria contar em termos de idoneidade, eu penso que é assim, mas pronto a mentalidade das pessoas é essa, por isso é que há tanto trabalho precário que as pessoas vão aceitando todas essas situações de subjugarem-se a certas e determinadas determinações dessas empresas. As pessoas olham para um jovem pode não ter experiência mas como é novo são capazes de dar uma oportunidade e a uma pessoa de mais idade dizem logo você já não tem idade para trabalhar, é o que me tem respondido a maior parte das pessoas, fui a contactos com empresas a semana passada, aliás desde o principio do mês, 5 empresas que eu fui bater à porta, nem que fosse para o armazém ou qualquer coisa, a resposta que me dão é essa, o Sr. já tem uma certa idade.
Entrevista 10	Baixa escolaridade	Porque não tenho o 9.º ano. Muitas vezes inscrevo-me, e perguntam se tenho o 9.º ano e eu digo que não, tenho o 8.º, e eles respondem, se for preciso a gente chama-te, mas não chamam porque eu não tenho o 9.º ano, nem que seja para trabalhar num café, nem que seja para varrer ruas é preciso o 9.º ano, acho isso um bocado mau, não dão oportunidades.
Entrevista 11	Baixa escolaridade	Por causa de só ter o 6º ano.

Quadro 21: Factores que dificultam a reinserção profissional segundo os entrevistados

		Idade	Baixa escolaridade	Fraca capacidade de lidar com as novas tecnologias	Experiência profissional em área específica	Doenças profissionais	Não ter a carta de condução	Ter filhos pequenos
Sexo	Masculino	3	2	1	0	0	0	0
	Feminino	5	5	0	1	2	1	1
	Total	8	7	1	1	2	1	1
Idade	Até 30 anos	1	3	0	0	0	0	0
	31 a 50 anos	5	4	0	1	2	1	1
	> 50 anos	2	0	1	0	0	0	0
	Total	8	7	1	1	2	1	1
Escolaridade	4ª Classe	3	2	1	0	1	0	0
	6º Ano	4	4	0	1	0	1	1
	8º Ano	1	1	0	0	1	0	0
	Total	8	7	1	1	2	1	1
Tempo de desemprego	> 12 meses	6	4	1	1	2	1	1
	< 12 meses	2	3	0	0	0	0	0
	Total	8	7	1	1	2	1	1

Quadro 22: Experiências de formação profissional

Experiências de formação profissional		
Entrevista 1	Área de formação	Estou a frequentar um curso de formação profissional, o RVCC.
		Só na área de cablagens, tive um cursozito de bombeiros, mas foi obrigatório.
Entrevista 2	Área de formação	Só fiz o curso de dactilografia, tirei porque precisava, era telefonista na firma, mas também escrevia à máquina.
Entrevista 3	Nunca frequentou formação	Não, nunca me disseram para fazer nada.
Entrevista 4	Área de formação	Fiz cursos em áreas específicas de formação como atendimento, aprender a trabalhar com o público. Também fiz curso de mecânica, até gostava daquilo, era sobre como funcionavam os eléctricos, dos sistemas de portas e daquilo tudo, eram daqueles eléctricos antigos que depois começaram a ser modernizados e eu acompanhei aquilo tudo, depois quando a gente pensa que sabe alguma coisa não sabe nada, isso é que me revolta.
Entrevista 5	Área de formação	Tive uma formação em ergonomia, só tive essa, tenho o certificado em casa.
		Agora durante o desemprego tive a frequentar o inglês que é para ir para um hotel, mas não acabei.
		Também já tive nisso de fazer o 7.º, 8.º e 9.º, mas não acabei, entretanto as minhas filhas nasceram.
Entrevista 6	Área de formação	Ainda andei a tentar tirar o curso de computadores, mas depois desisti.
Entrevista 7	Área de formação	Na fábrica onde trabalhei eles deram-me formação, mas era tudo à base de formação específica. Agora estou a fazer o RVCC, estou a aprender muitas coisas. Por exemplo, não sabia praticamente trabalhar com computadores, neste momento eles lá exigem os trabalhos feitos em computador, e isso foi uma boa maneira de eu aprender, fiquei a saber mais.
Entrevista 8	Nunca frequentou formação	Nunca tive formação, mas tenho andado a falar com o meu marido para ver se voltava a estudar até ao 9º, porque agora para qualquer trabalho pedem o 9º ano.
Entrevista 9	Nunca frequentou formação	Nada, fui adquirindo experiência. Não me deram nenhuma informação sobre isso, aliás eu penso que estes três anos que eles me deram de fundo de desemprego é para passar para a reforma directamente aos 60 anos, não vejo outra hipótese, eles nem me propuseram nada, nada de formação.
Entrevista 10	Nunca frequentou formação	Não frequentei, mas já me inscrevi duas vezes, a primeira vez inscrevi-me para contabilidade e para informática, fiz os testes e tudo, não me chamaram, agora na segunda vez tentei outra coisa, como adoro informática, então inscrevi-me para manutenção de computadores, disseram-me que tinha muita saída e que o curso ia começar, fiz outra vez os testes, chamaram-me para preencher uns papéis, mas até hoje nada.
Entrevista 11	Área de formação	Estou agora a tirar o 9.º ano com o curso de informática e também tinha tirado um curso de competências básicas que conclui.

Quadro 23: Frequências das experiências de formação profissional

		Nunca frequentou formação	Frequentou/frequenta formação
Sexo	Masculino	2	3
	Feminino	2	4
	Total	4	7
Idade	Até 30 anos	1	2
	31 a 50 anos	1	4
	> 50 anos	2	1
	Total	4	7
Escolaridade	4ª Classe	2	2
	6º Ano	1	4
	8º Ano	1	1
	Total	4	7
Tempo de desemprego	> 12 meses	2	5
	< 12 meses	2	2
	Total	4	7

Quadro 24: Motivação para frequentar formação

Motivação para frequentar formação		
Entrevista 1	Não se sente motivado para frequentar formação	Eu acho que aquilo ali não me vai garantir grande coisa. Eu gostava realmente de tirar pelo menos o 9.º ano mas gostava de uma coisa diferente, não é aquilo, com o método que eles utilizam, porque é assim as primeiras aulas que nós damos eles não nos ensinam nada, eles só vêm as nossas capacidades. Eu nunca trabalhei com um computador, e eles nunca me ensinaram, agora é que me vão ensinar, futuramente, quando eu começar a ter aulas de apoio é que vão-me ensinar a trabalhar, antes disso ninguém me ensinou nada, só mesmo para eles terem noção da nossa experiência à base de fichas.
Entrevista 2	Não se sente motivado para frequentar formação	Sinceramente não. Quando uma vez fui ao centro profissional, a Sr.ª falou de um curso que iam fazer e não sei quê, já não me recordo muito bem, mas eu estava a tratar das coisas do divórcio e estava num estado lastimável, e disse, eu não tenho cabeça para ir fazer nada e então depois não fui.
Entrevista 3	Não se sente motivado para frequentar formação	Já não. Fazer formação por fazer não, se tivesse a certeza que a formação me ia ajudar a arranjar emprego eu ainda ia tentar fazer, mas com a minha idade já não penso nisso.
Entrevista 4	Não se sente motivado para frequentar formação	Agora já não, até porque já não ia adiantar nada.
Entrevista 5	) Sente-se motivado para frequentar formação	Eu queria ver se acabava o curso de inglês, acho que é muito importante para o tipo de trabalho que quero.
Entrevista 6	Não se sente motivado para frequentar formação	Hoje já não sei se valia a pena.
Entrevista 7	Sente-se motivado para frequentar formação	Sinto, pode ser que ajude, vamos lá ver.
Entrevista 8	Sente-se motivado para frequentar formação	Sinto, acho que podia ajudar.
Entrevista 9	Não se sente motivado para frequentar formação	Agora também não vale a pena tirar um curso. Tirar uma formação só por ter uma formação, ninguém me dava emprego com certeza, não tinha qualquer interesse em fazer formação, agora com 57 anos, para quê? Para que me servia?
Entrevista 10	Sente-se motivado para frequentar formação	Sinto, quero tentar melhorar a minha situação.
Entrevista 11	Sente-se motivado para frequentar formação	Sinto muito motivado mesmo, vai-me ajudar a nível de emprego.

Quadro 25: Frequências de motivação para frequentar formação

		Sente-se motivado para frequentar formação	Não se sente motivado para frequentar formação
Sexo	Masculino	2	3
	Feminino	3	3
	Total	5	6
Idade	Até 30 anos	3	0
	31 a 50 anos	2	3
	> 50 anos	0	3
	Total	5	6
Escolaridade	4ª Classe	0	4
	6º Ano	3	2
	8º Ano	2	0
	Total	5	6
Tempo de desemprego	> 12 meses	2	5
	< 12 meses	3	1
	Total	5	6

Quadro 26: Importância da formação para arranjar emprego

Importância da formação para arranjar emprego		
Entrevista 1	Não é importante	Nem pensar, está fora de questão.
Entrevista 2	Não é importante	Mesmo que fizesse formação não conseguia arranjar emprego na mesma.
Entrevista 3	Não é importante	Fazer formação por fazer não, se tivesse a certeza que a formação me ia ajudar a arranjar emprego eu ainda ia tentar fazer, mas com a minha idade já não penso nisso.
Entrevista 4	Não é importante	Não ia, tenho a certeza disso, não valia a pena andar a chatear-me com isso.
Entrevista 5	É importante	Acho, o inglês é essencial para trabalhar em hotelaria.
Entrevista 6	Não é importante	Muito sinceramente, acho que não.
Entrevista 7	É importante	Talvez isso me ajude, ficando com o 9.º ano talvez me ajude um bocadinho, mas eu acho que o meu entrave será mais a idade.
Entrevista 8	É importante	Sinto, acho que podia ajudar.
Entrevista 9	Não é importante	Tirar uma formação só por ter uma formação, ninguém me dava emprego com certeza, não tinha qualquer interesse em fazer formação, agora com 57 anos, para quê? Para que me servia? Só para ganhar conhecimentos, para isso leio lá os livros que tenho lá em casa, vou adquirindo conhecimentos de cultura geral e por aí a fora.
Entrevista 10	É importante	Vai, primeiro vou ter logo o 9.º ano e eu gostava de seguir até ao 12.º. Em cursos é diferente do que a escola normal então eu gostava mesmo de seguir e acho que tendo o 12.º ano é mais fácil arranjar emprego.
Entrevista 11	É importante	Sim. Eu também não quero ficar só com o 9.º ano, quero ver se consigo tirar o 12.º, quando tirar o 12.º eu tenho quem me coloque num trabalho bom.

Quadro 27: Importância da formação para encontrar emprego

		É importante	Não é importante
Sexo	Masculino	2	3
	Feminino	3	3
	Total	5	6
Idade	Até 30 anos	3	0
	31 a 50 anos	2	3
	> 50 anos	0	3
	Total	5	6
Escolaridade	4ª Classe	0	4
	6º Ano	3	2
	8º Ano	2	0
	Total	5	6
Tempo de desemprego	> 12 meses	2	5
	< 12 meses	3	1
	Total	5	6

Quadro 28: Perspectivas para o futuro

Perspectivas para o futuro		
Entrevista 1	Investir na procura de emprego	Vou continuar à procura de emprego, mas sinceramente acho que a única coisa que me espera é a limpeza para fora, tenho de fazer a da minha casa e tenho de arranjar uma senhora ou duas para eu trabalhar, ninguém me quer com esta idade e ainda por cima cheia de tendinites.
Entrevista 2	Continuar no desemprego	Estou a ver a minha vida com muitas dificuldades. Se eu no fundo de desemprego nunca consegui arranjar nada, agora não é que não devo arranjar mesmo. Eu dizia assim, vou trabalhar a dias quando acabar o fundo de desemprego, mas é que nem a dias se arranja, é muito difícil.
Entrevista 3	Reforma	Não são nenhuma, é agora quando atingir os 55 anos vou para a pré-reforma. Não penso em trabalhar por conta própria porque nas artes gráficas investe-se muito dinheiro, é muita secção e pronto é muito caro.
Entrevista 4	Reforma	Perspectivas de emprego não são nenhuma, por isso já meti os papéis para a reforma, estou a aguardar que eles me chamem.
Entrevista 5	Investir em formação	Quero tirar um curso de inglês para ir para um hotel, trabalho tenho de certeza, vão-me arranjar, agora só preciso de acabar de tirar o curso.
Entrevista 6	Continuar no desemprego	Em termos de emprego não, não vejo nenhuma. Gostava de me sentir útil em alguma coisa, não estar parada, já sou uma pessoa com esta idade mas sou muito activa, e agarro-me a qualquer coisa nem que seja para esfregar escadas mas é chato a situação em que nós nos encontramos em Portugal, não dão as oportunidades, há pessoas com bastante experiência e não lhes dão oportunidades e dão aos novos e os novos não têm responsabilidade.
Entrevista 7	Investir na procura de emprego	Estou a espera de acabar o RVCC, para começar a procurar emprego a sério, porque até aqui tenho só mandado currículos porque me exigem.
Entrevista 8	Continuar no desemprego	Não sei, eu acho que vou continuar no desemprego porque isto está a ficar muito difícil, está mais difícil do que antigamente porque eu quando estive a trabalhar, lembro-me muito bem de quando tive o meu filho, até na altura era eu e outra rapariga que estávamos grávidas, os meus patrões recorreram ao fundo de desemprego para porem lá alguém, e via-se que passava por lá muita gente a trabalhar, e hoje em dia já não, acho que complicou muito.
Entrevista 9	Investir na procura de emprego	Vou continuar a procurar, pode ser que me surja alguma oportunidade, não estou desmotivado, porque tenho a certeza que há-de aparecer alguma coisa para eu me entreter nem que seja em part-time, isso já era muito bom, para juntar ao que recebo mais qualquer coisa. Eu neste momento podia reformar-se, mas com uma penalização de 34%, não convinha nada.
Entrevista 10	Investir na procura de emprego	Tentar arranjar trabalho, mas caso não consiga a única opção que eu agora estou a ver é sair do país, arranjar noutro sítio. Aqui está difícil e eu namoro, já namoro há algum tempo, estou mais à espera que o meu namorado tenha a nacionalidade para sairmos mesmo, estamos mesmo numa de ir para fora, temos amigos que chegaram lá e num mês compraram casa, tenho um amigo meu que está a trabalhar na Irlanda, num mês e tal comprou casa, é bom, conseguiu comprar casa, também a ganhar setenta e tal contos por semana, isso é o que a gente ganha num mês praticamente. Não estou a ver outra saída, isto está muito mau aqui, mesmo que a gente arranje trabalho, estamos lá um mês e tal, ou porque abre falência, ou porque não nos querem passar a efectivos mandam-nos embora e tudo e mais alguma coisa, eu não vou estar sempre a saltar de um em um, quero comprar casa não posso, porque tenho de ter trabalho mesmo certo, e aqui não dá para ter trabalho certo, eu já vi, acho que já tenho uma boa experiência disso, em dois anos já tive não sei quantos trabalhos, é muito mau, enfim.
Entrevista 11	Investir em formação	Tirar o 12.º, dê por onde der eu vou até ao fim.

Quadro 29: Perspectivas para o futuro

		Reforma	Investir em formação	Continuar no desemprego	Investir na procura de emprego
Sexo	Masculino	2	2	0	1
	Feminino	0	0	3	3
	Total	2	2	3	4
Idade	Até 30 anos	0	2	0	1
	31 a 50 anos	0	0	3	2
	> 50 anos	2	0	0	1
	Total	2	2	3	4
Escolaridade	4ª Classe	1	0	1	2
	6º Ano	1	2	2	0
	8º Ano	0	0	0	2
	Total	2	2	3	4
Tempo de desemprego	> 12 meses	2	0	3	2
	< 12 meses	0	2	0	2
	Total	2	2	3	4